O Fator Melquisedeque

o testemunho de Deus nas culturas através do mundo

Don Richardson

Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo.

Também pôs *a eternidade no coração do homem*,

sem que este possa descobrir as obras que Deus

fez desde o princípio até ao fim.

(Ec 3.11, grifo acrescentado.)

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Richardson, Don, 1935-
O fator Melquisedeque : o testemunho de Deus nas culturas através do mundo / Don Richardson ; tradução de Neyd Siqueira. -- São Paulo : Vida Nova, 1995.

Título original: Eternity in their hearts.
Bibliografia.
ISBN 85-275-0081-7

1. Jesus Cristo - Miscelânea 2. Religião I. Título.

95-3156 CDD-266

Índices para catálogo sistemático

1. Missões : Cristianismo 266

O Fator Melquisedeque

o testemunho de Deus nas culturas através do mundo

Don Richardson

Tradução
Neyd Siqueira

Título do original: *Eternity in their hearts*
Traduzido da edição publicada pela
Regal Books (Ventura, Califórnia, EUA)

1ª. edição: 1986
Reimpressões: 1989, 1991, 1995
2ª. edição: 1998
Reimpressões: 1999, 1999², 2001, 2002

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

ISBN 85-275-0081-7

PREPARAÇÃO DE TEXTO
ROBINSON MALKOMES

REVISÃO DE PROVAS
VERA LÚCIA DOS SANTOS BARBA

CAPA
RICARDO MARTINS MELO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
ROBINSON MALKOMES

CONTEÚDO

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Em *O Fator Melquisedeque*, Don Richardson dá outro importante passo missiológico, além daquele dado em *O Totem da Paz*. Ali, o autor demonstrou que o evangelho penetra eficazmente quando o missionário descobre e utiliza um ponto de contato cultural. Agora, o autor vai mais além.

Na obra em pauta, Richardson trata da revelação em dois níveis: O "Fator Abraão" e o "Fator Melquisedeque". O primeiro desenvolve o conceito e as implicações missionárias da revelação especial exarada nas Escrituras. As conclusões do capítulo sobre Atos são surpreendentes. O segundo fator, que dá o título ao livro, fala da revelação original que deixou um importante rastro na memória dos povos denominados "primitivos". Daí surgiu o título usado na edição original, *Eternity in Their Hearts* (Eternidade em Seus Corações). Richardson argumenta que Deus deixou um testemunho profundo, que pode e deve ser aproveitado como ponto de contato pelo missionário. A título de exemplo de sua tese, o autor trata com amplitude científica dois aspectos deste testemunho: por um lado, a lembrança de um Deus bom e soberano; por outro, a idéia persistente de um emissário que trará um livro sagrado.

A leitura de *O Fator Melquisedeque* une o útil ao agradável. O estilo de Richardson prende o leitor. Suas idéias revestem-se de histórias que são, ao mesmo tempo, interessantes e verídicas. Ele vasculhou a literatura da religião comparada para demonstrar amplamente a existência e importância do "Fator Melquisedeque". A profundeza das implicações missiológicas não perturba a leitura. Recomendo o estudo deste livro e o debate de suas idéias.

Richard J. Sturz

PARTE I

UM MUNDO PREPARADO PARA O EVANGELHO

– O Fator Melquisedeque –

1

POVOS DO DEUS REMOTO

OS ATENIENSES

Em alguma época, durante o sexto século antes de Cristo, numa reunião do conselho na Colina de Marte, em Atenas...

"Diga-nos, Nícias, que aviso o oráculo de Pítias lhe deu? Por que esta praga caiu sobre nós? E por que os inúmeros sacrifícios realizados de nada adiantaram?"

O impassível Nícias olhou de frente o presidente do conselho. "A sacerdotisa declara que nossa cidade se encontra sob uma terrível maldição. Um certo deus a colocou sobre nós por causa do medonho crime de traição do rei Megacles contra os seguidores de Cylon –"

"É verdade! Lembro-me agora", disse sombriamente outro membro do conselho. "Megacles obteve a rendição dos seguidores de Cylon com uma promessa de anistia, depois violou prontamente sua própria palavra e os matou! Mas qual é o deus que ainda nos condena por esse crime? Já oferecemos sacrifícios de expiação a todos os deuses!"

"Não é bem assim", replicou Nícias. "A sacerdotisa afirma que resta ainda um deus a ser apaziguado."

"Quem poderia ser?" perguntaram os anciãos, olhando incrédulos para Nícias.

"Não posso contar-lhes", respondeu ele. "O próprio oráculo parece não saber o seu nome. Ela disse apenas que..."

Nícias fez uma pausa, observando as faces ansiosas de seus colegas. Enquanto isso, da cidade enlutada à volta deles ouvia-se o eco de milhares de cânticos fúnebres.

Nícias continuou: "...precisamos enviar um navio imediatamente a Cnossos, na ilha de Creta, e trazer de lá para Atenas um homem chamado Epimênides. A sacerdotisa assegurou-me que *ele* saberá

como apaziguar esse deus ofendido, livrando assim a nossa cidade.

"Não existe alguém suficientemente sábio aqui em Atenas?" esbravejou um ancião indignado. "Temos de apelar para um... um *estrangeiro*?"

"Se conhece algum grande sábio em Atenas pode chamá-lo", disse Nícias. "Caso contrário, cumpramos simplesmente as ordens do oráculo."

Um vento frio – frio como se tocado pelos dedos gélidos do terror que varria Atenas, fez-se presente na câmara de mármore branco do conselho na Colina de Marte. Um ancião após outro aconchegou-se mais em seu manto de magistrado e refletiu sobre as palavras de Nícias.

"Vá em nosso nome, meu amigo", disse o presidente do conselho. "Traga esse Epimênides, se atender ao seu pedido. E se ele livrar nossa cidade, nós o recompensaremos."

Os demais membros do conselho concordaram. O calmo Nícias, de voz suave, levantou-se, inclinando-se diante da assembléia e deixando a câmara. Ao descer a Colina de Marte, ele se encaminhou para o porto de Pireu, que ficava a 13 km de distância, na Baía de Falerom. Um navio achava-se ali ancorado.

Epimênides desceu agilmente para a terra, em Pireu, seguido de Nícias. Os dois homens encaminharam-se de imediato para Atenas, recobrando aos poucos a força das pernas depois da longa viagem por mar, desde Creta. Ao entrarem na já mundialmente famosa "cidade dos filósofos", os sinais da praga eram vistos por toda a parte. Mas Epimênides observou outra coisa:

"Nunca vi tantos deuses!" exclamou o cretense para o seu guia, piscando surpreso. Falanges ladeavam os dois lados da estrada que saía do Pireu. Outros deuses, centenas deles, adornavam uma escarpada rochosa chamada acrópole. Uma geração mais tarde, os atenienses construiram ali o Partenon.

"Quantos são os deuses de Atenas?" inquiriu Epimênides.

"Várias centenas pelo menos!" replicou Nícias.

"Várias centenas!" foi a exclamação espantada de Epimênides. "Aqui é mais fácil encontrar deuses do que homens!"

"Tem razão!" riu o conselheiro Nícias. "Não sei quantos provérbios já foram feitos sobre 'Atenas, a cidade saturada de deuses'. Com a mesma facilidade que se tira uma pedra da pedreira, outro deus é trazido para a cidade!"

Nícias parou repentinamente, refletindo sobre o que acabara de dizer. "Todavia", começou pensativo, "o oráculo de Pítias declara que os atenienses precisam apaziguar ainda um outro deus. E *você*,

Epimênides, deve promover a intercessão necessária. Ao que parece então, apesar do que eu disse, nós, atenienses, ainda precisamos de mais um deus!"

Jogando a cabeça para trás e rindo, Nícias exclamou: "Realmente, Epimênides, não consigo adivinhar quem poderia ser esse outro deus. Os atenienses são os maiores colecionadores de deuses no mundo! Já saqueamos as teologias de muitos povos das vizinhanças, apoderando-nos de toda divindade que possamos transportar para a nossa cidade, por terra ou por mar!"

"Talvez seja *esse* o seu problema", disse Epimênides com um ar misterioso.

Nícias piscou os olhos para o amigo, sem compreender. Como que desejasse um esclarecimento desse último comentário, mas alguma coisa na atitude de Epimênides o silenciou. Momentos depois chegaram a um pórtico com piso de mármore, junto à câmara do conselho na Colina de Marte. Os anciãos de Atenas já haviam sido avisados e o conselho os esperava.

"Epimênides, agradecemos sua..." começou o presidente da assembléia.

"Sábios anciãos de Atenas, não há necessidade de agradecimentos." Epimênides interrompeu. "Amanhã, ao nascer do sol, tragam um rebanho de ovelhas, um grupo de pedreiros e uma grande quantidade de pedras e argamassa até a ladeira coberta de relva, ao pé desta rocha sagrada. As ovelhas devem ser todas sadias e de cores diferentes – algumas brancas, outras pretas. Vocês não devem deixá-las comer depois do descanso noturno. É preciso que sejam ovelhas *famintas*! Vou agora descansar da viagem. Acordem-me ao amanhecer."

Os membros do conselho trocaram olhares curiosos, enquanto Epimênides cruzava o pórtico em direção a um quarto sossegado, enrolando-se em seu manto como num cobertor e sentando-se para meditar.

O presidente voltou-se para um dos membros jovens do conselho. "Veja que tudo seja feito como ele ordenou", disse ele.

"As ovelhas estão aqui", falou o membro jovem, humildemente. Epimênides, despenteado e ainda meio dormindo, saiu de seu descanso e seguiu o mensageiro até a ladeira que ficava na base da Colina de Marte. Dois rebanhos – um de ovelhas pretas e brancas e outro de conselheiros, pastores e pedreiros – achavam-se à espera, debaixo do sol que nascia. Centenas de cidadãos, desfigurados por outra noite de vigília cuidando dos doentes atingidos pela praga e chorando pelos mortos, galgaram os pequenos outeiros e ficaram ob-

servando ansiosos.

"Sábios anciãos", começou Epimênides, "vocês já se esforçaram muito ofertando sacrifícios aos seus numerosos deuses; entretanto, tudo se mostrou inútil. Vou agora oferecer sacrifícios baseado em três suposições bem diferentes das suas. Minha primeira suposição..."

Todos os olhos estavam fixos no cretense de elevada estatura; todos os ouvidos atentos para captar suas próximas palavras.

"...é que existe ainda outro deus interessado na questão desta praga – um deus cujo nome não conhecemos e que não está, portanto, sendo representado por qualquer ídolo em sua cidade. Segundo, vou supor também que este deus é bastante poderoso – e suficientemente bondoso para fazer alguma coisa a respeito da praga, se apenas pedirmos a sua ajuda."

"Invocar um deus cujo nome é desconhecido?" exclamou um dos anciãos. "Isso é possível?"

"A terceira suposição é a minha resposta à sua pergunta", replicou Epimênides. "Essa hipótese é muito simples. Qualquer deus suficientemente grande e bondoso para fazer algo a respeito da praga é também poderoso e misericordioso para nos favorecer em nossa ignorância – se *reconhecermos* a mesma e o invocarmos!"

Murmúrios de aprovação misturaram-se com o balido das ovelhas famintas. Os anciãos de Atenas jamais tinham ouvido essa linha de raciocínio antes. Mas, por que, perguntavam eles, as ovelhas deviam ser de cores diferentes?

"Agora!" gritou Epimênides, "preparem-se para soltar as ovelhas na ladeira sagrada! Uma vez soltas, deixem que cada animal paste onde quiser, mas façam com que seja seguido por um homem que o observe cuidadosamente." A seguir, levantando os olhos para o céu, Epimênides orou com voz profunda e cheia de confiança: "Ó, tu, deus desconhecido! Contempla a praga que aflige esta cidade! E se de fato tens compaixão para perdoar-nos e ajudar-nos, observa este rebanho de ovelhas! Revela tua disposição para responder, eu peço, fazendo com que qualquer ovelha que te agrade deite na relva em vez de pastar. Escolha as brancas se elas te agradarem; as pretas se te causarem prazer. As que escolheres serão sacrificadas a ti – reconhecendo nossa lamentável ignorância do teu nome!"

Epimênides sentou-se na grama, inclinou a cabeça e fez sinal aos pastores que guardavam o rebanho. Estes vagarosamente se afastaram. Com rapidez e voracidade, as ovelhas se espalharam pela colina, começando a pastar. Epimênides ficou ali sentado como uma estátua, com os olhos baixos.

"É inútil", murmurou baixinho um conselheiro. "Mal amanheceu

e raras vezes vi um rebanho tão faminto. Nenhum animal vai deitar-se antes de encher o estômago e quem acreditará então que foi um deus que o levou a isso?"

Epimênides deve ter escolhido esta hora do dia deliberadamente!" respondeu Nícias. "Só assim poderemos saber que a ovelha que se deitar o fará em obediência à vontade desse deus desconhecido, e não por sua própria inclinação!"

Mal Nícias terminara de falar quando um pastor gritou: "Olhem!" Todos os olhos se voltaram para ver um carneiro dobrar os joelhos e deitar-se na relva.

"Eis aqui outro!" bradou um conselheiro surpreso, fora de si por causa do espanto. Em poucos minutos algumas das ovelhas se achavam acomodadas sobre a relva suculenta demais para que qualquer herbívoro faminto pudesse resistir – em circunstâncias normais!

"Se apenas uma deitasse, teríamos dito que estava doente!" exclamou o presidente do conselho. "Mas isto! Isto só pode ser uma *resposta*!"

Com os olhos cheios de reverência, ele se voltou, dizendo a Epimênides: "O que faremos agora?"

"Separem as ovelhas que estão descansando", replicou o cretense, levantando a cabeça pela primeira vez desde que invocara o deus desconhecido, "e marquem o lugar onde cada uma se acha. Façam depois com que os pedreiros levantem altares – um altar em cada ponto onde as ovelhas descansaram!"

Pedreiros entusiastas começaram a fazer argamassa e no final da tarde ela já havia endurecido o suficiente. Todos os altares se achavam preparados para uso.

"Qual o nome do deus que gravaremos sobre esses altares?" perguntou um dos conselheiros do grupo mais jovem, excessivamente ansioso. Todos se voltaram para ouvir a resposta do cretense.

"Nome?" repetiu Epimênides, como se refletindo. "A divindade, cuja ajuda buscamos, agradou-se em responder à nossa admissão de *ignorância*. Se agora pretendermos mostrar conhecimento, gravando um nome quando na verdade não temos a menor idéia a respeito dele, temo que vamos apenas ofendê-la!".

"Não podemos correr esse risco", concordou o presidente do conselho. "Mas com certeza deve haver um meio apropriado de – de *dedicar* cada altar antes de usá-lo."

"Tem razão, sábio conselheiro", declarou Epimênides com um sorriso raro. "Existe um meio. Inscrevam simplesmente as palavras *agnosto theo* – a um deus desconhecido – no lado de cada altar. Nada mais é necessário."

Os atenienses gravaram as palavras recomendadas pelo con-

selheiro cretense. A seguir, sacrificaram cada ovelha "dedicada" sobre o altar marcando o ponto em que a mesma havia deitado. A noite caiu. Na madrugada do dia seguinte os dedos mortais da praga sobre a cidade já se haviam afrouxado. No decorrer de uma semana, os doentes sararam. Atenas encheu-se de louvor ao "Deus desconhecido" de Epimênides e também a este, por ter prestado socorro tão surpreendente de um modo verdadeiramente engenhoso. Cidadãos agradecidos colocaram festões de flores ao redor do grupo despretensioso de altares na encosta da Colina de Marte. Mais tarde, eles esculpiram uma estátua de Epimênides sentado e a colocaram diante de um de seus templos.[2]

Com o correr do tempo, porém, o povo de Atenas começou a esquecer-se da misericórdia que o "deus desconhecido" de Epimênides lhes concedera. Seus altares na colina foram negligenciados e eles voltaram a adorar centenas de deuses que se mostraram incapazes de remover a maldição da cidade. Vândalos demoliram parte dos altares e removeram pedras de outros. O mato e o musgo começaram a crescer sobre as ruínas até que...

Certo dia, dois anciãos que se lembravam da importância dos altares pararam diante deles a caminho do conselho. Apoiados em seus bordões eles contemplaram pensativos as relíquias ocultas por trepadeiras. Um dos anciãos retirou um pouco do musgo e leu a antiga inscrição encoberta por ele: " 'Agnosto theo'. Demas – você se lembra?"

"Como poderia esquecer?" respondeu Demas. "Eu era o membro jovem do conselho que ficou acordado a noite inteira para certificar-me de que o rebanho, as pedras, a argamassa e os pedreiros estariam prontos ao nascer do sol!"

"E eu", replicou o outro ancião, "era aquele outro membro jovem e ansioso que sugeriu que fosse gravado em cada altar o nome de algum deus! Que tolice".

Ele fez uma pausa, mergulhado em seus pensamentos, acrescentando a seguir: "Demas, você talvez me considere sacrílego, mas não posso deixar de sentir que se o "Deus desconhecido" de Epimênides se revelasse abertamente a nós, logo deixaríamos de lado todos os outros!" O ancião barbudo balançou o bordão com certo desprezo na direção dos ídolos surdos e mudos que, em fileira após fileira, cobriam a crista da acrópole, em número maior do que nunca antes.

"Se Ele jamais vier a revelar-se", disse Demas pensativamente, "como nosso povo saberá que não é um estranho, mas um Deus que já participou dos problemas de nossa cidade?"

"Acho que só existe um meio", replicou o primeiro ancião.

"Devemos preservar pelo menos um desses altares como evidência para a posteridade. E a história de Epimênides deve, de alguma forma, ser mantida viva entre as nossas tradições."

"Uma grande idéia a sua!" entusiasmou-se Demas. "Olhe! Este ainda está em boas condições. Vamos empregar pedreiros para poli-lo e amanhã lembraremos todo o conselho dessa antiga vitória sobre a praga. Faremos passar uma moção para incluir a manutenção de pelo menos este altar entre as despesas perpétuas de nossa cidade!"

Os dois anciãos apertaram-se as mãos para fechar o acordo e, de braços dados, seguiram caminho abaixo, batendo alegremente os bordões contra as pedras da Colina de Marte.

O relato acima baseou-se principalmente em uma tradição registrada como história por Diógenes Laércio, um autor grego do século III A.D., numa obra clássica denominada *The Lives of Eminent Philosophers* ("As Vidas de Filósofos Eminentes") (voi. 1, p. 110). Os elementos básicos na narrativa de Diógenes são: Epimênides, um herói cretense, atendeu a um pedido de Atenas, feito por Nícias, a fim de aconselhar a cidade sobre como remover uma praga. Ao chegar a Atenas, Epimênides conseguiu um rebanho de ovelhas pretas e brancas e soltou-as na Colina de Marte, dando instruções para que alguns homens seguissem as ovelhas e marcassem o lugar onde qualquer delas se deitasse.

O propósito aparente de Epimênides era dar a qualquer deus ligado à questão da praga a oportunidade de revelar sua disposição em ajudar, fazendo com que as ovelhas que o agradassem ficassem deitadas, como um sinal de que as aceitaria se fossem oferecidas em sacrifício. Desde que não haveria nada extraordinário no fato de ovelhas se deitarem fora de seu períodos habituais de pastagem, Epimênides provavelmente conduziu sua experiência bem cedo de manhã, quando as ovelhas estavam famintas.

Algumas das ovelhas deitaram e os atenienses as ofereceram em sacrifício sobre os altares sem nome, construídos especialmente com esse propósito. A praga foi assim removida da cidade.

Os leitores do Antigo Testamento lembrarão de que um herói chamado Gideão, buscando conhecer a vontade de Deus, colocou "um pedaço de lã", como sinal. Epimênides fez mais que Gideão – ele colocou o rebanho inteiro!

Segundo a passagem em *Leis*, de Platão, Epimênides também profetizou, ao mesmo tempo, que dez anos mais tarde um exército persa atacaria Atenas. Todavia, os inimigos persas "retrocederão com todas as suas esperanças frustradas e depois de sofrer mais

ferimentos do que os infligidos por eles". Esta profecia foi cumprida. O conselho, de sua parte, ofereceu a Epimênides um talento em moedas por seus serviços, mas ele recusou o pagamento: "A única recompensa que desejo", disse, "é estabelecer aqui e agora um tratado de amizade entre Atenas e Cnossos". Os atenienses concordaram. Após a ratificação do tratado com Cnossos eles providenciaram a volta de Epimênides em segurança para sua casa na ilha.

(Platão, nessa mesma passagem, elogia Epimênides chamando-o "esse homem inspirado" e lhe dá crédito como um dos personagens famosos que ajudaram a humanidade a redescobrir as invenções perdidas durante "O Grande Dilúvio".)

Outros detalhes nesta referência concernente à causa da maldição foram obtidos de uma nota de rodapé de um editor sobre a obra *The Art of Rhetoric*, ("A Arte da Retórica"), livro 3, 17.10 de Aristóteles, encontrada na "Loeb Classical Library", traduzida por J. H. Freese e publicada em Cambridge, estado de Massachusetts. A explicação de que o próprio oráculo de Pítias ordenou aos atenienses que mandassem buscar Epimênides faz parte da menção anterior das "Leis" de Platão.

Diógenes Laércio não menciona que as palavras *agnosto theo* estavam escritas nos altares de Epimênides. Ele declara apenas que "em diferentes partes da Ática podem ser vistos altares sem qualquer nome gravado, servindo de memoriais para esta expiação".

Dois outros escritores da antigüidade – Pausânias, em sua obra *Description of Greece* ("Descrição da Grécia") (vol. 1, 1.4), e Filostrato, em sua *Appolonius of Tyana* ("Apolônio de Tiana") – referem-se porém a "altares a um deus desconhecido", sugerindo que uma inscrição nesse sentido estivesse gravada neles.

O fato de tal inscrição achar-se em pelo menos um altar em Atenas é confirmado por Lucas, um historiador do primeiro século. Ao descrever as aventuras de Paulo, o famoso apóstolo cristão, Lucas menciona um encontro esclarecido de modo impressionante pela história de Epimênides, já referido:

"Enquanto Paulo os esperava em Atenas", começou Lucas, "o seu espírito de revoltava, em face da idolatria dominante na cidade" (At 17.16).

Se Atenas se gabava de centenas de deuses nos dias de Epimênides, é provável que nos de Paulo houvesse centenas de outros. A idolatria, por sua própria natureza, possui um "fator inflacionário" embutido. Uma vez que os homens rejeitem o Deus único, onisciente, onipotente e onipresente, preferindo divindades menores, eles finalmente descobrem – para sua frustração – *que um número infinito de divindades inferiores é necessário para preencher o*

espaço deixado pelo Deus verdadeiro!

Quando Paulo viu Atenas rebaixando o privilégio sagrado da adoração por parte do homem, dirigindo-a para simples figuras de madeira e pedra, o horror tomou conta dele! E entrou imediatamente em ação. Primeiro: "Por isso dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos" (At 17.17).

Não que os judeus e gregos piedosos estivessem praticando idolatria! De modo algum. Eles, porém, eram os únicos que poderiam se opor à idolatria predominante na cidade.

Paulo talvez os achasse tão habituados a cenas de idolatria que não podiam mais preparar uma ofensiva de impacto contra a mesma. De qualquer modo, o apóstolo lançou seu próprio ataque. Ele discutia também, diz Lucas, "na praça todos os dias, entre os que se encontravam ali" (At 17.17).

Quem *se encontrava* ali? E como reagiram? Lucas explica: "Alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele, havendo quem perguntasse: Que quer dizer esse tagarela?"

Até mesmo um apóstolo pode encontrar dificuldades na comunicação transcultural!

"E outros: Parece pregador de estranhos deuses" (At 17.18).

Por que este último comentário? Os filósofos, sem dúvida, ouviram Paulo falar de *Theos* – Deus. *Theos* era um termo familiar para eles. Todavia, não o empregavam geralmente como nome pessoal, mas em relação a qualquer divindade – da mesma forma que "homem" em português significa qualquer indivíduo, não sendo considerado nome próprio para quem quer que seja.

Entretanto, os filósofos devem ter sabido que Xenofonte, Platão e Aristóteles – três grandes filósofos – usaram *Theos* como nome pessoal para um Deus Supremo em seus escritos. (Veja, por exemplo, *Enciclopédia Britânica*, 15ª ed., vol. 13, p. 951 e vol. 14, p. 538.)

Dois séculos depois de Platão e Aristóteles, tradutores da Setuaginta, a primeira versão grega do Velho Testamento, enfrentaram um grande problema: Um equivalente adequado para o nome hebraico usado para Deus, Elohim, poderia ser encontrado na língua grega? Eles rejeitaram *Zeus*. Embora Zeus fosse chamado "rei dos deuses", as teologias pagãs decidiram tornar Zeus filho de dois outros deuses, Cronos e Rea. Um filho de outros seres não pode igualar-se a *Elohim*, que é incriado. Os tradutores finalmente reconheceram o uso fortuito de *Theos* feito pelos três grandes filósofos acima como um nome próprio grego para o Todo-poderoso. *Theos* neste uso especial, achava-se ainda livre da contaminação do erro! Eles o adotaram, assim como Paulo adotou *Theos* para as suas pregações e escritos no Novo Testamento!

É possível, portanto, que não fosse *Theos* , mas o nome *Jesus*, pouco familiar, que tivesse levado os filósofos a pensar que Paulo estava "pregando deuses estranhos". Eles talvez ficassem também espantados com a idéia de alguém querer introduzir mais um deus em Atenas, a capital mundial dos deuses! Em resumo, os atenienses devem ter tido necessidade de uma lista de tamanho equivalente às Páginas Amarelas para controlar as inúmeras divindades já representadas em sua cidade!

Como Paulo reagiu à sugestão de estar defendendo deuses estranhos e supérfluos numa cidade já saturada deles?

Jesus Cristo fornecera a Paulo uma fórmula-mestra para enfrentar problemas de comunicação transcultural como o de Atenas. Falando através de uma visão tão convincente que deu a Paulo novas perspectivas e tão brilhante que o deixou temporariamente cego, Jesus havia dito: "Para os quais eu te envio, para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz" (At 26.17-18).

A lógica de Jesus era impecável. Quando as pessoas devem voltar-se das trevas para a luz, é necessário que seus olhos se abram primeiro para que possam ver a diferença entre ambas. O que é preciso para abrir os olhos de alguém?

Um abridor de olhos!

Mas, onde poderia Paulo, nascido judeu, renascido cristão, encontrar um abridor de olhos para a verdade sobre o Deus supremo, na cidade de Atenas infestada de ídolos? Ele dificilmente poderia esperar que um sistema completamente dedicado ao politeísmo viesse a reconhecer que o monoteísmo é superior.

Paulo, no entanto, havia "passado e observado" (At 17.23) e descobriu algo "no sistema" que não fazia parte "do" sistema – um altar que não se associava a qualquer ídolo! Um altar com a curiosa inscrição, "ao deus desconhecido". Paulo percebeu uma diferença de comunicação que provavelmente abriria as mentes e os corações daqueles filósofos estóicos e epicureus. Quando eles o convidaram para apresentar formalmente seu ponto de vista num local mais próprio para uma discussão lógica, Paulo aceitou.

O lugar do encontro foi o Areópago, isto é, *A Sociedade da Colina da Marte*, um grupo de atenienses eruditos que se reuniam ali para discutir questões de história, filosofia ou religião. Naquela mesma colina, quase seis séculos antes, Epimênides resolvera o problema da praga em Atenas.

Paulo poderia ter iniciado seu discurso na Colina de Marte, dando simplesmente nome aos bois. Ele poderia ter dito: "Atenienses, com todas as suas filosofias superiores vocês continuam desculpando a idolatria, caso não a pratiquem também! Arrependam-se

ou pereçam!" E cada uma dessas palavras poderia ser perfeitamente verdadeira!

Além disso, ele estaria também tentando convertê-los das trevas para a luz", como Jesus ordenara. Mas isso seria uma gritante inversão da seqüência das coisas! Esta é a razão de Jesus ter incluído a ordem "abra os olhos deles" como um pré-requisito para fazer as pessoas se voltarem das "trevas para a luz".

Paulo "manteve os bois à frente do carro", com as seguintes palavras: "Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos (restrição notável, considerando como Paulo odiava a idolatria); porque passando e observando os objetos de vosso culto (alguns com os antecedentes de Paulo teriam preferido chamá-los de 'ídolos sujos'), encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO".

O apóstolo fez a seguir uma declaração que aguardara seis séculos para ser pronunciada: "Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio" (At 17.22-23). O Deus proclamado por Paulo era realmente um deus *estranho* como suposto pelos filósofos? De maneira alguma! Segundo o raciocínio de Paulo, *Javé*, o Deus judeu-cristão, fora representado pelo altar de Epimênides. Tratava-se, portanto, de um Deus que já interferira na história de Atenas, tendo certamente o direito de ver o seu nome proclamado ali!

Paulo compreendia realmente o pano-de-fundo histórico desse altar e o conceito de um deus desconhecido? Há evidência quanto a isso! Pois Epimênides, além de sua habilidade para lançar luz sobre problemas obscuros das relações entre o homem e Deus, era também *um poeta*!

E Paulo citou a poesia de Epimênides! Quando deixou um missionário de nome Tito para fortalecer as igrejas na ilha de Creta, Paulo escreveu mais tarde, instruções para guiar Tito em seus tratos com os cretenses: "Foi mesmo dentre eles, um seu profeta que disse: Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos. Tal testemunho é exato. Portanto, repreende-os severamente para que sejam sadios na fé" (Tt 1.12-13).

As palavras citadas por Paulo são de um poema atribuído a Epimênides (*Enciclopédia Britânica*, Micropaedia, 15ª ed., vol. 3, p. 924). Note também que Paulo chamou Epimênides de "profeta". O termo grego é *propheetees* , o mesmo usado geralmente pelo apóstolo para os profetas tanto do Antigo como do Novo Testamento. Paulo não teria honrado Epimênides com o título de profeta se não conhecesse o caráter e as obras do mesmo! Um homem citado por Paulo como censurando outros por certas características perversas

não seria, por implicação, julgado por ele como provável culpado desses mesmos defeitos!

Além disso, em seu discurso, no Areópago, Paulo declara que Deus "de um só fez toda raça humana... para buscarem a Deus se, porventura, tateando o possam achar, bem que não está longe de cada *um de nós*" (At 17.26-27). Essas palavras podem constituir uma referência indireta a Epimênides como exemplo de um pagão que "buscou e achou" um Deus que, embora tendo um nome desconhecido, não se encontrava realmente distante!

É possível que os membros da Sociedade do Areópago (Colina de Marte) também conhecessem a história de Epimênides através das obras de Platão, Aristóteles e outros. Eles devem ter ouvido admirados quando Paulo começou seu discurso naquela base transcultural perceptiva. Mas, esse apóstolo cristão, treinado pelo erudito judeu Gamaliel, poderia prender suficientemente a atenção de homens habituados à lógica de Platão e Aristóteles a ponto de fazê-los compreender o evangelho?

Depois de seus surpreendentes comentários iniciais, o sucesso de Paulo em seu discurso dependeria principalmente de uma coisa. Esta pode ser chamada de "lógica contínua". Enquanto cada declaração sucessiva feita por ele acompanhasse uma seqüência lógica, os filósofos lhe dariam atenção. Se deixasse um espaço em seu raciocínio eles o interromperiam imediatamente! Essa era uma regra da educação filosófica recebida – uma disciplina que impunham a si mesmos e que seria exigida prontamente de qualquer estranho que afirmasse possuir proposições dignas de sua atenção.

A apresentação do evangelho por Paulo passaria pelo teste desse escrutínio severo?

Durante vários minutos ele se saiu muito bem. Começando com o testemunho do altar de Epimênides, Paulo passou para a evidência da criação, e desta para a inconsistência da idolatria. A essa altura ele havia chegado a uma posição em que podia até mesmo identificar a idolatria ateniense como "ignorância" sem perder sua audiência. Prosseguiu dizendo: "Deus (*Theos*)... agora, porém notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou" (At 17.30-31).

Em outras palavras, tendo descoberto e usado um "abridor de olhos" a fim de respeitar a seqüência certa na comunicação, Paulo se dirigia para o segundo ponto em obediência ao segundo mandamento de Jesus – ele buscava fazer com que os atenienses se voltassem "das trevas para a luz"! Disse então, "(Ele) o acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos".

Neste ponto – pela primeira vez – Paulo deixou um espaço na lógica de seu discurso no Areópago. Ele mencionou a ressurreição do homem que Deus autorizou a julgar o mundo, *sem explicar primeiro como e porque ele teve de morrer.*

Os filósofos reagiram imediatamente, para seu próprio empobrecimento espiritual. "Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião. A essa altura, Paulo se retirou do meio deles" (At 17.32-33).

Paulo já havia exposto sua inconsistência em tolerar, ou até favorecer, a idolatria. Isso por si só já constituía algo bastante grave entre um grupo de homens que se orgulhava de sua consistência racional! Como pesquisadores da verdade, deveriam ter continuado a ouvir Paulo quanto às instruções de pelo menos seus comentários iniciais, em lugar de condená-lo por uma falha técnica subseqüente.

Nem todos, porém, descreram de Paulo por ter mencionado a ressurreição: "Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita (At 17.34). A tradição do século II diz que Dionísio mais tarde tornou-se o primeiro bispo de Atenas! Seu nome foi tirado do deus grego Dionísio, cuja teologia continha um conceito de ressurreição da morte! Haveria ligação entre esse conceito e a resposta pessoal de Dionísio a alguém que defendia tão ousadamente o ensino da ressurreição?

Mais tarde, o apóstolo João, continuando a abordagem de Paulo à mente filosófica dos gregos, apropriou-se de um termo filosófico favorito dos estóicos – o Verbo (*Logos*) – como título para Jesus Cristo. Heráclito, filósofo grego, usou pela primeira vez o termo *Logos* por volta de 600 a.C., a fim de designar a razão ou plano divino que coordena um universo em mudança. *Logos* significa simplesmente "palavra". Os judeus, por sua vez, enfatizaram o termo *memra* ("palavra" em aramaico) para o Senhor. João considerou o "logos" grego e o "memra" judeu como descrevendo essencialmente a mesma verdade teológica válida. Ele representou Jesus Cristo como o cumprimento de ambos, quando escreveu: "No princípio era o Verbo (Logos), e o Verbo (Logos) estava com Deus (Theos), e o Verbo (Logos) era Deus (Theos)... E o Verbo (Logos) se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1.1,14).

Com esta justaposição vital de ambos os termos gregos – Theos e Logos – em relação a Elohim e Jesus Cristo, o Cristianismo se apresentou como *cumprindo* e não *destruindo* algo válido na filosofia grega!

De fato, tais termos e conceitos eram claramente considerados pelos emissários para os gregos, como ordenados por Deus, a fim de

preparar a mente grega para o evangelho! Eles descobriram que esses termos filosóficos gregos fortuitos eram tão válidos quanto as metáforas messiânicas do Antigo Testamento, tais como "O Cordeiro de Deus" e "O Leão da Tribo de Judá". Eles usaram *os dois conjuntos de terminologia com igual liberdade*, a fim de colocar a Pessoa de Jesus Cristo no contexto da cultura judia e grega, respectivamente.

Os Cananeus

Na verdade, os apóstolos do Novo Testamento, como Paulo e João, não foram os primeiros a fazer uso da estratégia acima a fim de identificar Deus claramente para os pagãos. Um personagem não menos importante como Abraão empregou o mesmo método dois mil anos antes! Eis a história...

Javé – "Deus" em nossa língua – fez a um homem, inicialmente chamado Abrão, algumas promessas estupendas, há cerca de 4.000 anos atrás. Javé ordenou a Abrão que deixasse sua terra, seus parentes e a casa de seu pai, partindo para um país estranho, distante e provavelmente selvagem (Gn 12.1). Javé prometeu o seguinte, se Abrão (cujo nome foi mais tarde mudado para *Abraão)* obedecesse às suas ordens: "De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem" (Gn 12.2-3).

Até este ponto, o arranjo especial de Javé com Abrão não parece muito diferente dos inúmeros pactos similares com deuses tribais através de toda a história, feitos com seu círculo exclusivo de devotos em várias partes do planeta Terra. Seria Javé, como alguns críticos insinuaram, apenas um outro insignificante deus tribal aguçando os sentimentos egoísticos de um seguidor com promessas grandiosas destinadas a fazê-lo voltar repetidamente com nova adoração e homenagem?

Essa insinuação seria difícil de contestar se não fosse pela última linha deste acordo Javé-Abrão, onde o primeiro diz: *"Em ti serão benditas todas as famílias da terra"* (Gn 12.3, grifo acrescentado).

Essa declaração faz brilhar uma característica especial das promessas de Javé! Ele não abençoava Abrão com a finalidade de torná-lo egocêntrico, arrogante, indiferente. Javé o abençoou para fazer dele uma benção, e não apenas para seus próprios parentes! Esta benção têm como alvo nada menos do que *todas as famílias da terra!* Nada poderia ser menos egoísta ou menos restrito!

Os teólogos chamam de *aliança abrâmica* a este conjunto de promessas, mas trata-se de muito mais do que uma simples aliança

entre Deus e um indivíduo específico. Ela marcou o início de um novo e surpreendente desenvolvimento que os teólogos chamam de *revelação especial*! Em outras palavras, na ocasião em que Javé tivesse cumprido todas as suas promessas a Abrão, a humanidade teria condições de compreender a sabedoria, o amor e o poder de Javé de maneira anteriormente inconcebível, não apenas aos homens; mas, segundo tudo indica, também aos anjos (veja 1 Pe 1.12).

Antes de enviar Abrão ao seu novo destino como "uma benção a todas as famílias da terra", Javé primeiro o guiou até uma região desconhecida, habitada por diversas tribos que abrangiam diferentes clãs e famílias. Eram as tribos dos cananeus, queneus, quenezeus, cadmoneus, heteus, ferezeus, refains, amorreus, girgaseus e jebuseus (Gn 15.19). Além desses 10, aproximadamente 30 outros povos, espalhados do Egito até a Caldéia, são mencionados *por nome* só nos primeiros 36 capítulos de Gênesis. Mais subdivisões étnicas da humanidade são reconhecidas especificamente nesses 36 capítulos do que em qualquer outra seção de comprimento comparável em qualquer outro ponto da Bíblia!

Ao mover-se vagarosamente entre tantos grupos étnicos, seria bastante provável que Abrão viesse a desenvolver o tipo de *perspectiva de todas as famílias da terra* (povos) certamente exigido de alguém destinado a ser uma "bênção para todas as famílias da terra"!

Ao que parece, tudo estava prosseguindo da maneira como Abrão esperava. Mas Javé tinha uma surpresa guardada para ele...

Quando o Senhor disse: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra", Abrão certamente pensou que ele e a nação que descenderia dele tornar-se-iam a *única* fonte de iluminação espiritual para toda a humanidade. Mas não era bem isso que Javé tinha em mente!

De fato, quando Abrão finalmente aproximou-se de Canaã (como era chamada aquela terra estrangeira), ele logo ficou sabendo que duas de suas cidades – Sodoma e Gomorra – já se achavam mergulhadas em profunda decadência. Outras, especialmente as cidades dos amorreus, começavam a seguir o exemplo de Sodoma e Gomorra (veja Gn 15.16). Javé, o Todo-poderoso, não parecia ter outro defensor além de Abrão em toda aquela região do mundo, o que deve ter feito Abrão sentir-se realmente muito necessário!

Quando, porém, Abrão e sua caravana se *entranharam* em Canaã, uma agradável surpresa os esperava. Eles passaram perto de uma cidade chamada Salém, que significa "paz" na língua dos cananeus. O nome cananeu dessa cidade, incidentalmente, iria mais tarde fazer surgir a significativa saudação hebraica *Shalom* e seu equivalente árabe, *Salaam*. Salém contribuiria mais tarde com suas cinco

letras para formar a última parte do nome Jeru*salém* – "o fundamento da paz". Porém, ainda mais interessante do que a cidade de Salém propriamente dita era o rei que reinava sobre ela – Melquisedeque!

O seu nome é uma combinação de duas outras palavras dos cananeus: *melchi* – "rei", e *zadok* – "justiça".

Um "rei de justiça" entre os cananeus, notórios pela sua idolatria, sacrifício de crianças, homossexualismo legalizado e prostituição no templo? Com certeza Melquisedeque recebeu um nome completamente impróprio!

Absolutamente não! Alguns anos mais tarde, ao voltar de uma operação surpreendente de resgate contra Quedorlaomer (veja Gn 14.1-16), Abrão chegou ao vale de Savé. Os habitantes da região naqueles dias chamavam habitualmente o vale de Savé de "vale do rei" (veja Gn 14.17). *Que* rei?

Não é difícil adivinhar! Um historiador judeu de nome Josefo conta-nos que o Vale de Savé não era outro senão o vale de Hinom – que ficava logo abaixo da muralha situada ao sul da cidade que é agora a velha Jerusalém. Os arqueólogos modernos que estão escavando as ruínas da Jerusalém dos tempos de Davi, esperam descobrir, em breve, os escombros de uma antiga cidade dos cananeus nessa mesma *encosta entre o Vale de Savé e a muralha ao sul da antiga Jerusalém*!

Não seria de modo algum surpreendente se essas ruínas queimadas há tanto tempo pertencessem à cidade de Melquisedeque – a Salém original. E o Vale de Savé – o "vale do rei" recebeu provavelmente esse nome para homenagear o próprio rei Melquisedeque!

Mal Abrão entrara nesse "vale do rei" quando o rei Melquisedeque "trouxe pão e vinho" para ele. O narrador não diz que Melquisedeque "viajou para encontrar-se com Abrão, levando pão e vinho", mas simplesmente que ele "trouxe pão e vinho" – talvez outra evidência quanto à proximidade entre o Vale de Savé e Salém.

Chega agora o inesperado. Este "rei de justiça" cananeu, segundo o autor de Gênesis, atuava também como "sacerdote do (El Elyon)" – "Deus Altíssimo" (Gn 14.18). Quem era *El Elyon*?

Tanto *El* como *Elyon* eram nomes cananeus para o próprio Javé. *El* ocorre freqüentemente nos textos ugaríticos da antigüidade.[3] O termo cananeu *El* insinuou-se até mesmo na língua hebraica dos descendentes de Abrão em palavras tais como Bet*el* – "a casa de Deus", *El Shaddai* – "Deus Todo-poderoso ou Altíssimo", e *El*ohim, "Deus" (forma plural de *El* que não obstante retém um significado singular misterioso).

Elyon também aparece como um nome para Deus nos textos antigos escritos em fenício – uma ramificação posterior da língua ca-

nanéia antiga de Melquisedeque.[4] A forma composta *El Elyon* aparece até numa inscrição aramaica da antigüidade encontrada recentemente na Síria.[5] Quando ligados, os dois termos *El* e *Elyon* significa "Deus Altíssimo".

Pergunta: Abrão, o caldeu, que aparentemente chamava o Todo-poderoso de *Yahweh* (Javé), ressentiu-se do uso feito por Melquisedeque desse termo cananeu *El Elyon* como um nome válido para Deus? Não temos de aguardar uma resposta! Melquisedeque agiu de forma a testar imediatamente a atitude de Abrão: "Abençoou ele (Melquisedeque) a Abrão, e disse: "Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo (El Elyon); que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo (El Elyon), que entregou os teus adversários nas tuas mãos" (Gn 14.19-20).

Prepare-se para a resposta de Abrão. Talvez estejamos prestes a ouvir o primeiro argumento teológico na narrativa bíblica. O que ele dirá? Vai responder: "Um momento, alteza! O nome correto para o Altíssimo é *Yahweh* e não *El Elyon*! Além disso, não posso aceitar uma benção oferecida sob esse nome cananeu *El Elyon* , desde que todo conceito cananeu deve estar, sem dúvida, tingido de noções pagãs. De todo modo, Javé me disse que *eu* é que deverei ser uma bênção para todas as famílias da terra, inclusive cananeus como Vossa Majestade. Não acha então que está sendo um tanto presunçoso ao abençoar-me?"

Nada disso! A resposta de Abrão foi simplesmente dar a Melquisedeque "o dízimo" (a décima parte) de tudo que havia tomado de Quedorlaomer na operação de resgate (Gn 14.20). Este ato de Abrão ao "dar o dízimo" a Melquisedeque deu lugar mais tarde a um extenso comentário do autor da Epístola aos Hebreus, no Novo Testamento. Por exemplo: "Considerai, pois, como era grande esse (Melquisedeque) a quem Abrão, o patriarca, pagou o dízimo, tirado dos melhores despojos!" O escritor continuou comentando que o sacerdócio do cananeu Melquisedeque deveria ser, então, considerado superior ao sacerdócio levítico do povo judeu, com base no fato de "Levi... pagou-os (os dízimos a Melquisedeque) na pessoa de Abraão. Porque aquele (Levi) ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste (Abraão)" (Hb 7.4-10).

Com respeito ao ato de Melquisedeque abençoar Abraão e a aceitação implícita dessa benção por parte deste, o mesmo autor comenta que Melquisedeque "abençoou o que tinha *as promessas*. Evidentemente, não há qualquer dúvida, que o inferior é abençoado pelo superior" (Hb 7.6-7, grifo acrescentado).

Mas isso não é tudo que indica a incrível grandeza desse personagem cananeu chamado Melquisedeque. O autor de Hebreus cita,

a seguir, uma profecia do rei judeu Davi – o rei que primeiro conquistou a antiga Salém das mãos dos jebuseus (1.000 a.C.) e fez dela Jerusalém, capital da nação judaica. A profecia declara explicitamente que o Messias judeu, quando vier, não servirá como membro do sacerdócio levítico inerentemente temporário, com sua linhagem restrita. Em vez disso, vai ser um sacerdote da "ordem de Melquisedeque", e cuja ordem não ficará aparentemente restrito a qualquer linhagem particular. E não apenas isso, mas a filiação do Messias à "ordem de Melquisedeque" é confirmada por nada menos que um juramento divino; e Ele pertencerá eternamente à mesma! "O Senhor *jurou* e não se arrependerá: tu és sacerdote *para sempre*, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4, grifo acrescentado).

Javé talvez tivesse avisado Abrão antecipadamente de que encontraria alguém como Melquisedeque representando o Deus verdadeiro entre os cananeus. Tudo o que posso dizer é: Se Javé *não* avisou Abrão com antecedência sobre Melquisedeque (e o registro não dá qualquer indicação nesse sentido), então a descoberta de um homem como ele entre os "incultos cananeus" deve ter realmente abalado o pai Abrão!

Como podemos entender a afirmação bíblica de que Melquisedeque era superior em nível espiritual a Abraão? O que o tornava superior?

Segundo este autor, a resposta parece estar no que Melquisedeque *representava* em contraste com o que era representado por Abraão na economia de Deus. O tema deste livro é que Melquisedeque apresentou-se no Vale de Savé como um símbolo ou tipo da revelação *geral* de Deus à humanidade; Abraão, por sua vez, representava a revelação *especial* de Deus à humanidade, baseada na aliança e registrada no cânon. A revelação geral de Deus é superior a sua revelação especial de duas maneiras: ela é mais *antiga* e influencia cem por cento da humanidade (Sl 19) em lugar de apenas uma pequena porcentagem! Assim sendo, era apropriado que Abraão, como representante de um tipo de revelação mais recente e menos universal, pagasse o seu dízimo de reconhecimento ao representante da revelação geral.

A presença de Melquisedeque, anterior à de Abrão, em Canaã, não diminuiu de forma alguma o destino especial dado por Deus a este último! Pelo contrário, não existe a menor evidência de que os dois homens se olhassem com a mais leve insinuação de inveja ou competição. Melquisedeque repartiu seu "pão e vinho" com Abraão e o abençoou, e Abraão "pagou o dízimo" a Melquisedeque. Eles eram irmãos em El Elyon/Javé e aliados em sua causa! Desde que a revelação geral e a especial têm ambas origem em El Elyon/Javé, era

de se esperar que Melquisedeque repartisse seu pão e vinho com Abrão e este "pagasse o dízimo" a Melquisedeque.

O surpreendente é que eles continuaram a fazer isso através da história subseqüente da humanidade. Pois à medida que a revelação especial de Javé – vamos chamá-la de *fator Abraão* – continuou a estender-se ao mundo, através das eras do Antigo e Novo Testamentos, ela descobriu sempre que a revelação geral de Javé – que chamaremos de *fator Melquisedeque* já se achava em cena, trazendo o pão, o vinho e a bênção de boas-vindas!

O presente livro é minha tentativa de traçar através da história alguns exemplos desta magnífica interação entre o fator Melquisedeque – a revelação geral de Deus – e o fator Abraão – a revelação especial de Deus.

Existe, porém, um terceiro fator. E sua relação não é nada bela. Um outro rei cananeu, de caráter bem diverso de Melquisedeque, encontrou-se com Abraão naquele mesmo dia no Vale de Savé. Bera, rei de Sodoma.

Bera mostrou-se amável também para com Abraão, oferecendo-lhe os despojos tirados de Quedorlaomer, os quais tinham sido originalmente produtos de um saque em Sodoma.

Observe a reação de Abraão: "Mas Abraão lhe respondeu: Levanto minha mão ao Senhor, o Deus Altíssimo (Javé – El Elyon no original. Assim como os apóstolos Paulo e João aceitaram mais tarde o "Theos" e "Logos" como nomes gregos válidos para o Deus verdadeiro, Abrão em seus dias aceitou El Elyon, o nome cananeu dado a Deus por Melquisedeque), o que possui os céus e a terra, e juro que nada tomarei de tudo o que te pertence, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que não digas: "Eu enriqueci a Abrão" (Gn 14.22-23).

Os representantes do fator Abraão no decorrer da história tiveram de seguir o exemplo dele ao exercer esse mesmo discernimento – a percepção necessária para distingüir o "fator Melquisedeque"realmente amigável entre os cananeus, desse outro componente oculto da cultura cananéia – que chamaremos de "fator Sodoma". Eles tiveram de aprender a aceitar um e rejeitar o outro, como fez Abrão no vale de Savé.

Passemos agora ao exemplo seguinte destes três *fatores* mesclando-se e/ou reagindo, na história:

Os Incas

Pergunta: Se Deus deu a *dois* povos pagãos – cananeus e gregos – testemunho antecipado de sua existência, não poderia ter Ele

feito o mesmo ou pelo menos uma obra semelhante junto a outros povos pagãos? *Todos* eles talvez?

Em outras palavras, o Deus que preparou o evangelho para todos os povos, preparou também todos os povos para o evangelho? Caso positivo, deve ser então falsa a presente suposição mantida por milhões de fiéis e incrédulos, no sentido de os povos pagãos não poderem compreender e, geralmente, não desejarem receber o evangelho cristão, sendo portanto injusto tentar fazê-los aceitar o mesmo (e um esforço praticamente excessivo e inútil).

No restante deste livro (e nos volumes subseqüentes) vou provar a falsidade dessa suposição. Deus preparou de fato o mundo gentio para receber o evangelho. Um número bastante significativo de não-cristãos mostrou, portanto, muito mais disposição em aceitar o evangelho do que cristãos em compartilhá-lo com eles. Continue lendo.

O apóstolo Paulo chamou Epimênides de "profeta". Ficamos imaginando que título teria atribuído a Pachacuti, cuja percepção espiritual, como pagão, superava até mesmo a de Epimênides.

Pachacuti (algumas vezes grafado *Pachacutec*) foi rei da incrível civilização inca da América do Sul, de 1438 a 1471 A.D.[6] Segundo Philip Ainsworth Means, perito em antigüidades andinas, Pachacuti levou o império inca ao seu apogeu.[7] Vejamos, por exemplo, algumas de suas realizações.

Quando Pachacuti reconstruiu Cuzco, a capital inca, ele fez tudo em escala grandiosa, enchendo-a de palácios, fortes e um novo templo dedicado ao sol. A seguir, mandou levantar um "fabuloso recinto dourado" em Coricancha — cujo edifício "rivalizava em esplendor com o próprio templo de Salomão em Jerusalém!"[8] Construiu, outrossim, uma longa fileira de fortalezas, protegendo as divisas orientais de seu império contra a invasão de tribos da bacia amazônica. Uma dessas fortalezas, a majestosa Machu Picchu, tornou-se durante algum tempo o último refúgio da nobreza inca em sua fuga dos brutais conquistadores espanhóis. De fato, estes jamais encontraram Machu Picchu. Pachacuti a fez construir sobre um alto cimo de montanha, o que a tornou invisível de outras elevações mais baixas.

Durante vários séculos, a existência de Machu Picchu permaneceu oculta do mundo exterior. Uma floresta cerrada encobria o local. Em 1904, porém, um engenheiro de nome Franklin vislumbrou as ruínas de uma montanha distante. Franklin contou a Thomas Paine sobre a sua descoberta. Paine, um missionário inglês, servia sob uma sociedade chamada "Regions Beyond Missionary Union" (União

Missionária para as Regiões Remotas). Em 1906, Paine subiu até as ruínas na companhia de outro missionário, Stuart McNairn. Eles ficaram assombrados. Não foi senão em 1910 que Hiram Bingham, de Yale, ao ouvir sobre a descoberta, visitou Paine em Urco. Paine amavelmente forneceu a Bingham mulas e guias para chegar ao local. Bingham tornou-se mundialmente famoso desde então como o "descobridor de Machu Picchu, a Cidade Perdida dos Incas!" Bingham não deu qualquer crédito a Thomas Paine, mencionando apenas os "boatos locais" como o fator que o guiara.

O médico Daniel Hayden, que teve contato pessoal com Thomas Paine durante vários anos no Peru, afirma que este – um homem simples, amado pelos descendentes dos incas em toda a região do Peru – preferiu não corrigir o "esquecimento" de Bingham. Thomas Paine continua como um dos missionários cristãos cujas contribuições à ciência não receberam reconhecimento por parte dos cientistas.

Milhares de turistas visitaram Machu Picchu desde que a nova estrada Hiram Bingham, no Peru, a tornou acessível em 1948. Quem quer que sinta reverência pelo esplendor de Machu Picchu deveria saber que Pachacuti, o rei que aparentemente a fundou, recebeu crédito por uma realização muito mais significativa do que a simples construção de fortalezas, cidades, templos ou monumentos. Da mesma forma que Epimênides, Pachacuti era um daqueles exploradores espirituais que, nas palavras de Paulo (veja At 17.27), buscou, *tateou* e *encontrou* um Deus muito superior a qualquer "deus" popular de sua própria cultura. Ao contrário de Epimênides, Pachacuti não deixou o Deus que descobrira na categoria de "desconhecido". Ele o identificou pelo nome, e mais ainda:

Quase todos que têm algum conhecimento sobre os incas sabem que adoravam Inti – o sol.

Todavia, em 1575, em Cuzco, um sacerdote espanhol chamado Cristobel De Molina colecionou vários hinos incas – e certas tradições ligadas a eles – provando que a divindade de Inti nem sempre mostrou-se indiscutível, até mesmo aos olhos dos próprios incas. De Molina escreveu os hinos e suas tradições na língua inca, ou quechua, com a ortografia adaptada do espanhol. Os incas não tinham um sistema de escrita. Essa coleção inteira de tradições e hinos reporta-se ao reinado de Pachacuti.

Os eruditos modernos, ao redescobrirem a coletânea de De Molina, maravilharam-se com o seu conteúdo revolucionário. Alguns, a princípio, não quiseram crer que fosse realmente inca! Tinham certeza que o próprio Molina deveria ter introduzido seu pensamento euro-

peu na composição inca original. Alfred Metraux, porém, em sua obra *History of the Incas* ("História dos Incas"), concorda com o Professor John H. Rowe que, segundo ele, "foi bem-sucedido em restaurar os hinos à sua versão original, (e está) convencido de que nada devem aos ensinos missionários. As formas e expressões usadas são basicamente diversas das encontradas na liturgia cristã na língua inca".[10]

Novas confirmações da autenticidade da compilação de De Molina vieram à tona. Um outro hino do mesmo gênero, diz Metraux, foi "milagrosamente preservado por Yamqui Salcamaygua Pachacuti, um cronista índio do século XVII... Basta comparar (este outro hino com os) colecionados por De Molina em 1575, para compreender que todos pertencem às mesmas tradições literárias e religiosas".[11]

Metraux declara: "Pela sua profundidade de pensamento e lirismo sublime (o hino inca preservado por Yamqui) é comparável aos mais belos dos Salmos".[12]

O que havia de tão revolucionário a respeito dos hinos? As tradições descobertas com eles declaram incisivamente que Pachacuti – o rei tão dedicado à adoração do sol, que reconstruiu o templo de Inti em Cuzco – começou, mais tarde, a questionar as credenciais de seu deus! Philip Ainsworth Means, comentando sobre o descontentamento de Pachacuti com Inti, escreveu: "Ele ressaltou que esse corpo luminoso segue sempre um caminho determinado, realiza tarefas definidas e mantém horas certas como as de um trabalhador". Em outras palavras, se Inti é Deus, por que ele nunca faz algo *original*? O rei refletiu novamente. Ele notou que "a radiação solar pode ser diminuída por qualquer nuvem que passe". Ou seja, se Inti fosse realmente Deus, *nenhuma simples coisa criada teria poder para reduzir a sua luz!*"[13]

Pachacuti tropeçou inesperadamente na verdade de que estivera adorando um simples objeto como Criador! Corajosamente, ele avançou para a pergunta seguinte inevitável: Se Inti não é o Deus verdadeiro, *quem é Ele então?*

Onde um inca pagão, afastado dos conhecimentos judaico-cristãos, poderia encontrar a resposta à essa pergunta?

Ela é bastante simples – mediante as antigas tradições latentes em sua própria cultura! A possibilidade desse evento foi prevista pelo apóstolo Paulo, quando escreveu que Theos, no passado, "permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; *contudo, não se deixou ficar sem testemunho*" (At 14.16-17, grifo acrescentado).

Pachacuti tomou o testemunho que extraíra diretamente da criação e o colocou ao lado da quase extinta memória de sua cultura:

Viracocha – o Senhor, o Criador onipotente de todas as coisas.

Tudo o que restava da anterior lealdade inca a Viracocha era um santuário chamado *Quishuarcancha*, situado na parte superior do vale Vilcañota.[14] Pachacuti lembrou também que seu pai, Hatun Tupac, afirmou certa vez ter recebido conselho num sonho por parte de Viracocha. Este lembrou Hatun Tupac nesse sonho que Ele era verdadeiramente o *Criador de todas as coisas*. Hatun Tupac imediatamente passou a fazer-se chamar (ousamos dizer que vaidosamente?) Viracocha!

O conceito de Viracocha era, portanto, antiqüíssimo com toda probabilidade. A adoração de Inti e outros deuses, sob esta perspectiva, não passava de desvios recentes de um sistema de crença original mais puro. Metraux insinua isso quando observa que Viracocha teve representantes proeminentes nas culturas indígenas "desde o Alasca à Terra do Fogo",[15] enquanto a adoração do sol aparece em relativamente poucas culturas.

Pachacuti decidiu aparentemente que seu pai redescobrira algo básico e autêntico, mas não prosseguira com a descoberta até onde deveria ir! Resolveu que ele, como filho, aprofundar-se-ia na realidade tocada pelo pai (ou seria essa realidade que de fato *o* estava levando a aprofundar-se?).

Um Deus que criara todas as coisas, concluiu Pachacuti, merece ser adorado! Ao mesmo tempo, seria incoerente adorar parte de sua criação como se fosse o próprio Deus! Pachacuti chegou a uma firme decisão – essa tolice de adorar Inti como Deus já fora longe demais, pelo menos quanto a ele e seus súditos da classe alta.

Pachacuti entrou em ação. Ele convocou uma reunião dos sacerdotes do sol – um equivalente pagão do Concílio de Nicene, se quiser – na bela Coricancha. De fato, um erudito chama esse congresso de *Concílio de Coricancha*, colocando-o então entre os grandes concílios teológicos da história.[16] Nesse concílio, Pachacuti apresentou suas dúvidas sobre Inti em "três sentenças":

1. Inti não pode ser universal se, ao dar luz a alguns, ele a nega a outros.

2. Ele não pode ser perfeito se jamais consegue ficar à vontade, descansando.

3. Ele não pode ser também todo-poderoso se a menor nuvem consegue encobri-lo.[17]

Pachacuti reavivou, a seguir, a memória de seus súditos da classe superior quanto ao onipotente Viracocha, citando seus estupendos atributos. O Dr. B.C. Brundage, da Universidade de Oklahoma, nos EUA, resume a descrição de Viracocha, feita por Pachacuti, como segue: "Ele é antigo, remoto, supremo e não-criado. Também

não necessita da satisfação vulgar de uma consorte. Ele se manifesta como uma trindade quando assim o deseja,...caso contrário, apenas guerreiros e arcanjos celestiais rodeiam a sua solidão. Ele criou todos os povos pela sua "palavra" (sombras de Heráclito, Platão, Filo e o apóstolo João!), assim como todos os huacas (espíritos). Ele é o Destino do homem, ordenando seus dias e sustentando-o. É, na verdade, o princípio da vida, pois aquece os seres humanos através de seu filho criado, Punchao (o disco do sol, que de alguma forma se distinguia de Inti). É ele quem traz a paz e a ordem. É abençoado em seu próprio ser e tem piedade da miséria humana. Só ele julga e absolve os homens, capacitando-os a combater suas tendências perversas".[18]

Pachacuti ordenou, a seguir, que Inti fosse daí por diante respeitado como um "parente" apenas – uma entidade amiga criada. As orações deveriam ser dirigidas a Viracocha com a mais profunda reverência e humildade.[19]

Como resultado do concílio, Pachacuti compôs hinos reverentes a Viracocha, os quais, por fim, passaram a fazer parte da coleção de De Molina.

Alguns sacerdotes do sol reagiram com "amarga hostilidade".[20] As declarações de Pachacuti golpearam seus interesses como uma granada. Outros consideraram a lógica de Pachacuti irresistível e concordaram em servir Viracocha! Dentre estes, porém, vários se preocupavam com um problema prático: Como reagiriam as massas quando os sacerdotes do sol anunciassem. "Tudo que ensinamos durante os séculos que se passavam estava errado! Inti não é absolutamente Deus! Esses templos imensos que construiram para eles com tanto esforço – e por sua ordem – são inúteis. Todos os rituais e orações ligados a Inti de nada valem. Precisamos começar, agora, da estaca zero com o Deus verdadeiro – Viracocha!"

Uma tal notícia não produziria cinismo, incredulidade? Ou até mesmo daria lugar a um levante social?

Pachacuti cedeu à diplomacia política. "Ele ordenou...que a adoração de Viracocha ficasse confinada à nobreza, (pois era)...sutil e sublime demais para o povo comum (sic!)."[21]

Para sermos justos, Pachacuti pode ter esperado que a adoração de Viracocha – tendo tempo para infiltrar-se como o fermento – viesse a introduzir-se, finalmente nas classes mais baixas. Tempo, entretanto, era algo que sua reforma, em embrião, não tinha em grande quantidade. Pachacuti nem sequer sonhava como a sua decisão de favorecer as classes seria fatal. Estas, historicamente, são um fenômeno social de curta duração notória; o povo comum é que permanece. Isso aconteceu também com a nobreza inca. Depois de um

século da morte de Pachacuti, conquistadores espanhóis cruéis eliminaram a família real e a classe alta. Como as classes baixas haviam sido relegadas à escuridão espiritual com suas idéias erradas sobre Inti e outros deuses falsos, não puderam continuar a reforma de Pachacuti. Ela morreu em sua infância, uma mini-reforma.

Por que o império inca foi derrubado apenas um século depois de seu apogeu sob o rei Pachacuti? Viracocha se zangara pelo fato de a nobreza ter ocultado o conhecimento de sua pessoa da plebe? O que teria também acontecido se missionários cristãos procedentes da Europa tivessem chegado ao Peru duas ou três gerações antes dos conquistadores? Esse período seria certamente o momento exato para a chegada do evangelho. O interesse no conceito de um Deus supremo estava no ponto máximo em meio à família real e à classe alta. Os mensageiros do evangelho teriam tido quase um século para fazer um gloriosa colheita, através de todo o império antes dos conquistadores atacarem! Os incas acreditavam, além disso, numa vaga profecia de que futuramente Viracocha lhes traria bêncãos do ocidente, isto é, pelo mar. Mas os compassivos mensageiros cristãos, quem quer que devam ter sido, deixaram de comparecer. Em seu lugar veio um conquistador político impiedoso e interesseiro – Pizarro – e seu exército voraz. Fingindo agir em nome de Deus, Pizarro aproximou-se do Peru pelo mar e tirou partido das esperanças incas monoteístas, destruindo tanto estes como o seu império.

Ainda antes de Pizarro, Hernando Cortez aproveitou-se de expectativas semelhantes entre os astecas e acabou com eles. Como a história poderia ter-se desenrolado de modo diferente se apenas os verdadeiros emissários do evangelho tivessem chegado primeiro! Não apenas para transmitir sua mensagem, mas também para servir os astecas, incas e outros povos ameaçados das Américas como intermediários, ensinando-os antecipadamente a tratar com forças políticas e comerciais que logo surgiriam. Os astecas e incas não teriam então se curvado diante de Cortez e Pizarro como cumpridores de suas lendas, desde que estas já teriam sido então cumpridas! Os impérios maia, asteca e inca talvez tivessem sobrevivido até hoje.

Quanta ironia também no fato de os católicos espanhóis, em seu zelo de abolir a "idolatria" inca, terem destruído uma crença monoteísta que serviu com efeito de um Velho Testamento provisório para abrir a mente de milhares às boas novas da encarnação de Viracocha na Pessoa de seu Filho. Note que eu disse Velho Testamento "provisório" e não "substituto".

A "mão que se move" de Omar Khayyam, todavia "escreve e, tendo escrito, segue adiante". É tarde demais para trazer de volta Pachacuti e seu império, a fim de tratá-los com mais justiça do que o

fizeram os espanhóis. O que importa agora? Que nós, filhos da presente geração, tratemos com justiça os filhos de Pachacuti que sobreviveram ao holocausto espanhol – os quechuas.

Vamos colocar a reforma de Pachacuti em perspectiva histórica. Vamos compará-lo por um momento com Aquenaton, Faraó egípcio que tentou também uma reforma religiosa. Os egiptólogos proclamam Aquenaton (1379 – 1361 a.C.) como um gênio raro por ter tentado – sem sucesso – substituir a idolatria confusa e vulgar do Egito antigo pela adoração do sol.[22] Pachacuti, no entanto, se encontra quilômetros adiante de Aquenaton pela sua compreensão de que o sol, que podia apenas cegar os olhos humanos, não tinha condições de competir com um Deus grande demais para ser visto pelos olhos do homem! Como é curioso que os eruditos modernos tenham feito enorme publicidade em torno da reforma de Aquenaton, enquanto a de Pachacuti é somente mencionada em livros de estudo obscuros para os iniciados.

Vamos endireitar os registros.

Se a adoração do sol por Aquenaton estava um degrau acima da idolatria, a escolha de Pachacuti de adorar a Deus em lugar do sol foi como um salto para a estratosfera! Descobrir um homem como Pachacuti no Peru do século XV é tão surpreendente como encontrar um Abraão em Ur ou um Melquisedeque entre os cananeus. Se fosse possível voltar no tempo, Pachacuti é alguém que eu certamente gostaria de conhecer. Gosto de chamá-lo de "Melquisedeque inca".

Os atenienses e cretenses da época de Epimênides e os incas dos dias de Pachacuti morreram sem ouvir o evangelho de Jesus Cristo. O que dizer disso? Não houve povos pagãos que *tivessem* vivido para receber as bênçãos do evangelho, os quais já tivessem um conceito de Deus?

A história registra, de fato, muitos desse tipo. Este é um dentre eles...

Os Santal

Em 1867, um missionário norueguês, Lars Skrefsrud e seu colega dinamarquês, um leigo de nome Hans Borreson, descobriram um povo composto de dois milhões e meio de pessoas, vivendo numa região ao norte de Calcutá, na Índia. Esse povo recebera o nome de Santal. Skrefsrud logo mostrou-se um exímio lingüista. Ele aprendeu tão depressa o santal que pessoas de regiões distantes afluíam para ouvir um estrangeiro falar tão bem a sua língua!

Com a maior rapidez possível, Skrefsrud começou a proclamar o evangelho aos santal. Ele naturalmente ficou imaginando quantos

anos seriam necessários antes que o povo santal viesse a abrir o seu coração para a mensagem ou sequer mostrar interesse por ela, desde que estava tão afastado de qualquer influência judaica ou cristã.

Para grande espanto de Skrefsrud, os santal ficaram quase imediatamente entusiasmados com a mensagem do evangelho. Finalmente, ele ouviu os sábios de Santal, inclusive um, chamado Kolean, exclamarem: "O que este estrangeiro está dizendo deve significar que Thakur Jiu não se esqueceu de nós depois de tanto tempo!".

Skrefsrud, atônito, prendeu a respiração. *Thakur* era uma palavra santal, que significava "verdadeiro". *Jiu* traduzia "deus".

O Deus Verdadeiro?

Skrefsrud não estava, então, introduzindo um novo conceito ao falar de um Deus supremo. Os sábios de Santal delicadamente puseram de lado a terminologia que ele estivera usando para Deus e insistiram em que *Thakur Jiu* era o nome certo para ser usado. Aquele nome estivera, evidentemente, nos lábios dos santal desde há muito tempo!

"Como vocês sabem a respeito de Thakur Jiu?" perguntou Skrefsrud (talvez um tanto decepcionado).

"Nossos ancestrais o conheciam no passado", responderam os santal sorrindo.

"Muito bem", continuou Skrefsrud, "tenho outra pergunta. Desde que sabem sobre Thakur Jiu, por que não o adoram em lugar do sol, ou pior ainda, dos demônios?"

A expressão dos santal mudou. "Essas", responderam eles, "são as *más notícias*". Então, o sábio santal, chamado Kolean, adiantou-se e disse: "Vou lhe contar a história desde o princípio".

Não só Skrefsrud, mas todo o grupo mais jovem dos santal silenciou, enquanto Kolean, um ancião respeitado, desenrolou uma história que levantou a poeira depositada sobre séculos de tradição oral dos santal:

Há muito, muito tempo atrás, segundo Kolean, *Thakur Jiu* – o Deus Verdadeiro – criou o primeiro homem – Haram – e a primeira mulher – Ayo – e colocou-os bem longe, na região oeste da Índia chamada Hihiri Pipiri. Ali, um ser chamado Lita tentou fazer cerveja de arroz e, depois, induziu-os a jogar parte da cerveja no solo como uma oferta a Satanás. Haram e Ayo se embriagaram com a cerveja e dormiram. Ao acordar souberam que estavam nus e tiveram vergonha.

Skrefsrud maravilhou-se com o paralelo bíblico na história de Kolean.

Porém, havia mais...

Mais tarde, Ayo teve sete filhos e sete filhas de Haram, os quais se casaram e formaram sete clãs. Os clãs migraram para uma região chamada Kroj Kaman, onde se tornaram corruptos. Thakur Jiu chamou a humanidade para "voltar a Ele". Quando o homem se recusou, Thakur Jiu escondeu um "casal santo" numa caverna no monte Harata (note a semelhança com o nome bíblico Ararate), destruindo, a seguir, o restante da humanidade através de um dilúvio. Tempos depois, os descendentes do "casal santo" se multiplicaram e migraram para uma planície de nome Sasan Beda ("campo de mostarda"). Thakur Jiu os dividiu ali em muitos povos diferentes.

Um ramo da humanidade (que chamaremos proto-santal) migrou primeiro para a "terra de Jarpi" e depois continuou avançando para leste "de floresta em floresta", até que altas montanhas bloquearam o seu caminho. Eles procuraram desesperadamente uma passagem através das montanhas, mas todas se mostraram intransponíveis, pelo menos para as mulheres e crianças. De maneira bem semelhante a Israel no Sinai, o povo desanimou em sua jornada.

Naqueles dias, explicou Kolean, os proto-Santal, como descendentes do casal santo, ainda reconheciam Thakur Jiu como o Deus verdadeiro. Porém, ao enfrentar essa crise, eles perderam a fé no mesmo e deram o primeiro passo em direção ao espiritismo. "Os espíritos dessas grandes montanhas bloquearam nosso caminho", decidiram eles. "Vamos nos ligar a eles por meio de um juramento, a fim de nos permitirem passar". Eles entraram, então, em aliança com os "Maran Buru" (espíritos das grandes montanhas), dizendo: "Ó, Maran Buru, se abrirem o caminho para nós, iremos praticar o apaziguamento dos espíritos quando alcançarmos o outro lado".

Skrefsrud tinha, sem dúvida, achado estranho que o nome santal para espíritos perversos significasse literalmente "espíritos das grandes montanhas", especialmente por não existirem grandes montanhas na terra em que os santal habitavam na época. Ele agora compreendia a razão.

"Pouco depois", continuou Kolean, "eles descobriram uma passagem (a Passagem Khyber?) na direção do sol nascente." Chamaram essa passagem de *Bain*, que significa "porta do dia". Assim, os proto-santal atravessaram para as planícies denominadas, hoje, Paquistão e Índia. Migrações subseqüentes os impeliram mais para o leste, até às regiões fronteiriças entre a Índia e a atual Bangladesh, onde se tornaram o povo santal dos dias de hoje.[23]

Escravos de seu juramento e não por amor aos Maran Buru, os santal começaram a praticar o apaziguamento dos espíritos, feitiçaria e até adoração do sol. Kolean acrescentou: "No início, não tínhamos

deuses. Os ancestrais antigos só obedeciam a Thakur . Depois de descobrir outros deuses, fomos nos esquecendo cada vez mais de Thakur, até que restou apenas o seu nome.

Atualmente alguns dizem", Kolean continuou, "que o deus-sol é Thakur. Assim sendo, quando há cerimônias religiosas... algumas pessoas olham para o sol...e falam com Thakur. Mas os nossos pais nos contaram que Thakur é distinto. Ele não pode ser visto com os olhos da carne, mas tudo vê. Ele criou todas as coisas. Colocou tudo em seu lugar e sustenta a todos, grandes e pequenos."[24]

Como Skrefsrud respondeu? Alguns missonários, com certeza responderam em situações semelhantes, dizendo: "Esqueçam-se desse ente que julgam ser Deus! Ele só pode ser o diabo! Vou lhes contar quem é o verdadeiro Deus". Esse tipo de reação arrogante, com freqüência, destruiu o potencial de resposta de povos inteiros.

Skrefsrud não pertencia a essa classe. Assim como Abraão aceitou El Elyon, o nome cananeu dado por Melquisedeque a Deus, e da mesma forma que Paulo e Barnabé, João e seus sucessores seguiram o caminho aberto pelos filósofos gregos, quando aceitaram os nomes gregos *Logos* e *Theos* como válidos para o Altíssimo, Lars decidiu também aprender uma lição de Kolean e seus ancestrais. Ele aceitou *Thakur Jiu* como o nome de Javé entre os santal.

Skrefsrud não encontrou qualquer elemento de erro ligado ao nome *Thakur Jiu*, que pudesse desqualificá-lo. Ele não se achava na categoria de Zeus, digno de rejeição, mas de Theos/Logos, merecedor de aceitação. Além disso, raciocinou ele, se, como norueguês, podia chamar o Altíssimo de *Gud* – cujo nome surgira de um ambiente tão pagão quanto *Theos* em grego e *Deus* em latim – os santal tinham então, certamente, direito de chamá-lo Thakur Jiu!

Skrefsrud aceitou o nome! Durante algum tempo, ele achou estranho ouvir de seus próprios lábios a proclamação de Jesus Cristo como Filho de Thakur Jiu! Mas isso só por algumas semanas. Depois, a estranheza se foi. Sem dúvida, deve ter sido igualmente estranho quando alguém afirmou que Jesus Cristo era o Filho de Theos, ou de God, ou de Gud, ou, finalmente, de *Deus*!

A aceitação do nome santal para Deus, por parte de Skrefsrud, fez qualquer diferença? Uma rosa, qualquer seja o nome pelo qual a chamem, não continua com o mesmo perfume? Num jardim, isso acontece, mas não na memória! A própria palavra "rosa" tem o poder de evocar a reminiscência da cor e do perfume. Substituir o seu nome por *cardo* não mudará a rosa, mas eliminará a lembrança saudosa do ouvinte. Durante séculos incontáveis, os filhos dos santal cresceram ouvindo os pais exclamarem em seus jardins ou ao redor do fogo: "Ó, se apenas nossos antepassados não tivessem cometido es-

se grave erro conheceríamos Thakur Jiu ainda hoje! Mas do modo como as coisas estão, perdemos contato com ele. Fomos, provavelmente, postos de lado como um povo indigno e ele não quer mais nada conosco, porque nossos antepassados voltaram-lhe as costas naquela hora difícil nas montanhas, há tanto tempo atrás!".

O uso do termo familiar *Thakur Jiu*, diante de qualquer audiência santal iria, portanto, evocar inúmeras lembranças, tornando os ouvintes, geralmente, mais contemplativos, curiosos e até mesmo prontos a corresponder.

Foi exatamente este o efeito que a pregação de Skrefsrud e Borreson produziu![25] De fato, antes que Skrefsrud e Borreson percebessem o que ocorria, eles se viram literalmente rodeados de milhares de indivíduos do povo santal pedindo que lhes ensinassem como reconciliar-se com Thakur Jiu através de Jesus Cristo! A possibilidade de ser eliminada a separação entre a sua raça e Thakur Jiu os empolgou ao máximo!

À medida que o ensino dos interessados causou conversões e batismos, pastores sérios, em igrejas tradicionais da Europa, logo ficaram espantados com relatórios procedentes da Índia, afirmando que Skrefsrud e Borreson estavam batizando diariamente os santal, numa média, durante um período, de cerca de 80 indivíduos irradiando alegria!

"Alguma coisa deve estar errada!" exclamaram certos teólogos europeus, julgando impossível que os "pagãos que viveram nas trevas" durante tanto tempo pudessem conhecer o suficiente sobre Deus e o caminho da salvação para serem convertidos e batizados tão depressa, através do ministério de Skrefsrud e Borreson, e em tão grande número! Até mesmo a alegação de oito batismos por dia teria confundido a mente dos clérigos europeus, a maioria dos quais teria considerado a média de um batismo por semana como prova de que a bênção de Deus se derramara poderosamente sobre o seu ministério!

Oitenta batismos por dia significavam, porém, que as jovens igrejas santal na "Índia Hindu" estavam crescendo 500 vezes mais depressa do que a maioria das igrejas na "Europa Cristã"! Os cristãos que protestaram durante longo tempo, afirmando que as missões para a Ásia seriam absolutamente inúteis, em vista dos asiáticos serem obstinados em seus pontos de vista e não poderem, de forma alguma, compreender o evangelho, ficaram atônitos. Skrefsrud e Borreson, toda vez que voltavam à Europa para fazer palestras nas igrejas, eram constantemente saudados como heróis da fé por milhares de cristãos comuns que, ouvindo falar da conversão dos santal, viajavam grandes distâncias para ouvir os dois homens. O resultado

foi um grande reavivamento da vida espiritual em muitas igrejas da Europa. Alternando com essas explosões gratificantes do aplauso público, comitês de clérigos carrancudos reuniram-se para interrogar Skrefsrud e Borreson respectivamente. Eles se sentiam obrigados a duvidar da profundidade da reação dos santal, pensando talvez que o sucesso surpreendente de Skrefsrud e Borreson entre os "pagãos" viesse a ter um reflexo negativo sobre os seus próprios ministérios laboriosos na "Europa iluminada".

Enquanto isso, na fronteira entre os santal e a Índia, os cristãos santal continuaram a manifestar o caráter cristão e provaram seu fervor ao divulgarem corajosamente o evangelho entre o seu povo. Skrefsrud contou 15.000 batismos durante os seus anos na Índia. No decorrer desse período, ele traduziu grande parte da Bíblia para a língua santal, compilou uma gramática e um dicionário santal, registrou inúmeras tradições desse povo para a posteridade e persuadiu o governo colonial a aprovar leis protegendo a minoria santal da exploração impiedosa de seus vizinhos hindus.

Surpresos com o tamanho da colheita que haviam iniciado, Skrefsrud, Borreson e suas esposas enviaram um pedido de SOCORRO! Outros missonários apressaram-se a socorrê-los, a fim de ceifar a colheita santal que amadurecia velozmente; e depois de poucas décadas, mais 85.000 crentes foram batizados pela missão santal de Skrefsrud. A essa altura, grupos batistas e outros haviam corrido para colocar seus marcos de propriedade ao longo do filão santal, sendo responsáveis por várias dezenas de milhares de novos cristãos!

A história dos santal é apenas uma entre centenas de casos em que povos inteiros do mundo não-cristão demonstraram maior entusiasmo em receber o evangelho do que nós, cristãos, mostramos em enviá-lo a eles.

O comentário feito por Kolean a Skrefsrud sobre os adoradores do sol entre os santal, mesclando o nome de Thakur Jiu com a sua adoração do sol é instrutivo. Da mesma forma que o rei de Sodoma tentou insinuar-se na vida de Abraão, os adoradores do sol ou idólatras podem algumas vezes tentar obter maior prestígio em seus rituais, associando a eles o nome de Deus. Os que praticam o ocultismo fazem ocasionalmente o mesmo com os nomes europeus para o Altíssimo, tais como: *God, Gott, ou Gud*. Os pesquisadores que investigaram apenas o ritual cúltico de qualquer determinada sociedade poderão passar por sobre o ponto de vista muito diferente dos membros mais perspicazes de uma cultura, como aconteceu com Kolean entre os santal. Na ausência desse conceito, um estranho poderia facilmente chegar à conclusão errada de que Thakur Jiu era o nome

de um deus-sol santal.

Vejamos outro caso: Huascar, décimo-segundo rei do império inca (Pachacuti foi o nono), mandou erigir um ídolo de ouro numa ilha no lago Titicaca e chamou-o de Viracocha-Inti![26]

A múmia de Pachacuti deve ter gemido em sua cripta!

O nome do deus grego *Zeus* é outro exemplo. Compare *Zeus* com *Theos* e *Deus* na coluna seguinte:

Zeus

Θeos (usando a consoante grega *theta* em lugar de "th")

Deus

Não é necessário um diploma de lingüística para enxergar que os três nomes procedem de uma única raiz lingüística. Os três começam com consoantes --Z, Θ, e D - - que exigem que a ponta da língua esteja entre os dentes ou imediatamente por trás deles. Os três nomes destacam o que os lingüistas chamam de "vogal *e* média, aberta, no segundo espaço. O terceiro espaço nos três nomes contém as vogais *o* ou *u* "posteriores fechadas". E os três nomes preenchem o quarto espaço com a sibilante *s*. Em último lugar, os três compartilham de um sentido semelhante. Vamos, agora, reconstruir teoricamente a história provável desses três termos.

No princípio, antes do grego e do latim se diferenciarem como línguas distintas, havia um vocábulo original – talvez Deos – que era um nome pessoal para o Todo-poderoso. Mais tarde, à medida que as várias seitas inventaram deuses menores e lhes deram nomes pessoais, cada seita afirmou que seu deus era, na verdade, Deos. Como resultado, na ocasião em que as mudanças de pronúncia levaram "Deos" a se tornar "Deus" em uma região e "Θeos" em outra, os três termos se haviam generalizado de forma a significar "deus" em lugar de "Deus".

Exemplo: As esponjas de aço apareceram pela primeira vez sob a marca "Bom-Bril". Quando as empresas concorrentes produziram outras marcas de esponjas desse tipo, a palavra "Bom-Bril" estava tão indelevelmente associada com as esponjas de aço que o público também chamava os produtos concorrentes de "Bom-Bril". Em outras palavras, "Bom-Bril" tornara-se "bom-bril", assim como "Deus" tornou-se "deus".

Filósofos como Xenofonte, Platão e Aristóteles tentaram, com efeito, inverter a tendência para a generalização, voltando ao uso original de *theos* como um nome pessoal. O resultado? Tanto o sentido específico original como o geral passaram a coexistir.

Zeus, como uma terceira variação do Deos original, conseguiu evitar a generalização, sobrevivendo como um nome pessoal específico. De fato, Epimênides usou *Zeus* como nome pessoal do Todo-

poderoso em outra parte do mesmo poema, citado pelo apóstolo Paulo em Tito 1.12! Porém, um destino diferente e muito mais sério sobreveio à variante *Zeus*.

Os teólogos gregos, manipulando, através dos séculos, o nome pessoal do Todo-poderoso (*Zeus*), introduziram gradualmente significados inconsistentes com o conceito original. Eles decidiram, por exemplo, afirmar que Zeus fora gerado por dois outros seres – Kronos e Rhea. Uma vez que os teólogos induziram os adoradores a aceitarem a sua revisão, o nome Zeus não mais designava um Criador incriado. Na ausência de um número suficiente de "koleans" para defender o conceito original, "Zeus" morreu como um nome válido para Deus. Esse termo uma vez profundo prosseguiu, tornando-se, porém, tão incrustado de erros que nem sequer um Platão ou Aristóteles puderam resgatá-lo. Eles tiveram simplesmente de passar por ele, favorecendo Theos. O mesmo fizeram os tradutores judeus e os apóstolos cristãos.

Do mesmo modo, quase no exato momento em que o Cristianismo nasceu, os "mudadores de significado" teológicos tentaram insinuar novos sentidos tendenciosos nos termos cristãos. Os grandes concílios teológicos dos Pais da Igreja podem ser tidos como uma tentativa de impedir que os termos cristãos importantes sofressem o mesmo destino de palavras antes elevadas, como *Zeus*, tinham sofrido.

Uma das surpreendentes características deste "deus dos céus" benigno e onipotente, de muitas religiões populares da humanidade, é sua tendência de identificar-se com o Deus do Cristianismo! Esse "deus dos céus", embora considerado pela maioria das religiões populares como remoto e praticamente inatingível, tende a aproximar-se e falar às pessoas religiosas sempre que – sem que elas mesmo o saibam – estão prestes a encontrar emissários do Deus cristão!

E o que o "deus dos céus" diz nessas ocasiões? Ele se vangloria e se encoleriza invejosamente contra o Deus do cristianismo, como uma divindade estrangeira usurpadora? Pressiona seus seguidores a rejeitarem fanaticamente o evangelho do intruso? Longe disso! Em centenas de casos, atestados por literalmente milhares de religiosos em todo o mundo, o Deus dos céus faz exatamente o que El Elyon fez através de Melquisedeque. Ele reconhece alegremente como sendo seus os mensageiros de Javé que se aproximam! Toma cuidado para esclarecer perfeitamente que Ele é justamente o próprio Deus que esses estrangeiros especiais proclamam!

Tem-se a indiscutível impressão de que o Deus dos Céus queria comunicar-se com pessoas de várias religiões populares todo o

tempo, mas por suas próprias razões misteriosas manteve uma política de restrição até a chegada do testemunho de Javé!

Esta é, com certeza, uma poderosa evidência extra-bíblica da autenticidade da Bíblia como revelação do Deus verdadeiro e universal! Ela é também, como veremos mais tarde, a principal razão, a nível humano, para a aceitação fenomenal do cristianismo entre pessoas de muitas religiões populares diferentes em todo o mundo. Além do mais, passagem após passagem das Escrituras têm testemunhado, no decorrer dos séculos, que o nosso Deus não se deixou sem testemunho – em separado da pregação do evangelho (veja por exemplo, At 14.16-17 e Rm 1.19-20 e 2.14-15). Esse testemunho, embora diferente na espécie e qualidade do testemunho bíblico – continua sendo mesmo assim uma evidência dEle!

Como é então trágico a verdade de que os cristãos em geral não sabem praticamente nada sobre este fenômeno mundial de pressuposição monoteísta, subjacente à maioria das religiões populares da terra! Muitos teólogos e até alguns missionários, cujos ministérios foram tremendamente facilitados pelo fenômeno, nervosamente empurraram para um canto escondido esta evidência que serve para clarear a mente.

Por que? Se você pertence a uma tradição que vem ensinando aos cristãos, há séculos, que o resto do mundo se acha em total escuridão e nada sabe sobre Deus, fica um tanto embaraçoso dizer: "Estávamos errados. Na verdade, mais de 90 por cento das religiões populares do mundo reconhecem pelo menos a existência de Deus. Algumas até consideram seu interesse redentor pela humanidade".

A declaração feita pelo apóstolo João de que o mundo jaz no maligno (veja 1 Jo 5.19), deve ser combinada com o reconhecimento do apóstolo Paulo de que Deus não se deixou ficar sem testemunho. Pois esse testemunho penetrou nas trevas da impiedade em quase toda parte, até certo ponto.

Nas palavras do apóstolo João, "a luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela" (Jo 1.5). João especificou ainda que a "luz" descrita por ele é "a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a *todo* o homem" (1.9, grifo acrescentado).

Mas, por que os missionários que passaram pela mesma experiência do fenômeno do deus dos céus procuram ocultar a mesma? Talvez por julgarem que alguém pudesse dizer em seu país: "Vejam! Eles já acreditavam em Deus! Você não precisava convertê-los, afinal de contas!" Evitar a objeção era mais fácil do que confrontá-la – embora não seja difícil de contestar! Então, eles simplesmente comunicaram outras informações importantes aos que os mantinham na missão.

Outros missionários, treinados por teólogos que menosprezavam o fenômeno, ficaram assim mentalmente condicionados a ignorar a evidência, ainda antes de tê-la encontrado! Ou talvez se surpreendessem com ela, mas se sentissem relutantes em mencioná-la para que seus próprios professores não viessem a duvidar de sua ortodoxia.

Dois ou três teólogos proeminentes, quando começaram a ouvir relatos de segunda ou terceira mão sobre um reconhecimento quase universal de um Deus Supremo, entre as religiões populares ao redor do mundo, chegaram precipitadamente a uma conclusão infeliz: A singularidade da Bíblia, como a única auto-revelação de Deus ao homem, estava sendo ameaçada, segundo eles. Alguns evolucionistas, compreendendo que não seria proveitoso para sua causa se os teólogos começassem a divulgar o fenômeno do deus dos céus, astuciosamente os instigaram a rejeitar o fenômeno, insinuando que ele provava que a Bíblia não era única. Os teólogos responderam com pouca sabedoria, rejeitando o fenômeno do deus dos céus como inconseqüente. Por sua vez, eles persuadiram gerações de alunos a adotarem a mesma postura defensiva. Desde então, certos teólogos tornaram parte de sua carreira desacreditar crenças paralelas à Bíblia nas religiões populares como "distorções" ou "falsidades satânicas".

Naturalmente, é verdade que contrafações espirituais, falsidades e distorções foram de fato introduzidas no mundo. É também possível que os mensageiros do evangelho sejam desviados por elas, assim como é igualmente possível que uma abelha, zumbindo em meio às flores, caia, por engano, nas garras de uma planta carnívora. Mas as abelhas não deixam de colher o néctar com medo das plantas carnívoras, ou das teias de aranhas ou dos insetos louva-deus.

A seguir, vemos dois exemplos de plantas carnívoras fazendo o papel de "flores" em nosso "campo", como Jesus chamou repetidamente este mundo. Os missionários fazem bem em evitar tais coisas e os teólogos nos advertem corretamente contra elas.

1. Os hindus esperam o que chamam "a décima encarnação de Vishnu". Um jovem missionário na Índia, desesperado em obter a atenção dos hindus, simplesmente decidiu proclamar Jesus desse modo – a décima encarnação de Vishnu! Ele estava certamente sendo insincero ao afirmar tal coisa. Os teólogos conservadores agitam os braços, como um juiz de futebol, e gritam "louco!", quando ficam sabendo de uma abordagem tão comprometedora na comunicação transcultural.

Porém, eles não devem, logo a seguir, argumentar com base

nesse único exemplo, que o ponto de vista de outras culturas é basicamente irrelevante quando nos aproximamos delas com o evangelho. Esse tipo de dedução é um exemplo de atitude precipitada.

Permanece o fato de que a crença indiana na possibilidade de um deus encarnar-se entre os homens, torna-nos mais compreensivos quando conversamos com eles sobre "o Verbo que se fez carne e habitou entre nós" – não em ocasiões sucessivas, mas de uma vez por todas!

2. Alguns budistas, do mesmo modo, esperam uma quinta manifestação de Buda como *Phra-Ariya-Metrai*, o "senhor misericordioso". Seria errado e fútil reduzir o Filho de Deus, encarnado uma vez por todas, a uma simples "quinta manifestação" de quem quer que seja. No entanto, o reconhecimento dos budistas de que o homem precisa de misericórdia administrada por um poder além de si mesmo, permanece como um ponto de contato latente.

O testemunho entre as religiões populares relativo à existência do Deus Supremo tende, entretanto, a constituir uma categoria muito diferente das acima citadas. Apresentamos a seguir duas ilustrações. Uma delas vem do livro de Harold Fuller, *Run While the Sun is Hot* ("Corra Enquanto o Sol Está Quente"), com detalhes acrescentados e extraídos da obra de Albert Brant, ainda não publicada, *In the Footsteps of the Flock* ("Nos Passos do Rebanho"). A outra faz parte de uma entrevista pessoal com o Dr. Eugene Rosenau, virtual cidadão da República Centro-Africana.

O Povo Gedeo da Etiópia

Nos recessos da região montanhosa da Etiópia, na parte centro-sul, vivem vários milhões de cafeicultores que, embora divididos em diversas tribos, compartilham uma crença comum num ser benévolo chamado *Magano* – Criador onipotente de tudo quanto existe. Uma dessas tribos é chamada de Darassa ou, mais acuradamente, de povo gedeo. Na verdade, bem poucos membros da tribo gedeo, cerca de meio milhão de membros, oravam a Magano. Com efeito, um observador casual descobriria que o povo estava mais preocupado em apaziguar um ser maligno, a quem dava o nome de Sheit'an. Certo dia, Albert Brant perguntou a um grupo de gedeos: "Vocês consideram Magano com tanta reverência, mas no entanto rendem sacrifícios a Sheit'an; por que isso? Ele recebeu a seguinte resposta: "Sacrificamos a Sheit'an, não porque o amemos, mas simplesmente por não termos comunhão suficiente com Magano para que nos afastemos de Sheit'an!

Todavia, pelo menos um homem gedeo procurou uma resposta

pessoal de Magano. Seu nome – Warrasa Wange. Sua posição – parente da "família real" da tribo gedeo. Seu domicílio – uma cidade de nome Dilla, situada na parte mais remota das terras da tribo gedeo. Seu método de abordagem a Magano – uma oração simples, pedindo-lhe que Se revelasse ao povo gedeo!

Warrasa Wange obteve uma pronta resposta. Visões surpreendentes começaram a surgir em seu cérebro de uma hora para outra. Ele viu dois homens brancos. (Os que sofrem de "caucasofobia" – pessoas que não gostam ou temem os "brancos", geralmente chachamados "caucasianos" – irão objetar, mas o que posso fazer? A história não deve ter previsto o pendor atual para a caucasofobia!)

Warrasa viu os abrigos frágeis erigidos pelos dois brancos, sob a sombra de um grande sicômoro, perto de Dilla, cidade de Warrasa. Mais tarde, eles construiram estruturas mais permanentes, com tetos brilhantes. Essas estruturas, finalmente pontilharam toda uma ladeira! O sonhador jamais vira as estruturas temporárias frágeis nem as permanentes, de telhado brilhante. Todas as habitações na terra dos gedeos tinham telhado de capim.

Então, ele ouviu uma voz. "Esses homens", disse ela, "trarão a você uma mensagem de Magano, o Deus que você procura. Espere por eles".

Na cena final de sua visão, Warrasa viu-se removendo a estaca central de sua própria casa. No simbolismo gedeo, essa estaca central representa a própria vida do homem. Ele levou a seguir a estaca e fixou-a no solo junto a uma das habitações de telhado brilhante dos estranhos.

Warrasa compreendeu a implicação – a sua vida iria identificar-se mais tarde com a dos estrangeiros, com a sua mensagem e com Magano que os enviaria.

Warrasa esperou. Oito anos se passaram. Durante esses oito anos vários adivinhos entre os gedeos profetizaram que estranhos logo chegariam trazendo uma mensagem de Magano.

Num dia muito quente, em dezembro de 1948, o canadense de olhos azuis, Albert Brant, e seu colega, Glen Cain, surgiram no horizonte num velho caminhão. A missão deles era dar início ao trabalho missionário, para a glória de Deus, entre o povo gedeo. Eles haviam esperado permissão do governo etíope para estabelecer sua nova missão bem no centro da região dos gedeos, mas os etíopes amigos da missão avisaram que tal pedido seria certamente recusado devido ao clima político existente na ocasião.

"Peçam para ir apenas até a cidade de Dilla", disseram os conselheiros com uma piscadela. "Ela fica bem distante do centro da tribo. Os que se opõem à sua missão vão achar que não poderiam de

forma alguma influenciar a tribo inteira a partir dessa cidade na periferia!"

"Lá está ela", exclamou Brant para Cain. "Fica bem na extremidade da população gedeo, mas tem de servir."

Com um suspiro, ele dirigiu o velho caminhão para Dilla. Glen Cain limpou o suor da testa. "Que calor, Albert", disse ele. "Espero encontrar uma boa sombra para as nossas tendas!"

Olhe aquele velho sicômoro!" respondeu Albert. "Parece encomendado para nós!"

Brant virou o veículo, subindo uma lombada, em segunda, para chegar à árvore. Warrasa Wange ouviu o som do carro à distância. Ele se voltou justamente a tempo de ver o velho caminhão de Brant parar sob os ramos estendidos da árvore. Devagar, Warrasa seguiu para onde estava o caminhão, refletindo...

Três décadas mais tarde, Warrasa (agora um crente radiante em Jesus Cristo, Filho de Magano), junto com Albert Brant e outros, contaram mais de 200 igrejas entre o povo gedeo – igrejas com uma média acima de 200 membros cada! Com a ajuda de Warrasa e outros habitantes de Dilla, quase toda a tribo gedeo foi influenciada pelo evangelho – apesar da localização periférica de Dilla!

Os Mbaka da República Centro-Africana

O que aconteceu entre o povo gedeo não é, de maneira alguma, um incidente isolado. Por incrível que pareça, literalmente milhares de missionários cristãos através da história ficaram surpresos com as boas-vindas exuberantes de alguns povos mais remotos! Pessoas que não conseguiriam ler um jornal, nem mesmo se ele fosse atirado à sua porta, previram a chegada dos mensageiros do Deus verdadeiro com tanto conhecimento como se tivessem acabado de ler sobre eles no noticiário matutino! Porém, geralmente o "deus dos céus" – como os antropólogos costumam designá-lo – não revelava o tipo de boas notícias que seus mensageiros transmitiriam. Ele prefereria dizer apenas que estavam para chegar. Eis o motivo pelo qual a história de Koro vem a ser uma exceção estonteante!

Koro? O Criador, como é chamado em várias línguas banto da África. E uma tribo banto – os Mbaka - chegaram talvez mais perto do que qualquer outro povo da terra a prever não apenas a chegada de uma mensagem de Koro, mas até mesmo da parte de seu conteúdo!

Os Mbaka vivem perto da cidade de Sibyut na República Centro-Africana. O missionário Eugene Rosenau, Ph.D., costumava ouvir atônito quando os homens da tribo Mbaka, especialmente os da al-

deia Yablangba, explicavam porque haviam respondido com tanta prontidão ao evangelho quando o pai de Eugene, Ferdinand Rosenau, e seus colegas batistas o pregaram pela primeira vez entre os mbaka, em princípios da década de 20.

Certo dia, Eugene, profundamente comovido, exclamou: "Os seus ancestrais mbaka estavam mais perto da verdade do que meus antepassados germânicos ao norte da Europa!" Seguem-se alguns comentários dos membros da tribo mbaka, que me foram transmitidos de Mbakaland pelo próprio Eugene Rosenau.

"Koro, o Criador, enviou uma mensagem a nossos antepassados há muito tempo atrás, dizendo que Ele já mandara seu Filho para realizar uma coisa maravilhosa em favor de toda a humanidade. Mais tarde, porém, nossos ancestrais afastaram-se da verdade sobre o Filho de Koro. Com o tempo, eles até esqueceram o que Ele havia feito pela humanidade. Desde a época do "esquecimento", gerações sucessivas de nosso povo desejaram descobrir a verdade sobre o Filho de Koro. Mas tudo o que pudemos saber foi que mensageiros finalmente viriam para repetir esse conhecimento esquecido. De alguma forma, sabíamos também que os mensageiros seriam provavelmente brancos..."

(Os que sofrem de caucasofobia podem relaxar! Desta vez a cor branca era apenas uma probabilidade!)

"...Em qualquer caso, resolvemos que, à chegada dos mensageiros de Koro, todos nós lhe daríamos as boas-vindas e creríamos na sua mensagem!"

Ferdinand Rosenau descobriu, além disso, que os homens de uma certa aldeia chamada Yablangba eram considerados "guardadores das tradições de Koro" – uma espécie de clã levítico dentro da tribo. Como, então, eles responderam ao evangelho?

O povo mbaka em Yablangba, reagiu tão positivamente ao evangelho, conta Eugene, que cerca da década de 50 alguém fez uma importante descoberta – 75 a 90 por cento de todos os pastores africanos, treinados por Eugene e seus colegas, eram dessa mesma grande aldeia – Yablangba! A porcentagem foi depois alterada, à medida que outros povos da República Centro-Africana, que responderam, passaram a contribuir com sua quota de líderes, a maioria dos quais foi naturalmente orientada pelos primeiros pastores de Yablangba.

Até mesmo os "ritos de passagem" tribais entre os mbaka, diz Eugene, mostram paralelos judeu-cristãos. Primeiro, os anciãos ofereciam um sacrifício de sangue pelos iniciados. A seguir, batizavam-nos por imersão num rio. Durante vários dias após o batismo, o iniciado deveria comportar-se como uma criança recém-nascida! De

acordo com o simbolismo, não lhe era permitido falar.

Toda vez que um indivíduo mbaka tropeçava numa pedra, ele se voltava e ungia o objeto ofensor. A seguir, dizia à mesma: "Fale, pedra, Koro usou você para guardar-me do perigo ou do mal?"

Eugene vê um estranho paralelo entre esse costume e a metáfora bíblica de Jesus Cristo como uma "pedra de tropeço" e uma "rocha de ofensa". Porém, Ele representa isso apenas para os homens que não reconhecem que Deus busca guardá-los do perigo e do mal através de Jesus! Os mbaka, por sua parte, estão prontos a reconhecer a bênção de Koro, até mesmo quando ela vem disfarçada numa pedra de tropeço que fere o seu pé!

Eugene lembra uma época, anos antes, quando missionários mais jovens, encantados com histórias desse tipo das tradições mbaka, disseram que gostariam de ter "mais tempo para estudar a cultura". Um missionário mais velho objetou: "Não se estuda o inferno. Pregamos o céu!"

O "inferno" acha-se admitidamente presente em toda sociedade humana. Selvagens "nobres" são tão raros quanto nobres civilizados. O mesmo homem que unge a pedra, hoje, pode cometer homicídio amanhã. Admitimos também que jamais devemos permitir que nosso fascínio por qualquer situação humana nos absorva tanto que deixemos de "pregar o céu".

Não obstante, parece claro que o "inferno" não teve prioridade no desenvolvimento da cultura mbaka, pois alguma influência celestial se faz sentir. Quem quer que desejasse pregar sinceramente o céu aos mbaka não erraria se primeiro estudasse a influência que este já exercera sobre o mundo deles!

Do mesmo modo que aceitamos prontamente um estranho, caso primeiramente ele tenha sido recomendado por alguém que conhecemos e em quem confiamos, os mbaka também receberam alegremente o evangelho por ter-lhes sido recomendado por alguém que conheciam e em quem confiavam – sua própria tradição sobre Koro!

Por essas razões, proponho que estes aspectos particulares da tradição mbaka sejam descritos como "redentores". (*Nota*: "redentores" e não "salvadores"! "Redimir" significaria que o povo mbaka poderia entrar em comunhão com Deus através de suas próprias tradições, em separado do evangelho. "Redentor", neste contexto, significa "contribuir para a redenção de um povo, mas sem culminá-la.")

"A tradição redentora" contribui para a redenção de um povo, apenas por facilitar sua compreensão do sentido dessa redenção.

A tradição redentora dos mbaka levou-os a considerar o evangelho como algo precioso e não como uma coisa imposta arbitraria-

mente por um estrangeiro. Esse mesmo evangelho não se ajustava somente às exigências de Koro como um Deus justo, mas também às suas próprias necessidades como homens e mulheres pecadores. O fato de o evangelho fazer isto de modo a cumprir, em vez de anular, este núcleo "redentor" da tradição mbaka torna o evangelho único, em lugar de diminuí-lo! Essa singularidade aumenta muitíssimo quando percebemos que o mesmo evangelho também cumpre os componentes redentores de milhares de outras culturas!

Nenhuma outra mensagem da terra já possui um alicerce lançado para a mesma nos sistemas de fé de milhares de sociedades humanas completamente diversas!

Como é lamentável que alguns teólogos tenham julgado que a singularidade do evangelho estivesse sendo ameaçada por essas tradições, quando na verdade elas a acentuavam! É igualmente digno de lástima que nos ensinassem a condenar as mesmas, considerando-as "falsas" ou "distorcidas". Este tipo de ensino levou alguns cristãos – incluindo certos missionários – a se mostrarem muito defensivos e até ofensivos para com os não-cristãos. Instigou-os a ver as semelhanças com o cristianismo em outras culturas com barreiras ao evangelho, em vez de umbrais com a inscrição "bem-vindos"!

Uma outra pergunta: E se os convertidos de um determinado povo, depois de receberem o evangelho, com a sua compreensão facilitada por suas próprias tradições, se desencantarem posteriormente do mesmo? E se voltarem às suas tradições e fizerem delas um fim em si mesmas? E se construírem uma seita em volta delas, competindo com as igrejas de Cristo? Devemos dizer então: "Ah! Isto prova que as tradições deles eram do diabo todo o tempo!"

Absolutamente não! Se uma mulher estraga a navalha do marido cortando algum objeto, isso significa que ele não deveria ter uma navalha desdeo começo? O mau uso subseqüente não invalida o propósito para o qual a navalha foi fabricada. Antes de desacreditar a tradição ou culpar as pessoas pelos seus atos, devemos fazer primeiro indagações quanto ao seguinte.

Em nossa apropriação do folclore, deixamos muitas perguntas sem resposta? Ou, quem sabe, missionários da segunda ou terceira geração tivessem falhado em apreciar a metodologia transcultural dos pioneiros ousados que fizeram os primeiros contatos com o povo em sua área? Certas vezes, quando visito campos missionários, descubro que os obreiros que continuam o trabalho começado por outros nem sequer pensaram em inquirir sobre o tipo de comunicação que seus predecessores consideravam eficaz. Se esses sucessores tomarem muitas coisas como certas, eles talvez ofendam desnecessariamente os jovens convertidos, afastando-os das igrejas cristãs.

Desse modo, quando esses convertidos procuram encher o vazio em suas vidas, confirmando as antigas tradições, que sabem instintivamente estarem de alguma forma ligadas ao evangelho, o seu folclore pode ser injustamente rotulado de "arma satânica usada para iludir jovens convertidos".

Uma outra pergunta: não é humilhante para povos como os gedeos ou os mbaka terem conhecimento sobre Magano/Koro e serem obrigados a aguardar séculos até que estrangeiros de alguma outra parte do mundo resolvam que "talvez esteja na hora de ir e contar-lhes como podem conhecê-lO pessoalmente?"

A resposta é, acima de tudo, sim! Povos como os gedeos ou os mbaka várias vezes deixaram os missionários embaraçados, perguntando: "O seu tataravô conhecia os caminhos de Deus? Sabia? Então, por que não veio e ensinou meu tataravô?!"

Mas uma resposta mais completa exige também o seguinte comentário: Pense na pessoa mais presunçosa e arrogante que conhece (não inclua você mesmo). Agora pergunte: Que denominador comum esconde-se por trás desse conceito e dessa arrogância? Esse denominador comum é invariavelmente uma ilusão de independência – uma confiança irreal em nossa capacidade de forjar nosso próprio destino.

Se entre os presunçosos você encontrar alguém que julga agradar até mesmo a Deus – é certo que se trata do mais arrogante de todos! Não nos surpreende então que a resposta divina à arrogância humana seja declarar-nos todos *dependentes*! Essa dependência não está ligada às nossas boas obras" mas à boa obra de seu Filho no Calvário! Isto não nos deixa qualquer base para a vaidade! Porém, Deus parece ter avançado ainda mais...

Além de nos tornar dependentes de seu Filho para salvação, Ele também nos reduziu à dependência de nosso semelhante para receber as notícias dessa salvação! Jesus não publicou qualquer livro. De fato, Ele não nos deixou uma única letra de próprio punho! Também não designou anjos em nossa era para pregarem o evangelho, em lugar de homens ou em colaboração com eles!

Se tivesse acrescentado anjos à sua força-tarefa de comunicação, você já pode advinhar o que teria ocorrido – as igrejas fundadas através do ministério de anjos iriam proclamar sua superioridade sobre as implantadas pelo ministério de simples homens (ou vice-versa)!

Na plano de Deus, entretanto, as coisas tendem a funcionar de modo a não dar margem para o orgulho humano! "Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça" (1 Pe 5.5). Se, portanto, o judeu mostrar humildade quando um samaritano

lhe der uma lição espiritual, Deus irá alegremente providenciar uma situação de ensino adequada! (Veja Lc 10.25-37; 17.11-17.) Da mesma forma, Deus humilha algumas vezes os arrogantes europeus transmitindo-lhes sua verdade através de irmãos mulatos ou pretos da Ásia ou África. De modo inverso, talvez seja melhor para a alma de um liberal rancoroso, se encontrar o caminho da verdadeira libertação por meio de um membro da raça dominante odiada!

Com esses princípios em mente, prefiro não questionar o método divino de fazer uso de mensageiros improváveis para alcançar vários povos. Espero confiante que Ele continue a empregar mensageiros que façam levantar as sobrancelhas de pelo menos alguém.

Vejamos agora outros exemplos de povos preparados.

Os Chineses e os Coreanos

Os chineses o chamam de *Shang Ti* – o Senhor do Céu.

Alguns eruditos fazem especulações a respeito de Shang Ti poder talvez relacionar-se lingüisticamente ao termo hebraico Shaddai, como em El Shaddai, o Todo-poderoso.

Na Coréia ele é conhecido como *Hananim* – O Grande.

A crença em Shang Ti/Hananim é anterior ao confucionismo taoísmo e budismo, não se sabe por quantos séculos. De fato, segundo a *Encyclopedia of Religion and Ethics* ("Enciclopédia de Religião e Ética" (vol 6, p. 272), a primeira referência a qualquer tipo de crença religiosa na história chinesa especifica apenas Shang Ti como o único objeto dessa fé. A antigüidade da referência em questão: cerca de 2.600 anos antes de Cristo! Isso significa mais de dois mil anos antes que o confucionismo ou qualquer outra religião estabelecida surgisse na China!

Os adoradores em toda a China e Coréia parecem ter compreendido, desde o início, que Shang Ti/Hananim jamais deveria ser representado por ídolos. O povo chinês, por sua parte, parece ter homenageado Shan Ti livremente até o começo da Dinastia (1066-770 a.C.). Nessa época, os líderes religiosos chineses, desejosos de enfatizar a majestade e santidade de Shang Ti, gradualmente perderam de vista seu amor e misericórdia para com os homens. Eles logo limitaram de tal modo a fé que apenas o imperador foi considerado "suficientemente bom" para adorar Shang Ti – e isso somente uma vez por ano!

O povo comum, a partir desse período, ficou proibido de render culto diretamente ao Criador. Foi-lhe dito que o Pai Imperador tomaria conta de tudo.

Paralelos trágicos ligam esta antiga política chinesa com a de-

cisão do inca Pachacuti de restringir às classes altas o privilégio de adorar Viracocha. A decisão de Pachacuti não só deixou as massas sem Viracocha, como também deixou Viracocha sem seguidores entre os incas, uma vez que os invasores exterminaram a nobreza inca. Da mesma forma, a política imperial chinesa não deixou apenas as massas sem Shang Ti, mas também Shang Ti virtualmente sem adeptos entre os chineses devido ao que se seguiu.

Impedir que o povo obedecesse a Shang Ti, como era de seu costume, criou um vácuo espiritual na China. Esse vácuo não poderia perdurar muito tempo sem que alguma coisa se apressasse a preenchê-lo. Apenas três séculos depois do fim da Dinastia Chu, três religiões inteiramente novas materializaram-se do nada e precipitaram-se para preencher esse vazio.

A primeira, o confucionismo, começou ensinando as massas a limitarem a devoção religiosa à adoração dos ancestrais dando prioridade ao desenvolvimento de uma sociedade melhor aqui na terra! Não se importem com Shang Ti, aconselhou Confúcio. Ele está distante; é inacessível ao povo comum. Deixem-no para o imperador, que é o único que pode interceder por vocês! Em outras palavras, o confucionismo simplesmente tentou construir uma estrutura humanista em torno do *status quo*! A adoração dos ancestrais foi uma espécie de calmante usado para tranqüilizar o instinto religioso do homem e não para satisfazê-lo.

Favorecido pela classe dominante por razões óbvias, o confucionismo começou a ganhar terreno. Os ensinos de Confúcio não podiam, no entanto, satisfazer o instinto religioso da grande maioria dos chineses. O resultado foi o aparecimento do taoísmo como uma suposta alternativa popular ao confucionismo.

A solução do taoísmo para a fome que devorava o coração dos chineses era uma mistura de magia, filosofia e misticismo. Os taoístas ridicularizavam a busca de Confúcio de uma sociedade humana ideal. A ordem do universo, declararam os taoístas, favorece firmemente o *status quo* e resistiria obstinadamente a todas as tentativas de modificá-lo!

O taoísmo também começou a ganhar terreno, mas a fome continuou. Então surgiu, da Índia, por sobre o Himalaia, uma nova religião chamada budismo! Parece incrível que o budismo pudesse ser bem recebido na China, pois enfatiza o celibato. Nada poderia ser mais abominável para os chineses com sua idealização exagerada do casamento e procriação! Todavia, o budismo obteve rapidamente amplo apoio popular e finalmente prevaleceu sobre o confucionismo e taoísmo como a religião predominante da China.[27]

Qual a razão do sucesso do budismo?

Primeiro, os mestres budistas evitavam o confronto com os costumes indígenas contrários. Eles mudavam ou adaptavam constantemente suas doutrinas para torná-las aceitáveis aos chineses. O budismo simplesmente dissolveu-se na sociedade chinesa como a manteiga quente no pão fresco. Para a maioria teimosa, que rejeitava o celibato, os sacerdotes budistas inventaram solicitamente outras maneiras pelas quais os chineses casados conseguiam obter pontos em sua busca do Nirvana.

A razão principal para a aceitação do budismo por parte de milhares de chineses foi muito direta – o budismo mostrou-se disposto a fornecer os deuses que os chineses podiam adorar!

Não se trata de Gautama, o fundador do budismo, pretender que seus seguidores ensinassem a idolatria. Ele até chegou, de fato, a adverti-los que não começassem uma nova religião! O budismo começou somente como uma reação aos excessos do hinduísmo. No início, o budismo era tão centralizado no homem quanto o confucionismo, ou até mais que ele!

Os seguidores de Gautama, porém, chegaram logo à decisão prática de que as massas sequiosas de adoração na China queriam divindades perante as quais pudessem inclinar-se e não apenas ideais centralizados no homem, a serem contemplados! Os sacerdotes budistas viram uma oportunidade de sobrepujar não só o confucionismo humanista como também o taoísmo místico, com sua filosofia, magia e ritual. Mas, eles defenderam a idéia de uma volta à adoração de Shang Ti? Fazer isso seria invadir o domínio que o imperador considerava propriedade sua. Havia, no entanto, uma alternativa fascinante.

Eles encorajaram os chineses a adorarem o próprio Gautama como Buda – o iluminado! O pó de Gautama deve ter-se transformado em lixívia e aberto caminho através do chão de sua sepultura! Já que os chineses achavam difícil formar uma idéia mental de um Gautama indiano, os sacerdotes budistas fizeram estátuas dele com os olhos adequadamente oblíquos. Tudo isto só para ajudar a adoração! Com o tempo, alguém sugeriu queimar incenso diante das estátuas comemorativas. Pode estar certo de que isso também aconteceu apenas para ajudar na adoração. Nada com que preocupar-se. Em muito pouco tempo todos sabiam que as estátuas haviam-se tornado ídolos a serem adorados, mas a essa altura ninguém mais se importava com isso.

O budismo forneceu deuses, é certo, mas não *o* Deus. Shang Ti, o Deus a quem muitos dos fundadores da China oravam, não tinha parte no budismo, nem desejava ter. Shang Ti, cuja providência, segundo os próprios historiadores chineses, havia feito da China uma

uma grande nação, não era mais citado como um Deus a quem o povo comum pudesse orar.

Como aconteceu com a adoração Inti – o fator Sodoma entre os incas – que obscureceu quase totalmente a memória de Viracocha – o budismo tornou-se o fator Sodoma que afastou quase inteiramente a maioria dos chineses e algum tempo mais tarde, a maioria dos coreanos, de Shang Ti/Hananim. Quase.

Apesar do afastamento combinado dessas três religiões concorrentes, a lembrança de Shang Ti perdurou. Mesmo dois mil e quinhentos anos após a emergência do confucionismo, taoísmo e budismo, os chineses e coreanos ainda falavam ocasionalmente de Shang Ti/Hananim com curiosidade e uma certa reverência. As crianças chinesas também diziam, às vezes: "Papai, fale-nos de Shang Ti". Os filhos dos coreanos talvez exclamassem: "Papai, conte a história de Hananim". Os pais chineses e coreanos balançavam invariavelmente a cabeça, dizendo: "Sabemos tão pouco. Ele está muito longe".

Da mesma forma que Viracocha, Shang Ti teria o seu Pachacuti. Mas seja como Shang Ti ou Hananim, onde encontraria defensores que pedissem a volta dos povos infiéis?

Desta vez, chegaram emissários com a revelação especial de Shang Ti/Hananim – o testemunho judeo-cristão. Porém, o depoimento deles, foi muitas vezes intermitente e nem sempre identificaram o mesmo com o testemunho residual monoteísta, já reconhecido como válido pelos chineses e coreanos.

Em lugar de pedir aos ouvintes que se ajoelhassem arrependidos diante de Shang Ti/Hananim, o Deus reverenciado pelos antepassados que haviam fundado ambas as nações antes do início da história escrita, os mensageiros muitas vezes deram um nome completamente estranho ao Todo-poderoso. Algumas vezes, eles até se empenhavam em enfatizar que esse Deus "estrangeiro" não se parecia com nenhum deus que os chineses ou coreanos tivessem conhecido antes. Os que tiveram essa atitude, interpretaram de maneira completamente errada a verdadeira situação, deixando também de perceber o alvo real de seu ministério. Era como se Abraão tivesse recusado reconhecer El Elyon.

Os primeiros a chegar foram os nestorianos, no século VIII A.D. Mais tarde, Kublai Khan, fascinado pelo que aprendera de Marco Polo sobre o evangelho, enviou mensageiros ao Papa pedindo que mandasse missionários para ensinar as boas novas de Jesus Cristo a todos os habitantes de seu império. A china fazia parte desse império na época. O Papa demorou para atender o pedido, mas finalmente enviou quatro sacerdotes para os domínios do Khan. Alguns deles

morreram no caminho e outros voltaram covardemente à pátria.

Kublai Khan, convencido de que o monoteísmo era superior à idolatria, procurou uma alternativa no islamismo. Muitos povos mongóis vieram dessa forma a tornar-se muçulmanos.

Anos mais tarde, ordens católico-romanas chegaram à China e à Coréia com resultados confusos. Os católicos romanos adotaram frases como *Tien Ju* – Mestre do Céu ou *Tien Laoye*, para designar Deus na língua chinesa. Mais tarde, na Coréia, eles ignoraram durante muitas décadas o termo nativo *Hananim* e impuseram em seu lugar esses mesmos termos chineses.

Os missionários protestantes, ao chegarem finalmente à China, discordavam veementemente entre si quanto ao uso de "Shang Ti", alguma outra palavra ou frase chinesa, ou um termo estrangeiro para o Todo-poderoso. Um grupo afirmava ser melhor usar um "novo nome para uma coisa nova". Os que empregavam "Shang Ti", em geral não se aproveitavam do pleno potencial do nome, deixando de invocar sua antiqüíssima associação com as origens da China. A falta de consenso sobre este ponto vital foi, provavelmente, a razão dos protestantes, proporcionalmente, terem causado menos impacto sobre a China do que sobre a Coréia.

Quando, porém, os missionários protestantes entraram na Coréia em 1884, eles estavam virtualmente de acordo! Os registros indicam que acreditavam sinceramente, depois de investigar a compreensão dos coreanos quanto ao mundo sobrenatural, que Javé só poderia ter um nome na Coréia – *Hananim*! Alguns talvez tivessem escolhido Hananim por pura obstinação. Eles viram que seu uso os faria prevalecer sobre os missionários católico-romanos que tinham precedido os protestantes em algumas partes da Coréia, mas estavam impondo um nome estrangeiro para Deus.

Em qualquer caso, já em 1890, um pioneiro protestante escreveu: "O nome Hannonim é tão destacado e tão universalmente usado que não precisamos temer em futuras traduções e pregações os conflitos inconvenientes ocorridos, há muito tempo atrás, entre os missionários chineses a respeito do assunto, embora os romanistas tenham introduzido o nome que empregam na China".[28]

Quer baseado na convicção ou no espírito de contradição, a escolha de Hananim não poderia ser mais providencial para as missões protestantes na Coréia! Pregando fervorosamente nas cidades, vilas, aldeias ou na zona rural, os missionários protestantes começaram por afirmar a crença coreana em Hananim. Construindo sobre este testemunho residual, eles magistralmente eliminaram a antipatia natural do povo coreano em curvar-se diante de alguma divindade estrangeira. Falando diretamente a um público já emocionalmente cu-

rioso a respeito de Hananim, os protestantes repetiram a proclamação do apóstolo Paulo em Listra: "No passado (Theos) permitiu que todos os povos (incluindo os coreanos) andassem nos seus próprios caminhos (escolhendo o xamanismo, confucionismo ou budismo em preferência a Ele); contudo, não se deixou ficar sem testemunho" (veja At 14.16-17).

Continuando, os protestantes explicaram que Hananim lançara as bases para uma futura reconciliação com as pessoas arrependidas, revelando-se a Si mesmo de um novo modo a um povo – os judeus. Ele escolheu esse povo, não por ser maior em número ou de qualidade superior a outros, mas simplesmente por necessitar de uma lente específica para focalizar uma nova revelação de Si mesmo sobre a tela da história humana.

Ele deu também essa revelação de forma escrita mediante homens especiais – Moisés, os profetas e os apóstolos. Mais importante de tudo, Ele encarnou seu próprio Filho entre os judeus. Jesus, o Messias, o Logos Eterno, o único Homem Justo, morreu pelos pecados de todos os homens e depois levantou-se dentre os mortos, provando a todos que Hananim aceitava a expiação feita por Ele. A seguir, enviou mensageiros que levaram as boas notícias da redenção a todos os povos, chamando todos ao arrependimento e à fé no nome de Jesus, Filho de Hananim.

Os coreanos, aos milhares, ouviam reverentes os protestantes. Ali estavam homens e mulheres que sabiam muito mais sobre o Deus verdadeiro do que seu próprio rei que lhe rendia homenagens anualmente numa ilha sagrada no rio próximo a Pyongyang, capital da Coréia.[29] Eram pessoas que oravam livremente a Hananim em nome desse Jesus e recebiam respostas a essas orações.

Os coreanos ficaram impressionados. Uma de suas tradições *Tan'gun* afirmava que Hananim tinha um Filho que desejara viver entre os homens.[30] Os missionários católicos, ainda designando Deus com frases chinesas como *Tien Ju* ou *Tien Laoye*, pareciam estar mostrando aos coreanos que a cultura chinesa era superior à deles. Os coreanos, naqueles dias, já lutavam com dificuldades para não se sentirem inferiores aos seus vizinhos chineses, altamente eruditos e com maiores conhecimentos científicos do que eles. Assim sendo, em números cada vez maiores os coreanos começaram a dar ouvidos aos missionários protestantes. Em breve, um movimento de grande intensidade em resposta ao evangelho de Jesus Cristo começou a abalar grande parte da Coréia!

Hoje, um século depois da chegada dos protestantes, aproximadamente três milhões de coreanos pertencem a igrejas protestantes. Todos os dias, na Coréia do Sul, cerca de 10 novas igrejas pro-

testantes abrem suas portas pela primeira vez para acomodar a ainda crescente onda de convertidos.

Os protestantes também fizeram pelo menos uma outra coisa certa na Coréia. Eles insistiram em que as igrejas coreanas se tornassem "autônomas, auto-suficientes e autodivulgadoras" quase desde o nascimento! Ao serem tomados os devidos cuidados, podemos cortar o cordão umbilical de um recém-nascido alguns minutos após o parto. O bebê pode até mesmo aprender a nadar nas primeiras semanas de vida, com a precaução adequada! As novas igrejas podem também, através do ensino adequado e do exemplo, sustentar-se sozinhas em um período relativamente curto de tempo.

Os primeiros missionários na Coréia "tomaram o devido cuidado" e isso resultou em algumas igrejas muito fortes. A cidade de Seul, na Coréia, por exemplo, contém as duas maiores igrejas protestantes do mundo. A maior dessas duas igrejas chamada de "Full Gospel Central Church", alcançou 270.000 membros em 1983! Os membros dessa única congregação excedem a população inteira de muitas pequenas cidades.

Paul Yonggi Cho, o pastor, organizou a "Full Gospel Central Church" em quase 10.000 grupos de células. Cada célula tem a sua própria liderança treinada. Se o comunismo (ou qualquer outro poder inimigo) tentar reprimir o cristianismo na Coréia do Sul, aquela igreja estará preparada para espalhar seus milhares de grupos de células como esporos ao vento. Nesse caso, o prédio de cimento, onde a igreja agora se reúne, iria se tornar um simples esqueleto vazio, mas o testemunho continuaria.

A outra maior congregação protestante do mundo, a "Young Nuk Presbiterian", está atualmente ultrapassando a marca dos 40.000 membros. Segundo o Dr. Sam Moffat, Jr., a "Young Nuk" é também uma "igreja-mãe" prolífica. Cerca de 200 "igrejas-filhas", em Seul e subúrbios vizinhos, tiveram sua origem no testemunho prestado pela "Young Nuk".

E as igrejas católico-romanas na Coréia? De acordo com o Dr. Sam Moffat, Jr., os sacerdotes católicos romanos na Coréia, ao verem as igrejas protestantes crescerem rapidamente, enquanto suas próprias paróquias o faziam com lentidão, convocaram uma conferência para perguntar-se, "o que estamos fazendo de errado?" É interessante notar que concluiram ter cometido um erro ao rejeitar o nome *Hananim*, favorecendo nomes não coreanos para o Todo-poderoso. Decidiram, então, fazer uso do nome *Hananim* dali por diante.

Chamaram mais sacerdotes e lançaram uma nova campanha através de toda a Coréia. O alvo: identificar-se fortemente, embora um tanto tarde, com Hananim! Desde então, o catolicismo começou a

experimentar um crescimento mais rápido. As igrejas católico-romanas na Coréia têm agora um total de aproximadamente um milhão de membros, o que eleva o número de cristãos na Coréia do Sul, depois de apenas 90 anos de crescimento ininterrupto, a aproximadamente 25% de toda a população. Não se sabe ao certo se o catolicismo poderá superar a liderança numérica obtida pelos protestantes, principalmente através da escolha de um nome coreano para Deus e, depois, colocando o governo das igrejas nas mãos dos coreanos o mais depressa possível!

Enquanto o Senhor não volta, é provável que a Coréia do Sul venha a tornar-se a primeira nação do mundo a ver mais de 50% de toda a sua população fazendo parte de igrejas protestantes. Se os cristãos coreanos continuarem a transmitir o evangelho com o seu zelo presente, isso pode acontecer ainda antes do ano 2.000! Os nossos irmãos coreanos não confiam apenas no apoio da carne! As reuniões de oração realizadas antes do amanhecer nas igrejas da Coréia, transbordam, característicamente, de milhares de suplicantes sinceros. Seu principal pedido em oração é pela conversão de seus irmãos e irmãs da Coréia do Norte, passando do comunismo para Cristo!

Sempre que os ventos sopram do sul para o norte, ao longo da zona desmilitarizada, os cristãos coreanos sobem aos outeiros e soltam balões carregados de Bíblias na direção de seus irmãos do outro lado da zona.

Também ali, Hananim precisa dar seu testemunho![31]

Notas

1. Um escritor de nome Petrônio, visitando Atenas no primeiro século, ficou surpreso com o número excessivo de deuses na cidade. Mais tarde, ele escreveu que era mais fácil encontrar um deus em Atenas do que um homem! Veja Albert Barnes, *Notes on the Old & New Testaments.*(Grand Rapids: Baker Book House), com relação a Atos 17.16.

2. *Ibid.*

3. *The New Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible,* Merrill C. Tenney, ed., 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974) vol. 4, pp. 177-178.

4. *Ibid.*

5. *Ibid.*

6. Victor W. Von Hagen, *The Ancient Sun Kingdoms of the Americas* (Nova Iorque: World Publishing Co., 1957), p. 497.

7. Philip Ainsworth Means, "The Incas: Empire Builders of the Andes", *Indians of the Americas*, rev. 1965 (Washington, D.C.: National Geographic Society, 1955), p. 307.

8. Alfred Metraux, *History of the Incas* (Westminster, MD: Pantheon Books, Random House, Inc., 1969), p. 123.

9. Hiram Bingham, "Discovering Machu Picchu", *Indians of the Americas*, p. 317.

10. Metraux, *History of the Incas*, p. 126.

11. *Ibid., p. 128.*

12. Ibid.

13. Means, "The Incas", p. 306.

14. B. C. Brundage, *Empire of the Inca* (Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1963), pp. 164-165.

15. Metraux, p. 128.

16. Brundage, p. 162.

17. *Ibid.* p. 163.

18. *Ibid.* p. 165.

19. Means, pp. 305, 306.

20. Brundage, p. 165.

21. Metraux, p. 126.

22. Leonard Cottrell, ed., *The Horizon Book of Lost Worlds* (Nova Iorque: American Heritage Publishing Co., 1962), p. 115.

23. Lars Skrefsrud, *Traditions and Institutions of the Santal*, 1887.

24. *Ibid.*

25. Helen Gebuhr Ludvigsen, *All Heart* (Blair, NE: Lutheran Publishing House, 1952).

26. B. C. Brundage, *Lords of the Cuzco* (Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1967), p. 143.

27. Os comentários sobre confucionismo, taoísmo e budismo foram extraídos da Enciclopédia Britânica.

28. John Ross, *History of Corea* (Londres: Elliot Stock, 62, Paternoster Row, 1891), p. 356.

29. De uma entrevista pessoal com a Sra. John Tolliver, em Three Hills, Alberta,

realizada em abril de 1978. A Srª Tolliver foi criada na Coréia e ouviu várias referências a esse altar em sua juventude.

30. Spencer J. Palmer, *Korea and Christianity* (Coréia: Hollym Corporation, 1967), p. 9.

31. Um outro exemplo de pessoas que tinham um conceito do Deus remoto acha-se descrito em *Por Esta Cruz Te Matarei*, de Bruce Olson, publicado pela Editora Vida, em 1979.

2

POVOS DO LIVRO PERDIDO

OS KAREN DA BIRMÂNIA

Próximo de Rangum, na Birmânia, no ano de 1795,
o seguinte diálogo teve lugar:

"Se os habitantes dessa aldeia não são birmaneses", perguntou um diplomata inglês protegido por um capacete contra o sol, "como se chamam"?

"Karen", replicou o guia birmanês do diplomata.

"Carian", replicou o inglês, pronunciando erradamente o nome. O guia deixou passar o erro. Um escocês poderia ter duplicado a maneira asiática de enrolar a língua no *r*, mas o guia já desistira, há muito tempo, de persuadir os ingleses de que valia a pena aprender a diferença.

"Muito bem", disse o inglês. "Vejamos a aparência que esses 'carianenses' têm."

Os "carianenses", no entanto, estavam ainda mais interessados em descobrir qual era a aparência de um inglês. O primeiro encontro com o rosto branco de um europeu eletrizou o povo da aldeia. Atraídos como mariposas pela luz elétrica, eles convergiram sobre o diplomata, que se retraiu levemente quando as mãos escuras estenderam-se para tocar seus braços e faces.

Enquanto isso, o guia birmanês falava com desprezo dos "karen": "Tenha cuidado! São apenas um povo selvagem das colinas, acostumados a roubar e brigar", escarneceu.

Mas seus comentários não eram inteiramente verdadeiros. Na verdade, os karen constituíam um dos povos tribais mais adiantados da Birmânia. Os birmaneses, porém, haviam maltratado e explorado os karen durante séculos, obrigando-os praticamente a preencher essas descrições.

Os budistas birmaneses também não podiam perdoar a minoria

karen por aderir teimosamente à sua própria religião tribal, em face das tentativas incessantes dos birmaneses de convertê-los ao budismo!

O inglês, no entanto, não estava mais ouvindo seu guia. As vozes alegres dos karen encantavam agora seus ouvidos. Cada homem, mulher e criança à sua volta irradiava uma jubilosa acolhida. Que diferença animadora, pensou ele, do desinteresse birmanês comum em relação aos estrangeiros.

Um dos karen, que sabia falar birmanês, explicou algo ao guia.

"Isto é bem interessante", comentou o guia. "Esses homens da tribo pensam que o senhor pode ser um certo 'irmão branco' que eles estão esperando desde tempos imemoriais."

"Que curioso", replicou o diplomata. "Pergunte-lhes o que esse 'irmão branco' deveria fazer ao chegar."

"Ele deveria lhes trazer um livro", disse o guia. "Um livro parecido com aquele que seus antepassados perderam há muito tempo atrás. Estão ansiosamente perguntando: 'Ele não o trouxe'?"

"Que engraçado!" riu o inglês. "E quem, diga-me, é o autor cujo livro tem poder suficiente para atrair pessoas iletradas como essas?"

"Eles dizem que o autor é *Y'wa* – o Deus Supremo. Dizem também..." (neste ponto o semblante do birmanês começou a fechar-se, embaraçado) "...que o irmão branco, ao dar-lhes o livro perdido, irá assim libertá-los de todos os que os oprimem."

O birmanês começou a preocupar-se. Como são ousados esses karen! O diplomata inglês fazia parte de uma equipe enviada para julgar uma disputa entre a Inglaterra e a Birmânia – cujo conflito poderia (segundo temiam os birmaneses) dar à Inglaterra um pretexto para acrescentar a Birmânia ao seu império. E agora aqueles espertos karen estavam praticamente convidando os britânicos a fazer justamente isso! Quem poderia dizer, pensou enfurecido, que membros de uma tribo tão inculta fossem capazes de tal sutileza?

Ao sentir o desagrado do guia, o inglês começou também a inquietar-se. A uma só palavra dele as autoridades birmanesas poderiam avançar com espadas e lanças contra os humildes aldeãos.

"Diga-lhes que estão enganados", ordenou, esperando acalmar o birmanês. "Não tenho conhecimento desse deus Y'wa. Nem sequer faço idéia de quem possa ser o 'irmão branco' deles."

Seguido pelo guia, o inglês saiu da aldeia. Centenas de karen, empalidecidos com a decepção, observaram sua partida. Não tinham qualquer manobra política em mente, mas simplesmente repetiram, com toda sinceridade, uma tradição que os perseguira como povo desde a antigüidade.

"Será que nossos ancestrais estavam errados?" perguntou um

jovem karen.

"Não se preocupe com isso", respondeu outro mais velho, conseguindo sorrir esperançoso. "Um dia ele virá. Outras profecias podem falhar, menos esta!"

Ao voltar à recém-estabelecida embaixada britânica em Rangum, o diplomata relatou sua estranha experiência na aldeia karen ao seu superior, tenente-coronel Michael Symes. Symes, por sua vez, mencionou-a em um manuscrito intitulado *An Account of an Embassy to the Kingdom of Ava in the Year 1795* ("Relato de Uma Embaixada ao Reino de Ava no Ano de 1795"), publicado 32 anos mais tarde em Edimburgo, na Escócia.

Durante os 175 anos seguintes, leituras rápidas e casuais do relatório de Symes despertaram pouca ou nenhuma atenção quanto a essa curiosa referência dos karen. Sua natureza anedótica ocultou eficazmente o seu significado histórico. Além disso, os britânicos do século XIX, em geral não estavam interessados em aproximar-se dos asiáticos como um "irmão branco". Gostavam mais de ser o "senhor branco". Com efeito, a partir de 1824, a Inglaterra iniciou uma série de ataques contra a Birmânia e passou a dominar, durante cerca de um século, essa terra exótica.

Ainda antes da primeira invasão inglesa, a história registrou um segundo encontro com a tradição do livro perdido dos karen, por parte de um estrangeiro.

No ano de 1816, um viajante muçulmano entrou por acaso numa longínqua aldeia karen, cerca de 250 km ao sul de Rangum. Os karen o observaram cuidadosamente, como faziam com todos os estrangeiros que apareciam ali – especialmente os de pele clara – procurando o seu "irmão branco". O muçulmano não era muito claro de pele, mas carregava um livro e dizia que o mesmo continha explicações sobre o Deus verdadeiro.

Ao verificar o intenso interesse deles pelo livro, o muçulmano o ofereceu de presente a um idoso sábio karen. Mais tarde, o povo contou que ele lhes dissera que deveriam adorá-lo, mas parece improvável que um muçulmano fizesse tal recomendação. É possível que tivesse apenas insistido em que cuidassem muito bem do livro, até o dia em que um mestre viesse e o interpretasse para eles.

O muçulmano partiu e nunca mais voltou.

O sábio que recebeu o livro, envolveu-o em musselina e colocou-o num cesto especial. Aos poucos, o povo começou a desenvolver rituais para adorar o volume sagrado. O sábio adornou-se com vestes enfeitadas, de acordo com o seu papel de guardião do livro e

começou a usar um bordão especial como símbolo de sua autoridade espiritual. O mais trágico de tudo é que ele e seu povo mantinham constante vigília esperando o mestre que deveria chegar um dia à aldeia, a fim de fazê-los compreender o conteúdo do livro sagrado!

Mas as coisas não ficaram nesse pé! Em mais de mil aldeias karen da Birmânia, homens chamados *Bukhos* (um tipo especial de mestre, que representava não os demônios, mas Y'wa, o Deus verdadeiro – sim, os karen consideravam-no profeta do Deus verdadeiro) mantinham os karen conscientes de que os caminhos de Y'wa e dos nats (espíritos maus) não eram os mesmos. Um dia, esses bukhos afirmavam, o povo karen deveria voltar completamente aos caminhos de Y'wa.

Os profetas karen até ensinaram a seu povo hinos que foram passados de geração a geração, apenas através da comunicação oral. À semelhança dos hinos de Pachacuti a Viracocha, os hinos karen a Y'wa revelam com impressionante clareza como o conceito do Deus único e verdadeiro pode fazer parte da religião popular! Através desses hinos, temor e reverência a Y'wa, o Deus verdadeiro, eram mantidos vivos no coração dos karen, de maneira que não se deixassem envolver pela idolatria do budismo. Um desses hinos exaltava a eternidade de Y'wa. Um outro O exalta como Criador:

Y'wa é eterno; sua vida, infinita.
Uma eternidade e ele não morre!
Duas eternidades – e ele não morre!
Ele é perfeito em seus atributos meritórios.
Eternidades seguem-se a eternidades – ele não morre!

Quem criou o mundo no princípio?
Y'wa criou o mundo no princípio!
Y'wa tudo fez.
Y'wa é inescrutável![3]

Ainda outro hino demonstra a profunda apreciação pela onipotência e onisciência de Y'wa, combinada com o reconhecimento de falta de comunhão com Ele:

Y'wa é o onipotente; nele não cremos.
Y'wa criou há muito tempo os homens;
Ele tem perfeito conhecimento de todas as coisas!
Y'wa criou os homens no princípio;
Ele tudo sabe até o presente!

Ó meus filhos e netos!
A terra é o lugar onde pisam os pés de Y'wa.
E o céu, o lugar onde se assenta.
Ele tudo vê e somos manifestos a ele.[4]

A história karen sobre o homem e seu afastamento de Deus contém paralelos impressionantes com o capítulo 1 do livro de Gênesis:

Y'wa formou originalmente o mundo.
Ele criou o alimento e a água.
Ele criou o "fruto da tentação".
Deu ordens detalhadas.
Mu-kaw-lee enganou duas pessoas.
Ele fez com que comessem o fruto da árvore da tentação.
Eles não obedeceram; não creram em Y'wa...
Ao comerem o fruto da tentação,
Tornaram-se sujeitos à doença, ao envelhecimento e à morte...[5]

Um autor chamado Alonzo Bunker, que viveu entre os karen durante 30 anos em fins do século XIX, descreve uma sessão noturna de ensino típica, na selva, liderada por bukhos karen perto de Tungo, na Birmânia.

"É quase impossível descrever a maneira solene e reverente com que aqueles anciãos de cabelos brancos recitavam os atributos de Y'wa e a atenção e temor com que as crianças ouviam. Elas eram atraídas para aquele conselho de anciãos como por um imã. Houve silêncio por algum tempo; ouvia-se somente o ruído dos bambus e da erva seca no fogo. A seguir, o velho profeta da aldeia...levantou-se e estendeu as mãos, como para impetrar uma bênção, dizendo:

'Ó filhos e netos, no princípio Y'wa amou a nação karen acima de todas as outras. Mas o povo transgrediu as suas ordens e, como resultado, sofremos no presente. Devido à maldição de Y'wa, encontramo-nos na atual situação aflitiva e não temos livros'.

A seguir, uma grande esperança pareceu iluminar seu rosto quando exclamou, olhando em direção às estrelas: 'Mas Y'wa terá novamente misericórdia de nós e de novo nos amará acima de todos os outros povos. Y'wa vai nos salvar outra vez. Por (termos dado ouvidos) às palavras de Mu-kaw-lee (Satanás) é que sofremos.'

Seguiu-se então... (uma) recitação fervorosa nos versos líricos de seus ancestrais... O velho... falou com uma eloqüência nativa que pode ser sentida, mas não descrita:

'Quando Y'wa fez Tha-nai e Ee-u, ele os colocou num jardim...

dizendo: Criei para vocês, no jardim, várias espécies de árvores, as quais produzem sete ...tipos de frutos. Entre os sete, uma árvore não é boa para comer...Se comerem, ficarão velhos, adoecerão e morrerão...Comam e bebam com cuidado. Uma vez em cada sete dias virei visitá-los...

Depois de algum tempo, Mu-kaw-lee aproximou-se do homem e da mulher e lhes disse: Por que estão aqui?

Nosso pai nos colocou neste lugar, responderam eles.

O que comem aqui? perguntou Mu-Kaw-lee.

Nosso Senhor Y'wa criou alimento para nós, alimento abundante.

Mostrem-me o que comem, disse Mu-kaw-lee.

...Eles mostraram, dizendo: Este é adstringente, este doce, este ácido, este amargo, este saboroso, este queima, mas (quanto) a esta árvore, não sabemos se é doce ou amarga. Nosso Pai, o Senhor Y'wa, nos disse: Não comam do fruto desta árvore; se comerem, morrerão.

...Mu-kaw-lee replicou: Não é verdade, ó meus filhos. O coração de seu Pai Y'wa não estava com vocês. Este é (o fruto) mais rico e mais doce...Se o comerem, vão possuir poderes milagrosos. Poderão subir ao céu...Amo vocês e digo-lhes a verdade, sem ocultar nada. Se não crerem em mim, não comam o fruto. Se cada um comer o fruto como uma prova, ficarão, então, conhecendo tudo...'"

Nos parágrafos que se seguem, o homem, Tha-nai, recusa a sedução e afasta-se. A mulher, Ee-u sucumbe à tentação, come o fruto e depois tenta o marido, que também come. A tradução de Alonzo Bunker *continua: "...A mulher voltou* a Mu-kaw-lee e disse, 'Meu marido também comeu o fruto'.

(Mu-kaw-lee) riu muito, respondendo: 'Agora, ó homem e mulher conquistados, vocês ouviram a minha voz e me obedeceram'.

Na manhã seguinte, Y'wa foi visitá-los, mas eles não o seguiram cantando louvores como sempre. Ele aproximou-se e lhes disse: 'Por que comeram o fruto que lhes ordenei não comessem?...Agora vocês vão envelhecer, ficarão doentes e morrerão.

...Quando Y'wa amaldiçoou o homem, ele o deixou... Com o passar do tempo a doença começou a aparecer. Um dos filhos de Tha-nai e Ee-u ficou doente. Eles disseram então um ao outro: Y'wa nos abandonou. Não sabemos o que fazer. Precisamos perguntar a Mu-kaw-lee.'

Assim... foram até ele e disseram: '...obedecemos às suas palavras e comemos. Nosso filho adoeceu... O que devemos fazer?'

Mu-kaw-lee replicou: 'Vocês não obedeceram a seu Pai, o Senhor Y'wa, mas me ouviram. Agora que me obedeceram uma vez,

obedeçam até o fim'.

O velho profeta contou, continuando ainda nos versos antigos de seu povo, como Mu-kaw-lee os instruiu nas principais ofertas a serem feitas (para) vários tipos de moléstias. Essas oferendas deveriam ser feitas a seus servos, os nats (demônios), que tinham poder sobre certas doenças, assim como sobre acidentes.

Ele também contou como Mu-kaw-lee os ensinou a adivinhar através dos ossos de uma ave. Essa prática tornou-se para esses homens das colinas praticamente um guia em quase todos os atos da vida."

Alonzo Bunker também menciona uma "Canção da Esperança" dos karen, expressando seu desejo de uma volta final de Y'wa:

Na hora certa Y'wa virá.
...As árvores mortas cobrir-se-ão de botões e florescerão...
As que estiverem morrendo, reviverão e abrirão em flores.
Y'wa voltará trazendo o grande Thau-thee.
("Thau-tee" parece ser o nome de uma montanha sagrada.)
Subamos e adoremos.

Uma segunda canção de esperança fala de um rei que vai voltar:

Os bons, os justos,
Irão para a cidade prateada, a cidade de prata.
Os justos, os retos,
Irão para a nova cidade, a cidade grande.
Os que acreditam em seus pais
Gozarão do palácio dourado.
Quando o rei karen chegar,
Só haverá um monarca.
Quando o rei karen chegar,
Não haverá ricos nem pobres.[6]

Os profetas karen, apesar da sempre presente e penetrante influência budista da Birmânia, fortaleciam constantemente o seu povo contra a idolatria, através de provérbios como estes:

Ó filhos e netos! Não adorem ídolos ou sacerdotes!
Se os adorarem, nada lucrarão,
Enquanto aumentam extraordinariamente os seus pecados.

Honrar os pais era também uma obrigação sagrada:

Ó filhos e netos! Respeitem e reverenciem seu pai
e sua mãe!
Pois, quando vocês eram pequenos, eles não permitiam que nem
um mosquito sequer os mordesse.
Pecar contra os pais é um crime hediondo.

Os profetas de Deus entre os karen também enfatizavam o dever do homem amar a Deus e ao próximo:

Ó filhos e netos! Amem Y'wa e não mencionem sequer
o seu nome (levianamente).
Se pronunciarem o seu nome (levianamente),
Ele se afastará cada vez mais de nós!
Ó filhos e netos! Não se agradem de disputar e contender, mas
amem-se uns aos outros.
Y'wa, dos céus olha para nós.
E se não nos amarmos,
É como se não amássemos a Ele.

Os karen que violassem o código eram chamados ao arrependimento, com uma promessa de perdão por parte de Y'wa:

Ó filhos e netos! Se nos arrependermos de nossos pecados,
E deixarmos de fazer o mal – contendo a nossa ira –
E orarmos a Y'wa, ele terá misericórdia de nós novamente.
Se Y'wa não tiver misericórdia de nós, ninguém mais a terá.
Só existe um que nos salva – Y'wa.

A importância da oração não era negligenciada:

Ó filhos e netos! Orem a Y'wa constantemente
De dia e de noite.[7]

Assim, o povo karen apresenta uma surpreendente anomalia para os teólogos. Jesus, segundo o registro do evangelho, elogiou a percepção religiosa de alguns gentios: um centurião romano, a mulher siro-fenícia, a rainha de Sabá, o sírio Naamã, a viúva de Sarepta, o povo de Nínive, etc. Pedro também ficou admirado com a piedade inesperada de um gentio de nome Cornélio (veja At 10.34). A raça dos karen, no entanto, apresenta-nos centenas de milhares de indivíduos cuja percepção dos fatos espirituais básicos pode ser comparável à do judeu ou cristão *comum* da história!

Além disso, a piedade dos pagãos mencionados na Bíblia pare-

ce ligada, em cada caso, diretamente à influência judaica. Em dois deles, o ministério do próprio Jesus serviu de instrumento. Mas os karen vivem a 6.500km de Jerusalém. O nome deles para Deus – Y'wa – sugere uma influência do Javé judeu, mas nenhum equivalente para Abraão e Moisés, a segunda e terceira figuras mais importantes no judaísmo, foi registrado por compiladores da tradição karen. A influência judaica teria certamente enfatizado Abraão e Moisés.

Da mesma forma, se as tradições karen reportam-se à influência cristã nestoriana do século VIII, por exemplo, ou a contatos com missionários católico-romanos posteriores, dos séculos XVI, XVII ou XVIII, seria esperada alguma referência a uma encarnação ou a um Redentor que morresse pelos pecados humanos e ressuscitasse dentre os mortos.

Também não descobri quaisquer conceitos nesse sentido, registrado pelos estudiosos da tradição karen.

Se supusermos que a influência judaica e/ou cristã tocou os karen, mas de maneira tão transitória que apenas os conceitos básicos de Deus, da criação e da queda do homem ficaram gravados em suas mentes, enfrentaremos então uma pergunta difícil. Como uma influência apenas passageira poderia deixar uma impressão tão profunda e duradoura em um povo inteiro, especialmente quando o budismo e o seu próprio espiritismo tribal combateram com tamanha força essa influência durante grandes períodos de tempo?

A história ensina que somente influências muito fortes ou demoradas podem instilar novos conceitos religiosos através de barreiras culturais, especialmente quando outras influências – o budismo e o espiritismo neste caso – são tão contrários a esses conceitos.

Haveria possibilidade de que as crenças dos karen sobre Y'wa fossem anteriores ao judaísmo e ao cristianismo? Tais crenças brotaram daquela raiz antiga do monoteísmo que caracterizou a era dos primeiros patriarcas? A resposta é quase certamente – sim!

O aspecto mais surpreendente do monoteísmo karen era, sem dúvida, o reconhecimento sincero de sua própria imperfeição. Em vista da tendência natural da maioria dos povos em se antipatizarem e até desconfiar dos estrangeiros – especialmente quando a cor de sua pele é diferente – a expectativa dos karen de que a perfeição ser-lhes-ia dada através de "estrangeiros brancos" é quase igualmente admirável. Um de seus hinos dizia:

Os filhos de Y'wa, os estrangeiros brancos,
receberam as palavras de Y'wa.

Os estrangeiros brancos, os filhos de Y'wa,
receberam as palavras de Y'wa na antigüidade.[8]

Durante a década de 1830, um karen chamado Sau-qua-la fez um discurso diante do governador geral inglês da Birmânia. Ele disse que os europeus, os "estrangeiros brancos", tinham sido originalmente irmãos mais moços do povo karen! Os karen, como irmãos mais velhos (velhacos todos eles), negligentemente perderam sua cópia do livro de Y'wa. Os irmãos brancos, por sua vez, guardaram a sua cópia. Como resultado, os brancos tornaram-se "justos", sendo conhecidos como os "guias que conduzem a Deus". Eles aprenderam também a viajar em navios com "velas brancas", cruzando os oceanos.

Alonzo Bunker resume a tradição como segue: "O Salvador (dos karen) ...seria um 'estrangeiro branco' e chegaria do ocidente por mar com 'asas brancas' (velas), trazendo o 'livro branco' de Y'wa."[10] Algumas versões da tradição diziam que o livro seria de ouro e prata.

A nação karen achava-se assim postada, como um grupo de recepcionistas de 800.000 membros, preparado para acolher o primeiro missionário que se aproximasse com uma Bíblia e uma mensagem de salvação da parte de Deus, embora não desconfiando absolutamente de sua posição de mensageiro privilegiado. Quem quer que fosse, esse missionário estava destinado a gozar de uma das maiores honras da história!

Antes de descobrirmos quem foi o indivíduo privilegiado e o que o colocou a caminho, vamos pesquisar os horizontes da Birmânia e dos países vizinhos, a fim de ver quem mais estava aguardando, com a respiração suspensa, uma mensagem do Todo-poderoso...

Os Kachin

Na região bem ao norte da Birmânia, outro povo constituído de meio milhão de pessoas com as cabeças envoltas em turbantes vermelhos, ardorosamente independentes, chamadas de *kachin*, também reconheceu o seu Criador. Na sua religião popular, o Criador é designado como *Karai Kasang* – um Ser sobrenatural benigno "cuja aparência ou forma excede a compreensão do homem". Às vezes, os kachin o chamavam *Hpan Wa Ningsang* – o Glorioso que Cria, ou *Che Wa Ningchang* – Aquele que Sabe.[11]

O Dr. Herman Tegenfeldt, médico que viveu entre os kachin durante cerca de 20 anos e aprendeu a língua deles, escreveu: "Os animistas kachin não oferecem sacrifícios a Karai Kasange; pois,

como disse um deles: 'Por que deveríamos? Ele jamais nos fez qualquer mal!' Não têm também o hábito de adorá-lo. Todavia, em tempos de extrema necessidade, quando os sacrifícios aos espíritos não trouxeram alívio nenhum, os kachin clamaram a esse Grande Espírito distante.[12] Os kachin, como os karen, criam que Karai Kasang deu certa vez um livro a seus antepassados, que o perderam. As crenças dos kachin não especificam como o livro perdido voltaria às suas mãos, mas aparentemente tinham a esperança de que um dia ele seria devolvido.[13]

Quem devolveria o livro perdido aos kachin?

Os Lahu

A sudoeste dos kachin e nordeste dos karen – na região em que a Birmânia estreita-se entre a China e a Tailândia, a fim de chegar ao Laos, ao longo de uma fronteira de 160 km, vive um povo de cerca de 250.000 pessoas, chamado Lahu.

Não se sabe durante quantos séculos os lahu mantiveram uma tradição dizendo que Gui'Sha – Criador de todas as coisas – dera a seus ancestrais a sua lei escrita em bolos de arroz! Veio um período de fome e os antepassados comeram os bolos de arroz, a fim de sobreviverem. Eles justificaram este ato, afirmando que a lei de Gui'Sha estaria então em seu interior! De fato, os lahu criam que um conceito da lei de Gui'Sha continuava com eles desde que seus antepassados haviam comido os bolos de arroz sagrados. Eles não podiam, no entanto, obedecer perfeitamente ao seu Criador até recuperarem a forma escrita exata das suas leis.

Da mesma forma que os karen, o povo lahu tinha "profetas de Gui'Sha". A missão deles era manter constantemente viva no coração do povo lahu a esperança de ajuda por parte de Gui'Sha. Com esta finalidade, os profetas recitavam provérbios tais como: "Se um homem tivesse dez cajados e andasse até que cada um deles ficasse reduzido a um simples toco, mesmo assim não encontraria Gui'Sha (o Deus verdadeiro). Mas quando chegar o tempo oportuno, o próprio Gui'Sha nos enviará um irmão branco (os que sofrem de "caucasofobia" talvez objetem, mas a história deve ser registrada segundo aconteceu) com um livro branco contendo as leis brancas de Gui'Sha – as palavras perdidas por nossos antepassados há tanto tempo atrás! Esse irmão branco trará o livro perdido à nossa própria terra!"[14]

Alguns lahu chegavam a usar cordões ao redor dos pulsos, simbolizando tanto sua escravidão aos nats (espíritos) como sua necessidade de um salvador enviado pelo céu, que um dia cortaria es-

sas cordas de seus pulsos!"[15]

Entre as montanhas lahu da Birmânia, China e Tailândia, o cenário para um drama de grandes proporções fora montado. Mas, onde estavam os irmãos brancos que eram os únicos capazes de fazer subir a cortina desse palco?

Porém, isso não é tudo...

Os Wa

Espalhados pelas montanhas que se elevavam entre os domínios kachin e lahu viviam outros 100.000 indivíduos de uma tribo chamada Wa. Os Wa eram caçadores de cabeças – mas não promíscuos! Apenas uma vez por ano – na época do plantio – os homens da tribo Wa sentiam-se compelidos por nats sedentos de sangue a plantar cabeças humanas em seus campos juntamente com a semeadura – a fim de assegurar uma boa colheita. Vejam bem! Eles na verdade não queriam ferir pessoa alguma.

As tribos vizinhas sempre queriam sair de férias quando os wa se preparavam para plantar, mas infelizmente essa era justamente a época em que elas também tinham de iniciar as suas plantações.

Porém, uma influência benigna encontrava-se operando na religião popular do povo wa. De tempos em tempos, profetas do Deus verdadeiro, a quem os wa chamavam de *Siyeh*, levantavam-se para condenar a caça de cabeças e o apaziguamento de espíritos! Na década de 1880 surgiu um desses profetas. O povo shan o chamava de Pu Chan (seu nome wa é desconhecido hoje). Pu Chan persuadiu vários milhares de homens da tribo wa e das regiões vizinhas a abandonarem a caça de cabeças e o apaziguamento de espíritos. Em que base? Siyeh, o Deus verdadeiro, afirmou Pu Chan, estava prestes a enviar o muito esperado "irmão branco com uma cópia do livro perdido". Se ele se aproximasse do território wa e soubesse que a tribo estava praticando perversidades, poderia considerar seus membros indignos do livro do Deus verdadeiro e ir embora! Se isso acontecesse, advertiu Pu Chan, jamais teriam os wa outra oportunidade de receber de volta o livro perdido.

Certa manhã, Pu Chan arreou um cavalo wa. "Sigam este cavalo", disse ele a alguns de seus discípulos. "Siyeh avisou-me a noite passada que o irmão branco finalmente chegou! Siyeh fará com que este cavalo os leve até ele! Quando encontrarem o irmão branco, façam com que ele monte o cavalo. Vocês seriam um povo ingrato se permitissem que ele fizesse a pé a última parte da viagem até nós!"[16]

Enquanto os discípulos de Pu Chan abriam a boca espantados, o cavalo começou a andar. Esperando que parasse no riacho mais

próximo, eles o seguiram. Será que os levaria a um "irmão branco"? Ao indivíduo certo?

Os Povos Shan e Palaung

Mesmo alguns povos budistas do sudeste da Ásia manifestaram uma forte expectativa quanto à vinda de um Messias. O Messias deles, alegam algumas fontes, viria apenas como uma "quinta manifestação de Buda", chamada *Phra-Ariya-Metrai* – o Senhor da Misericórdia. Nao obstante, o fato de tais povos ansiarem por um "Senhor da Misericórdia" mostra o seu reconhecimento de uma necessidade básica. O evangelho fala dessa necessidade, embora o "Senhor da Misericórdia" proclamado pelo evangelho não seja de maneira alguma uma quinta manifestação de Buda.

As escrituras budistas aparentemente citaram Gautama Buda, ao dizer: "Após mim virá Phra-Ariya-Metrai – o Senhor da Misericórdia. Quando ele vier, todos meus discípulos devem seguí-lo!" Essas escrituras, segundo uma teoria, foram destruídas durante um período de guerra no país do Laos; [17] todavia, a tradição permanece não só no Laos e na Tailândia setentrional, mas também entre o povo shan e palaung da Birmânia oriental, onde Phra-Ariya-Metrai é chamado, de acordo com Alexander MacLeish, *Are Metaya*.[18]

MacLeish escreve sobre a preocupação dos shan e palaung com Are-Metaya: "Nenhuma figura em todo o seu horizonte religioso desperta tanto o interesse deles. Em um de seus livros a respeito (Are-Metaya), encontra-se um verso muito semelhante a de Isaías (dizendo com efeito): 'Todo vale será exaltado e toda montanha rebaixada, o que é torto sera retificado, e os lugares íngremes, aplanados'. Eles esperam que Are-Metaya cumpra literalmente esta profecia quando vier."[19]

MacLeish afirma ainda que o povo palaung, ao construir uma casa nova, sempre acrescenta um quarto a mais para Are-Metaya. O quarto recebe limpeza regularmente, mesmo que os membros da casa jamais façam uso dele. Uma pequena lâmpada é acesa todas as noites.[20] Aparentemente ninguém sabia quando o "Senhor da Misericórdia" ia chegar ou qual a habitação em que procuraria abrigo. Assim sendo, todas as casas deveriam estar sempre preparadas!

Assim como nos tempos do Antigo Testamento toda moça judia esperava ser *a* escolhida como mãe do Messias, toda família palaung evidentemente desejava ser aquela na qual o "Senhor da Misericórdia" budista viria procurar refúgio um dia!

Os Kui da Tailândia e Birmânia

MacLeish afirma que os homens da tribo kui, que vivem ao longo da fronteira entre Tailândia e Birmânia, chegaram a construir casas de adoração consagradas ao Deus verdadeiro, esperando o dia em que um mensageiro de Deus entraria numa delas com o livro perdido nas mãos, a fim de ensinar o povo! Nenhum ídolo jamais foi colocado em tais casas de adoração, mas o povo kui "reunia-se e, de modo vacilante e pouco claro, adorava o grande Deus lá do alto".[21]

Os Lisu da China

Enquanto isso, do outro lado da fronteira, na Província de Yunnan, no sudoeste da China, centenas de milhares de habitantes das colinas, os lisu, esperavam pacientemente por um irmão branco com um livro do Deus verdadeiro, escrito na língua lisu! Isto é de esespecial interesse quando se fica sabendo que a língua lisu não possuía sequer um alfabeto, e muito menos material impresso! Mas, não importa! Os lisu achavam-se convencidos de que um dia *ele* chegaria e dar-lhes-ia um livro de Deus escrito em sua própria língua.

Quando recebessem esse livro, diziam os lisu, teriam um rei próprio que reinaria sobre eles. (Estiveram sujeitos ao domínio chinês opressivo durante muitas gerações.)[22] Isso ainda não é tudo...

Os Naga da Índia

Além das montanhas que protegem a fronteira a noroeste da Birmânia, 24 tribos da raça Naga da Índia, totalizando cerca de um milhão de pessoas, já possuíam um claro conceito de uma "divindade de caráter altamente pessoal, mais associada com o céu do que com a terra" e que "ficava acima de todas as outras". No dialeto chakesang, esse Deus tinha o nome de *Chepo-Thuru* – o Deus que tudo sustenta. No dialeto konyak, o seu nome era *Gwang*.[23]

Pelo menos uma das 24 tribos naga – os rengma – afirmava que o Ser Supremo deu suas palavras aos antepassados, escrevendo-as em peles de animais. Mas os pais não cuidaram bem das peles. Os cães as comeram![24]

Havia também profetas entre os nagas, os quais surgiam periodicamente no meio deles. Um escritor, Phyveyi Dozo, de origem chakesang naga, descreve um profeta, uma mulher de nome Khamhinatulu, que deve ter vivido por volta do ano de 1600. Os detalhes de sua profecia revelam notável conformidade com os princípios bíblicos e também com eventos que começaram a ocorrer entre os naga, no

início do século XX. Porém, estamos antecipando a nossa história...

Dozo afirma, outrossim, que a cultura naga, apresentava extraordinariamente costumes bíblicos, tais como o levantamento de pedras memoriais em certos lugares específicos, ofertas das "primícias", ofertas de sangue, ofertas de animais sagrados, ingestão de pão sem fermento, furos nas orelhas, manutenção de um "fogo sagrado" continuamente aceso, consideração especial pelo número sete, festas das colheitas e o soar de trombetas depois da ceifa! Eles também nunca representaram Chepo-Thuru através de um ídolo!

A história do Antigo Testamento mostra que os judeus, embora tivessem nas mãos a lei escrita de Deus, acharam dificuldade em obedecê-la. Através de grande parte da história do Antigo Testamento, a maioria dos filhos de Abraão praticou a *idolatria*! Alguns chegaram ao extremo de *queimar seus próprios filhos* em honra a um ídolo de nome Moloque! Os nagas também tinham seus problemas. A escravidão era coisa comum entre eles; no entanto, ela foi também praticada por cristãos até meados do século XIX e continua legal em diversos países muçulmanos, ainda em nossos dias. A caça de cabeças dos naga provocou uma perda de vidas desnecessária. O hábito de fumar ópio (introduzido pelos ingleses, a fim de tirar a força militar dos naga) solapou a iniciativa do povo. Mesmo assim, esse povo iletrado, perseguido por tentações do espiritismo e da idolatria hindu e budista, conseguiu surpreendentemente manter uma acentuada percepção de Deus através de vários séculos. O que aconteceria aos naga se não tivessem perdido os escritos sagrados de Deus?

Os Mizo da Índia

Cerca de 483km a sudoeste do domínio naga e a cavaleiro da fronteira entre a Índia e a Birmânia, vivem outras 350.000 pessoas chamadas mizo pelos hindus. Os birmaneses as chamam lushai.

Um mizo, de nome Hminga, descreve a percepção de seu povo com respeito a *Pathian* – o Deus Supremo: *Pa*, diz ele, significa "pai" e *Thian* pode ser, provavelmente interpretado como "santo". Então *Pathian* possivelmente significa "Pai santo". Pathian é considerado o "Criador de todas as coisas...um Ser bondoso (que manifesta) pouco interesse pelos homens". Hming cita um escritor chamado McCall, como tendo afirmado: "Os (mizo) criam na existência de um Deus Supremo, um Deus de toda humanidade e bondade".

Enquanto os kachin não ofereciam sacrifícios a Karai Kasang – o nome do Deus Supremo – os mizo sacrificavam a Pathian, e só a Ele!

Hming declara que um homem dos mizo, chamado Darphawka, teve um sonho profético e de grande influência em alguma época durante o século XIX: "Uma voz lhe falou à noite, dizendo: 'Uma grande luz virá do ocidente e brilhará sobre a terra mizo. Sigam essa luz, pois o povo que a trouxer será a raça reinante..." (O profeta disse então a seu povo:) 'Esta luz talvez não brilhe durante a minha vida, mas quando vier, sigam-na! Sigam a ela!'"[25]

Tegenfeldt cita o escritor Hanson, que afirma que o povo mizo também possui tradições de um livro sagrado. No princípio, Pathian o deu a seus ancestrais, mas eles o perderam mais tarde.[26]

Dez povos inteiros! Todos eles preparados sobrenaturalmente para compreender o sentido do evangelho de Jesus Cristo, se apenas soubessem que ele existia! Dez povos, somando mais de três milhões de homens e mulheres! Dez povos concentrados numa região situada ao sudeste da Ásia, do tamanho do estado do Rio Grande do Sul! Esperando...esperando...esperando, enquanto o povo de Y'wa em outros países deixava passar um século após outro! Mas, afinal um novo dia começou a raiar.

Em 1817, um missionário americano, batista piedoso, chamado Adoniram Judson, desembarcou perto de Rangum, na Birmânia, depois de uma longa viagem marítima iniciada na América do Norte. Ele levava uma Bíblia debaixo do braço, mas não tinha a menor idéia do significado que esse livro possuía para mais de três milhões de pessoas que viviam num círculo de 1.300km do embarcadouro em que se encontrava.

Judson encontrou alojamento em Rangum. Ele aprendeu a língua birmanesa com todo cuidado. Finalmente, vestido com um traje amarelo, similar aos dos professores budistas na Birmânia, ele aventurou-se a ir para as praças e pregar o evangelho aos budistas birmaneses. No entanto, Judson teve bem pouca aceitação, lutando freqüentemente contra um sentimento avassalador de fracasso. Só depois de sete anos de pregação ele conseguiu seu primeiro convertido entre os birmaneses budistas.

Desconhecido para Judson, o povo karen passava diariamente pela sua porta.[27] Freqüentemente cantava, como de costume, hinos a Y'wa – o Deus verdadeiro. Se Judson tivesse aprendido também a língua deles, teria ficado surpreso com o conteúdo desses hinos! E com certeza teria encontrado maior resposta ao evangelho entre os humildes karen do que seus sonhos mais exaltados poderiam esperar. Sem perceber o tremendo potencial dos karen, um Judson quase sempre desanimado voltou-se cada vez mais para a tarefa de traduzir a Bíblia para o birmanês, uma vez que tinha tão poucos convertidos com que ocupar o tempo, aconselhando-os.[28]

No final das contas, a tradução da Bíblia para o birmanês, feita por Judson, veio a ser essencial no trabalho realizado pelos seus companheiros que chegaram depois, entre os diversos povos minoritários da Birmânia. Se Judson tivesse encontrado logo de início uma reação ao estilo dos karen, é possível que jamais encontrasse tempo para completar essa tradução!

Conforme os planos da providência divina, um membro da tribo karen, cruel e desordeiro, apareceu certo dia na casa onde Judson se alojara. Ele procurava trabalho para conseguir pagar uma dívida. Judson deu-lhe um emprego. Esse homem era Ko Thah-byu. Tinha um gênio violento e calculava ter assassinado cerca de 30 homens durante sua antiga carreira de ladrão![29]

Aos poucos, Judson e outros membros da casa ensinaram o evangelho de Jesus Cristo a Ko Thah-byu. No começo, o cérebro karen parecia obtuso demais para absorver a mensagem. De repente, houve uma transformação. Ko Thah-byu começou a fazer perguntas sobre a origem do evangelho e a respeito dos "estrangeiros brancos" que haviam levado a mensagem – e o livro que a continha – do ocidente. Num dado momento, tudo se encaixou na mente de Ko Thah-byu. Seu espírito recebeu o amor de Jesus Cristo como a terra seca absorve a chuva!

Mais ou menos nessa época, um casal de missionários, recém-recrutado – George e Sarah Boardman – chegou a Rangum para ajudar Judson. George Boardman abriu uma escola para os convertidos analfabetos. Ko Thah-byu jamais sonhara em freqüentar uma escola, mas matriculou-se depressa, pois estava decidido a aprender aquela Bíblia birmanesa tão rapidamente quanto Judson pudesse traduzi-la! Para grande admiração de Judson e Boardman, Ko Thah-byu manifestou verdadeira preocupação com a Bíblia e sua mensagem.

Ko Thah-byu já percebera, a essa altura, que ele era exatamente o primeiro entre o seu povo a saber que "o livro perdido" tinha realmente chegado à Birmânia! Assim sendo, ele aceitou igualmente sua responsabilidade de proclamar as boas-novas que praticamente todo karen estava esperando ouvir. Quando George e Sarah Boardman anunciaram planos para iniciar uma nova missão na cidade de Tavoy, na estreita faixa de terra que fica ao sul da Birmânia, Ko Thah-byu disse entusiasmado: "Levem-me com vocês!"

E eles o levaram. No momento da chegada a Tavoy, Ko Thah-byu pediu que Boardman o batizasse. Este concordou e Ko Thah-byu partiu imediatamente numa viagem para as montanhas ao sul da Birmânia. Cada vez que chegava a uma aldeia dos karen, ele pregava o evangelho. E em quase todas essas ocasiões, praticamente cada karen que o ouvia aceitava maravilhado a mensagem! Em pouco

tempo, centenas de ouvintes de Ko Thah-byu apareceram em grupos em Tavoy, para ver o "irmão branco" que finalmente chegara com o livro perdido!

George e Sarah mal podiam acreditar no que viam! Toda a região montanhosa além de Tavoy parecia vibrar de entusiasmo! Em pouco tempo, Boardman viu-se assediado com convites para ir às aldeias dos karen e completar o ministério de Ko Thah-byu com ensinamentos mais detalhados do "Livro de Y'wa". Enquanto isso, Ko Thah-byu continuou avançando pelo território. Atravessando rios, cruzando cordilheiras, enfrentando tempestades de vento e bandidos com quem se associara antigamente, ele procurou uma aldeia karen após outra e proclamou as boas-novas! Finalmente, ficou sabendo da aldeia que 12 anos antes recebera um livro supostamente sagrado do viajante muçulmano. Ko Thah-byu insistiu com Boardman para que fosse àquela povoação e examinasse o volume reverenciado há tanto tempo, a fim de verificar se era mesmo um livro de Deus. A descrição da Sra. Wylie, publicada em 1859, narra o que aconteceu quando Boardman chegou àquele local:

"O chefe apareceu seguido de muitos outros membros da tribo, levando com ele a relíquia sagrada. O cesto foi aberto, a musselina desenrolada, e tirando de suas dobras o velho e gasto volume, ele respeitosamente o apresentou ao Sr. Boardman.

Tratava-se do Livro de Orações Comuns e Salmos, de uma edição impressa em Oxford. 'É um bom livro', afirmou o Sr. Boardman. 'Ele ensina que há um Deus nos céus, o único a quem devemos adorar. Vocês têm adorado erradamente este livro. Isso não é bom. Vou ensinar vocês a adorarem o Deus revelado por meio dele.'

O semblante de cada karen iluminou-se alternadamente com sorrisos de alegria e uma expressão triste por sentir que haviam errado ao adorar um livro em lugar do Deus que ele revelava...(Depois de ouvir os novos ensinos do Sr. Boardman) o velho feiticeiro que guardara o livro durante doze anos...percebeu que sua função terminara. Ele despiu os trajes fantásticos que usava e o bordão que por tanto tempo fora o símbolo de sua autoridade espiritual, tornando-se, em seguida, um crente humilde no Senhor Jesus Cristo.[30]

Como resultado do trabalho infatigável de Ko Thah-byu, a Sra. Wylie escreveu em outro lugar, "muitos...karen de... aldeias espalhadas pelas montanhas de Tavoy vieram das selvas distantes, cheios de curiosidade em conhecer o mestre branco e ouvir as admiráveis verdades que ensinava. O Sr. Boardman descobriu que, apesar de seu rude exterior, eles possuiam mentes suscetíveis às mais vivas impressões e eram capazes de assimilar o ensino ministrado."[31] "Quando o Sr. Boardman teve oportunidade de visitar os karen em

suas próprias aldeias, eles o receberam com alegria e respeito, saudando-o como aquele que lhes mostraria um caminho mais excelente, segundo criam. A partir de então, encontramos constantemente em seus diários registros tais como: 'Um bom número de karens está agora conosco e Ko Thah-byu passa as noites e os dias lendo e explicando-lhes as palavras da vida. Parece que a hora de favorecer este povo chegou."[32] Aleluia!

Enquanto isso, Jonathan Wade, um dos recém-chegados colegas de Adoniram Judson, estava sendo surpreendido por outra resposta jubilosa dos karen, a 320km ao norte de Tavoy! Quase com a mesma rapidez com que eram convertidos e batizados, os karen tornavam-se missionários, espalhando ainda mais as boas-novas entre o seu povo. Alguns desses missionários karen foram a um lugar chamado Bassein – a 480km a noroeste de Tavoy – e pregaram ali. Mais tarde, quando missionários americanos chegaram a Bassein, eles encontraram 5.000 karens convertidos e prontos para o batismo!

Os birmaneses budistas se admiravam. "Qual o segredo do cristianismo?" perguntavam eles. "Nós, budistas, tentamos atrair o povo karen para o budismo durante séculos, mas sem êxito. Os missionários cristãos estão conseguindo em poucas décadas o que não pudemos realizar em centenas de anos!"

Enquanto isso, Ko Thah-byu deixou Tavoy, onde havia despertado praticamente toda a população karen com o evangelho, e lançou-se entusiasticamente em meio a outras populações karen facilmente inflamáveis na região central da Birmânia. Quase sem descanso, a força de Ko Thah-byu extinguiu-se em poucos anos e ele morreu de tanto trabalhar, mas o fogo que ateou a seu povo ainda queima na Birmânia um século e meio depois de sua morte.

Outro colega de Judson, Francis Mason, chamou Ko Thah-byu "Apóstolo dos Karen" e escreveu um livro em sua memória sob esse título. O livro de Mason deveria ser reimpresso para a edificação dos cristãos de hoje.

Em 1858, dezenas de milhares de cristãos karen despertaram para a compreensão de sua responsabilidade de proclamar as boas-novas do "livro perdido recuperado" entre outras minorias étnicas da Birmânia além de si mesmos! Os karens cristãos de Bassein serviram de guia nesta nova fase *transcultural*, enviando equipes de missionários karen – ocasionalmente com um missionário americano como parte do grupo – aos 500.000 membros do povo kachin, que viviam numa região elevada ao norte da Birmânia.

Os missionários karen surpreenderam-se ao ver que os kachin até mesmo usavam o nome dado por eles ao Altíssimo – Karai Kasang – e não apenas isso, mas criam também que seus antepassa-

dos haviam possuído antigamente o escrito sagrado de Karai Kasang! Do mesmo modo que os karen, os kachin rejeitaram a idolatria budista durante séculos, por julgarem que Karai Kasang não iria aprová-la. Também como os karen, eles viram no cristianismo o cumprimento de suas próprias crenças sobre Karai Kasang.

Nos 90 anos que se seguiram, cerca de 250.000 membros do povo kachin foram acrescentados à igreja de Jesus Cristo!

Karen; Kachin...E o que aconteceu com os lahu e os wa? Mais tarde, na década de 1890, os missionários americanos enviaram um certo William Marcus Young, para levar o evangelho ao povo shan na extremidade oriental da Birmânia. Como era natural, missionários karen foram com ele. Young e seus colegas karen estabeleceram uma base na cidade de Kengtung, capital da região shan.

Certo dia, Young dirigiu-se à praça do mercado para pregar entre o povo shan, cuja maioria era budista. Young leu os Dez Mandamentos de Moisés, em voz alta. A seguir, elevando a Bíblia no ar – com o sol batendo em suas páginas brancas – ele começou a pregar sobre as leis do "Deus Verdadeiro".

Enquanto pregava, Young notou homens estranhamente vestidos vindo em sua direção em meio ao povo do mercado. Não eram, evidentemente, membros do povo shan. Ele descobriu depois que eram homens da tribo lahu que haviam decidido descer das montanhas distantes naquele dia, a fim de vender suas mercadorias no mercado de Kengtung. Logo, eles rodearam completamente William Marcus Young. Ficaram observando, incrédulos, seu rosto branco, o interior branco do livro em suas mãos e ouviram a sua descrição – na língua shan – das leis de Deus contidas naquele livro.

Depois disso, numa explosão emocional poderosa, os lahu suplicaram a William Marcus Young que fosse com eles para as montanhas. De fato, eles praticamente o seqüestraram: "Nós, como povo, estivemos esperando por você há séculos", explicaram. "Temos até mesmo casas de reunião construídas em algumas de nossas aldeias, preparadas para a sua chegada."

Alguns dos homens lahu mostraram-lhe os braceletes de corda áspera pendurados como algemas em seus pulsos. "Nós, os lahu, temos usado cordões como esses há muito, muito tempo. Eles simbolizam nossa escravidão aos maus espíritos. Só você, como mensageiro de Gwi'sha, pode cortar esses grilhões de nossos pulsos – mas só quando tiver trazido o livro perdido de Gwi'sha às nossas casas!"

Espantado e quase sem fala, Young e os missionários karen partiram com eles. O que se seguiu parece uma cena do livro de Atos dos Apóstolos no século XIX. Dezenas de milhares de lahus torna-

ram-se cristãos. Young e seus colegas karen não conseguiram satisfazer os pedidos dos lahus para que os ensinassem. Então, young fez com que seus dois filhos ainda jovens, Harold e Vincent, servissem de professores bíblicos. Harold e Vincent usaram roupas lahu desde a infância. Eles participavam das danças folclóricas daquele povo. Trabalhavam, riam e brincavam com os lahu, falando a língua deles com mais fluência do que o inglês. Mais tarde, Vincent traduziu o Novo Testamento inteiro na bela língua lahu coloquial.

Em 1904, William Marcus, os missionários karen, Harold e Vincent batizaram 2.200 convertidos lahu que haviam aprendido as bases da fé cristã. A partir dessa época até sua morte, ainda entre os lahus, Young viu pelo menos 2.000 lahus entrarem anualmente nas águas do batismo. Num ano, ele, seus filhos e seus colegas karen batizaram mais de 4.500 pessoas!

Centenas de milhares de cristãos nos países ocidentais são influenciados por um estereótipo de trabalho missionário, que funciona basicamente como um empreendimento ineficiente e improdutivo. A maioria dos cristãos pensa que cinco convertidos para cada 20 anos de trabalho missionário é a norma. Nada poderia estar mais longe da verdade. De fato, a obra missionária produziu resultados tão acima das expectativas dos próprios missionários que é difícil assimilar suas realizações numa perspectiva total! Sucessos como os alcançados pelos Boardman, os Wade e os Young não são de maneira alguma incomuns na experiência dos missionários cristãos. Veja bem: o "Deus dos Céus" sabia que eles estavam entrando em outro dos seus muitos domínios e preparou-lhes o caminho. A coisa é tão simples!

O fato surpreendente de que o sucesso dos missionários entre as tribos karen, kachin e lahu ocorreu por causa (e não apesar) da religião popular de cada povo, tem sido completamente ignorado por alguns estudiosos. O antropólogo alemão Hugo Adolf Bernatzik, por exemplo, viajou através da região de Kengtung em 1936-37 e mais tarde publicou um livro chamado *The Spirits of the Yellow Leaves* ('Os Espíritos das Folhas Amarelas"). Na página 188, Bernatzik começa um capítulo, onde mostra-se espantado e desapontado por descobrir que "mais da metade das aldeias nas montanhas é, agora, cristã". Ele comenta sobre esta mudança e o que a ocasionou:

"Os kachi e lahu reuniam-se aos domingos em suas 'igrejas', construções cobertas de palha sobre colunas, ou estacas a fim de adorar o Deus dos cristãos".

Bernatzik sugere ironicamente, usando aspas, que as construções de sapé sobre estacas não podiam ser realmente consi-

deradas igrejas. Mal sabia ele que os lahu haviam erigido estruturas semelhantes à espera do evangelho muito antes do mesmo chegar! E se tivesse apenas indagado, poderia ter aprendido também que o Deus que os kachin e lahu estavam adorando nessas igrejas não era outro senão o Karai-Kasang – Deus Supremo dos ancestrais kachin – alías, Gui'sha entre os lahu! Bernatzik continua:

"Os missionários estão agora aqui e proclamam um novo Deus, expondo as falhas e impotência dos velhos deuses."

O antropólogo evidentemente não se encontrava no local quando os lahu suplicaram a William Marcus Young que cortasse as velhas cordas de seus pulsos, simbolizando sua libertação dos nats (espíritos maus)! Vamos ler um pouco mais do comentário de Bernatzik:

"Na...velha Ásia...onde durante mil anos reinara não só o paganismo, mas também Brama e Buda, Maomé e Confúcio, o cristianismo é hoje inseparável da civilização européia, que...será sempre um elemento alienígena..."

Se Bernatzik fosse vivo hoje, o que pensaria da "velha Ásia" onde milhares de congregações karen, kachin e lahu mantêm seu crescente testemunho de Jesus Cristo sem a presença de um único missionário europeu como conselheiro, e muito menos supervisor? Como poderia um homem tão obstinado sequer conceber o fato de que uma das religiões tidas como uma das mais aceitas da Ásia – o budismo – falhara lastimavelmente em suas tentativas combinadas de converter esses povos minoritários da Birmânia, enquanto o cristianismo (embora não fosse apoiado pelo governo birmanês), conquistou os seus corações em poucas décadas?

Bernatzik é um representante de muitos intelectuais que previram que o cristianismo, o qual, supunha-se ganhava terreno na Ásia e África apoiado pelos governos coloniais, iria desaparecer rapidamente do terceiro mundo no momento em que os movimentos nacionalistas forçassem esses governos a se retirarem.

Em total desafio a essas previsões, o cristianismo está agora crescendo e se espalhando nos antigos territórios coloniais, mais depressa ainda do que na América e Europa![33]

Bernatzik continua: "Nada podíamos fazer além de considerar o trabalho (dos missionários) do ponto de vista dos 'convertidos'".

Os antropólogos contrários à obra cristã missionária gostam de sugerir – como Bernatzik faz aqui ao usar suas "aspas" – que a conversão de povos remotos ao cristianismo raramente é autêntica. A suposição predominante é de que os que entram para a igreja pretendem ser cristãos simplesmente para satisfazer o missionário. Na verdade, tais povos são perfeitamente capazes de desafiar, maltratar

ou até matar os missionários, desde que decidam rejeitar a doutrina cristã!

Enquanto continuo lendo para ver o "conceito dos 'convertidos'" que Bernatzik promete nos revelar, admiro-me por não encontrar um único comentário feito por um suposto hipócrita ou amedrontado membro de igreja kachi ou lahu! Bernatzik simplesmente nos serviu numa bandeja suas próprias opiniões infundadas e pediu que as acultássemos como o "ponto de vista dos 'convertidos'". A seguir, revela seu paternalismo desinibido com as palavras: "Além disso, esses homens e mulheres primitivos não têm condições psicológicas de compreender a ética abstrata (do cristianismo), aceitando, então, apenas superficialidades imateriais, que de forma alguma compensam a aniquilação de seu poderoso mundo dos espíritos".[34]

Pobre Professor Bernatzik! Enganado pelo que a Sra. Wyiie chamou de "exterior rude" dos kachi e lahu, ele não pôde sequer *suspeitar da existência* da incrível dinâmica espiritual que se achava desde então operando no mundo kachin/lahu – e muito menos compreender essa dinâmica! Isso é típico dos "intelectuais" que foram *desviados* pela sua educação da descoberta dessa dinâmica, em vez de serem orientados em direção a ela.

No restante do capítulo, o professor Bernatzik emprega um lahu não-cristão para procurar as aldeias lahu que, segundo espera, estejam ainda resistindo à "coação" do cristianismo. O professor explica que o seu progresso foi grandemente impedido porque o seu guia não-cristão atrasou-se muito no caminho, parando para fumar ópio. Finalmente, o professor teve de entrar em acordo com o inimigo, por assim dizer, empregando um guia lahu *cristão*, a fim de sua expedição manter-se dentro do prazo programado. O professor evidentemente não reconhece qualquer dívida para com o evangelho de Jesus Cristo, por tê-lo feito encontrar um guia lahu que não fosse viciado em ópio!

Por fim, o professor descobriu uma aldeia lahu não-cristã. Porém, seus habitantes ameaçaram a sua vida e ele teve de buscar outra e outras mais, pois toda aldeia lahu não-cristã, exceto uma, recusou-se a acolher seu grupo! Até mesmo a aldeia que o recebeu, o fez de má vontade. Bernatzik conseguiu se manter filosófico quanto à situação, elogiando os lahu não-cristãos pelo seu "espírito independente".

Fica aparente que jamais ocorreu ao professor perguntar-se como os missionários conseguiram atravessar a mesma barreira de fervorosa independência.

Foi durante o estágio inicial da reação dos lahu ao evangelho que Pu-Chan, defensor de Deus entre o povo wa de caçadores de

cabeças, arreou seu pequeno cavalo e disse aos discípulos para segui-lo em busca de um "irmão branco que trouxesse o livro de Siyeh, o Deus Verdadeiro".

O cavalo levou os discípulos espantados através de aproximadamente 300 km de trilhas montanhosas, descendo depois para a cidade de Kengtung. Ali entrou pelo portão de uma base missionária e encaminhou-se diretamente para um poço.

O cavalo parou junto ao poço. Os discípulos de Pu Chan olharam em todas as direções, mas não puderam ver sequer um sinal, fosse de um irmão branco ou de um livro.

Nelda Widlund, filha de Vincent Young e neta de William Marcus Young, contou-me pessoalmente o que aconteceu depois. Ela fora criada justamente naquela missão e bebia com freqüencia naquele mesmo poço. Os detalhes seguintes fazem parte de uma lembrança preciosa de toda a família Young: Os homens da tribo wa ouviram sons no poço. Eles olharam para dentro e não viram água, mas apenas um rosto barbudo, branco e de olhos azuis, que os olhavam com uma expressão amiga.

"Olá, amigo!". O eco daquela voz – falando na língua shan – brotou do poço. "Posso ajudá-los?" William Marcus Young pulou para fora do poço, que ainda não estava sendo usado (ele o estava cavando). Enquanto limpava a poeira das mãos e voltava-se para os visitantes, os mensageiros wa perguntaram: "Você trouxe um livro de Deus?" Young assentiu. Os wa, vencidos pela emoção, caíram a seus pés e transmitiram a mensagem de Pu Chan. Depois acrescentaram: "Este cavalo foi arreado especialmente para você. Pegue o livro! Precisamos voltar!"

Young encarou-os. "Não posso sair", replicou. "Milhares de lahu vêm aqui quase diariamente para receber instrução. O que fazer?"

Young contou a situação aos cristãos lahu. Eles decidiram, de comum acordo, prover acomodações para os wa, a fim de serem ensinados em kengtung, e fazer viagens até o território wa, para transmitir-lhes o que haviam aprendido. Deste modo, Pu Chan e milhares dentre o seu povo tornaram-se cristãos sem uma única visita de William Marcus Young!

Como resultado desde plano, o pequeno Vincent Young – pai de Nelda – cresceu ouvindo a língua wa falada à sua volta quase tanto quanto a lahu! Mais tarde, quando adolescente, Vincent fez diversas viagens para as montanhas wa, uma região evitada pelos viajantes por causa da reputação dos wa como caçadores de cabeças, e forneceu ensino mais detalhado "in loco". Como resultado dessas visitas, Vincent aprendeu a língua wa tão bem que fez à sua tradução do Novo Testamento lahu, um segundo Novo Testamento, em wa!

Os Young e seus colegas karen, além de batizarem cerca de [illegible].000 lahu, *logo se viram com mais 10.000 convertidos wa*; estes, por sua vez, espalharam o evangelho ainda mais longe, para o oriente da Birmânia e região sudoeste da China!

No final de minha entrevista com ela, a Srª Widlund declarou: "Don, você gostaria de conhecer meu pai, Vincent Young, e ver uma foto antiga que meu avô tirou daquele pequeno cavalo wa com a sela em suas costas?"

"Está querendo dizer que seu pai ainda vive?" exclamei.

"Ele tem agora 80 anos de idade e mora em Mentone, na Califórnia, a poucos quilômetros daqui", replicou ela.

Mais tarde, encontrei-me com ela na casa simples do pai em Mentone. Ela me apresentou Vincent Young, que por sua vez mostrou-me – não apenas a foto do cavalo – mas também vários álbuns cheios de outras fotos antigas! Pude ver William Marcus Young em várias fases de sua vida e ministério e os homens e mulheres karen que trabalhavam com ele. Contemplei centenas de lahu e wa de pé em pontos menos profundos dos rios, esperando para serem batizados, enquanto outros milhares pontilhavam as colinas próximas para observarem a cerimônia de batismo. Absorvi o triunfo daquilo tudo até que meu coração ficou prestes a explodir! Aleluia!

Alguém tem dúvidas de que Deus poderia fazer um cavalo levar aqueles homens wa com tanta segurança, através de uma distância tão grande? Certamente o Deus que fez uso de uma *estrela* para guiar os magos até a manjedoura em Belém, pôde usar um simples cavalo para descobrir um poço especial em Kengtung.

Do outro lado da fronteira, a sudoeste da China, um inglês de nome James Outram Frazer, que trabalhava sob os auspícios da China Inland Mission (Missão Para o Interior da China), descobriu a tribo Lisu, aprendeu a língua dela e começou a ensinar-lhe o evangelho. Encontrando dificuldades, Frazer cruzou a fronteira para a Birmânia a fim de tentar aprender a comunicação transcultural dos missionários batistas americanos que, segundo ouvira, estavam experimentando um enorme sucesso entre os povos semelhantes aos lisu.

Depois de uma jornada árdua, finalmente Frazer chegou a um posto batista avançado, mas encontrou-o ocupado por missionários karen! Assim como o apóstolo Paulo costumava "saquear" as comunidades cristãs, tirando de seu meio os "Timóteos", "Silas" e "Lucas" que precisava para seu ministério mais abrangente, Frazer "saqueou" também as fileiras da comunidade cristã karen na Birmânia. Ele insistiu com os karen daquele posto batista para enviarem um dentre eles em sua companhia, a fim de beneficiar espiritualmente os distantes lisu.

Os karen, em seu espírito tipicamente admirável, reagiram positivamente ao pedido. Frazer voltou logo à Lisuiândia com seu novo ajudante karen, que também aprendeu a falar lisu.

Depois de voltar, Frazer traduziu o Evangelho de Marcos na língua lisu. Quando chegaram as cópias publicadas por uma gráfica missionária de Changai, Frazer viajou de aldeia em aldeia, lendo o evangelho de Marcos.

A princípio, Frazer aparentemente não sabia que a tradição lisu há muito previra a chegada de um mestre branco que devolveria aos lisu o livro perdido de Deus, em sua própria língua. Parece razoável, no entanto, que os colegas karen de Frazer (procedentes da Birmânia) deveriam ter sido capazes de detectar tal crença, embora Frazer não tivesse feito isso. De qualquer forma, os lisu responderam em grande número ao evangelho de Jesus Cristo e muitos estudiosos deste incidente histórico acreditam que a antiga tradição lisu, combinada com a presença de um karen, que tinha condições de apreciá-la de maneira especial, desempenhou um papel importante na promoção do espantoso movimento de dezenas de milhares de homens e mulheres lisu entrando no Reino de Deus.

A Birmânia, o sudoeste da China e depois, a Índia oriental! Poucos cristãos em outras partes do mundo sabem que dois estados inteiros da Índia predominantemente hindu – Nagaland e Mizoram – podem gabar-se da mais alta porcentagem "per capita" de cristãos batizados do que qualquer outra região de igual tamanho em qualquer parte do mundo!

As igrejas em Nagaland, onde vivem mais de um milhão de representantes do povo naga, abrangem 76% de toda a população em seu rol de membros! Mizoram, por sua vez, conta com 95% de toda a população em sua lista de membros da igreja! A porcentagem em Mizoram é maior porque a maioria das igrejas ali pratica o batismo infantil, enquanto a maior parte das igrejas de Nagaland só administra o batismo a jovens e adultos.

Os cristãos mizo destacaram-se recentemente ao enviar 400 de seus próprios missionários a áreas predominantemente hindus ao norte da Índia!

As tradições de um livro perdido de Deus, combinadas com velhas profecias, tais como as pronunciadas pela profetisa Khamhinatulu, desempenharam um grande papel no despertar das populações naga e mizo para o significado do evangelho cristão.

Os viajantes que voltaram de tais regiões da Índia oriental, com freqüência contam que estavam sempre vendo igrejas e quase sempre ouviam o som de reuniões de oração e cânticos!

Os cristãos naga e mizo ainda hoje agradecem a Deus por ter-lhes dado testemunho suficiente de Si mesmo através de suas antigas religiões populares, a fim de impedir que cedessem à idolatria hindu na Índia – assim como os povos karen, kachin, lahu e wa tiveram compreensão suficiente para capacitá-los a rejeitar a idolatria budista na Birmânia e o povo lisu para afastar-se do taoísmo e confucionismo na China!

Se assim não fosse, o progresso do evangelho entre eles teria sido, com certeza, muito difícil.

Se fizermos um retrospecto da história, parece que a estratégia do Maligno tem sido a tentativa de sobrepor as religiões formais às religiões populares antes da chegada do evangelho – a fim de impedir que o monoteísmo nativo da vasta maioria dessas religiões desempenhe o seu surpreendente papel como aliado do mesmo. Esta estratégia teve êxito no caso de milhares de povos inteiros, que antes eram adeptos de suas religiões populares. Devido à longa demora do cristianismo em preparar um movimento missionário positivo para alcançá-los, o Fator Sodoma finalmente conseguiu neutralizar o Fator Melquisedeque, enquanto milhões sucumbiram às pressões do hinduísmo, budismo, islamismo e outras religiões. Grande parte da receptividade que, pela graça de Deus, ainda aguardava o evangelho entre os karen e outros povos foi embotada ou silenciada nas regiões circunvizinhas.

Não obstante, a tarefa de conquistar para Cristo os seguidores de várias religiões, não pode ainda ser considerada impossível! Ela está progredindo e ganhando cada vez mais velocidade, como irei detalhar num volume posterior.

Epimênides, o profeta cretense; Pachacuti, representante de Viracocha; Kolean, o sábio santal; Pu Chan, o profeta wa; Khamhinalulu, a profetisa mizo, Woraza, o adivinho etíope – o que pensar deles? As Escrituras prevêem a existência desta classe especial de pessoas tementes a Deus no meio de povos pagãos sob todos os demais aspectos?

Acredito que as Escrituras não só indicam a sua existência, como também nos apresentam pelo menos seis deles! Não me refiro apenas a Melquisedeque, mas também a Jó e seus quatro conselheiros: Bildade, Zofar, Elifaz e Eliú (veja o livro de Jó).

Esses cinco homens tementes a Deus viviam na terra de Uz. Ninguém sabe como vieram a conhecer Deus em Uz, sem a ajuda de Abraão. De fato, ninguém sabe sequer onde ficava Uz!

Provavelmente, até mesmo Abraão era alguém desse tipo quando Javé falou-lhe pela primeira vez em Ur dos caldeus. A escolha subseqüente de Abraão por parte de Deus, para ser pai de uma raça

especial de pessoas, a fim de darem testemunho específico ao mundo inteiro, foi realmente singular. Mas o fato de Abraão conhecer pessoalmente o Deus verdadeiro não era único! Como mencionado antes, quando Abraão chegou a Canaã, ele se encontrou com Melquisedeque, rei da cidade de Salém, que já servia como sacerdote de El Elyon – nome tribal de cananeu para Deus (veja Gn 14.18-20; Sl 110.4 e Hb 7.1-22).

As Escrituras afirmam também que Melquisedeque estava em plano superior ao de Abraão na ordem de Deus. Abraão pagou o dízimo a Melquisedeque e este "abençoou" Abraão, em lugar da situação inversa. O fato de que o escritor de Gênesis não fornece a menor explicação de como Melquisedeque conheceu El Elyon, parece indicar que não considerava nada extraordinário que alguém como Melquisedeque tivesse tal conhecimento entre os cananeus!

Nós também talvez não devamos espantar-nos ao descobrir evidência de pessoas tementes a Deus vivendo entre os povos pagãos em eras mais recentes. É possível que o próprio Jesus se referisse às mesmas quando disse: "Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las... "Jo 10.16).

Porém, os povos do Deus remoto e os do livro perdido não nos contam toda a história do "Fator Melquisedeque". Considere também o mistério dos povos com costumes estranhos...

Notas

1. Sra. Macleod Wylie, *The Gospel in Burma* (Londres: W. H. Dalton, 1859), pp. 52-54.

2. Francis Mason, *The Karen Apostle* (Boston: Gould and Lincoln, 1861), p. 10.

3. Wylie, *The Gospel in Burma*, p. 22.

4. Mason, *The Karen Apostle*, p. 97.

5. Wylie, p. 6.

6. Alonzo Bunker, *Soo Thah, a Tale of the Karens* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1902), pp. 84-93.

7. Mason, p. 99.

8. *Ibid.*, p. 21.

9. *Ibid.*, pp. 15-27.

10. Bunker, *A Tale of the Karen*, p. 82.

11. Herman G. Tegenfeldt, *A Century of Growth, The Kachin Baptist Church of Burma* (Pasadena, CA: William Carey Library, 1974), p. 44.

12. *Ibid.*, p. 45.

13. *Ibid.*, p. 46.

14. De uma entrevista pessoal com Nelda Widlund, em 1980. A Sra. Widlund é neta de William Marcus Young.

15. Alexander MacLeish, *Christian Progress in Burma* (Londres: World Dominion Press, 1929), p. 52.

16. De uma entrevista pessoal com Nelda Widlund e seu pai, Vincent Young.

17. De uma entrevista pessoal com Alex C. Smith, doutor em missiologia, Overseas Missionary Fellowship (Associação Missionária Intercontinental).

18. MacLeish, *Christian Progress*, p. 51.

19. *Ibid.*

20. *Ibid.*

21. *Ibid.*

22. Phyllis Thompson, *James Frazer and the King os the Lisu* (Chicago: Moody Press, 1962), p. 64.

23. Tegenfeldt, *A Century of Growth*, p. 45.

24. *Ibid.*, p. 46.

25. Hminga, *The Life and Witness of Churches in Mizoram* (Pasadena, CA: William Carey Library, 1976), pp. 31, 42.

26. Tegenfeldt, p. 46.

27. Mason, *The Karen Apostle*, pp. 9-10.

28. Wylie, p. 86.

29. Mason, p. 12.

30. Wylie, pp. 52-53.

31. *Ibid.*, p. 52.

32. *Ibid.*, p. 54.

33. C. Peter Wagner, *On tho Crest of the Wavo*, (Ventura, CA; Regal Books, 1983).

34. Hugo Adolf Bernatzik, *The Spirits of Yellow Leaves*, E. W. Dickes, trans. (Londres: Robert Hale Ltd., 1951), pp. 193-194.

3

POVOS COM COSTUMES ESTRANHOS

Os leitores que conhecem meus dois primeiros livros - *O Totem da Paz* e *Senhores da Terra* – já têm uma idéia do que entendo por "costumes estranhos". Para os que ainda não leram *O Totem da Paz*, por exemplo, dou aqui um breve resumo:

Em 1962, minha esposa Carol e eu, levando nosso filho Estevão de dezoito meses, viajamos para a Nova Guiné e vivemos como missionários entre os sawi – uma das quase mil tribos que existem no semi-continente de 2.400 km da Nova Guiné. Os sawi eram uma das cinco ou seis tribos deste planeta que praticavam *tanto* o canibalismo como a caça a cabeças. Mais tarde, tivemos mais três filhos – Shannon, Paulo e Valerie – que passaram seus primeiros anos conosco, entre os sawi.

Nossas primeiras tentativas de transmitir o evangelho a eles foram frustradas devido à sua admiração pelos "mestres da traição" – impostores ardilosos que conseguiam manter uma ilusão de amizade durante meses, enquanto firmemente "engordavam" suas vítimas com essa amizade, tendo em vista um dia inesperado de matança!

Por causa deste raro tipo de reverência pelo heroísmo, ao ouvirem minhas primeiras tentativas de explicar o evangelho, os sawi consideraram Judas Iscariotes, o traidor de Jesus, como sendo o herói da história! Jesus, aos olhos dos sawi, não passava do tolo enganado, objeto de riso!

Repentinamente, minha esposa e eu nos vimos diante de dois problemas graves. Primeiro, como poderíamos tornar claro o significado real do evangelho para aquele povo, cujo sistema de valores parecia tão oposto ao do Novo Testamento? Segundo, como nos assegurar de que os sawi não estavam *nos* engordando com sua amizade para uma matança inesperada?

Orando para que Deus nos desse uma ajuda especial, descobrimos finalmente que os sawi tinham um método singular de fazer a paz e evitar surtos de traição. Quando um pai sawi oferecia seu filho para outro grupo como uma "Criança da Paz", não só as diferen-

ças antigas eram canceladas, como também prevenidas futuras ocasiões de perfídia – isso, porém, só enquanto a Criança da Paz permanecesse viva. Nossa chave para comunicação foi, então, a apresentação de Jesus Cristo aos sawi como o derradeiro Filho da Paz, usando Isaías 9.6, João 3.16, Romanos 5.10 e Hebreus 7.25 como os principais correspondentes bíblicos à analogia da Criança da Paz.

Por este meio, o significado do evangelho penetrou na mente sawi! Uma vez compreendido que Judas traíra uma Criança da Paz, não mais o consideraram um herói. Para os sawi, a traição de uma Criança da Paz representava o mais hediondo dos crimes!

Desde aqueles dias, aproximadamente dois terços do povo sawi, em suas próprias palavras, "colocaram as mãos sobre a Criança da Paz de Deus, Jesus Cristo, por meio da fé", aludindo à sua exigência de que os recipientes de uma criança da paz colocassem as mãos individualmente sobre o filho que lhes fora dado e dissessem: "Recebemos esta criança como uma base para a paz!"

Outros povos, no entanto, possuem costumes igualmente estranhos que fornecem analogias para o evangelho. Os capítulos seguintes contêm diversos exemplos. Em primeiro lugar, porém, note o fundamento bíblico para encontrar e usar tais costumes como esclarecimento da verdade espiritual:

Saulo de Tarso – que se tornou o apóstolo Paulo – tinha uma vantagem sobre os judeus que passaram todo o seu tempo na Palestina. Teve muito maior oportunidade de observar os gentios e seus costumes. Nascido numa cidade predominantemente gentia, fluente em pelo menos uma língua gentia e cidadão de um império cosmopolita verdadeiramente gentio, Paulo chegou a algumas conclusões interessantes sobre os gentios.

Esta é uma delas: Paulo observou que os gentios freqüentemente se comportavam como se estivessem obedecendo voluntariamente à lei de Moisés, quando de fato jamais tinham ouvido falar de Moisés ou de sua lei! Como isso podia acontecer? perguntou ele. Mais tarde, o Espírito de Deus guiou Paulo a uma resposta surpreendente: "Quando, pois, os gentios que não têm lei, procedem por natureza de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos" (Rm 2.14). Em outras palavras, a lei expressa na natureza pagã do homem serve para ele como uma espécie de Antigo Testamento intermediário. Isso na realidade não basta, mas é muito melhor do que não ter lei alguma!

Paulo continua: "Não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei *gravada nos seus corações*, testemunhando-lhes também a consciência, e os seus pensamentos

mutuamente acusando-se ou defendendo-se" (vv. 14-15, grifo acrescentado).

Paulo foi evidentemente justo com os gentios. Ele lhes deu até aos mais rudes, crédito por possuirem uma sensibilidade moral dada por Deus, em separado da revelação judia-cristã. Salomão, como já vimos, discerniu que Deus "pôs a eternidade no coração do homem" (veja Ec 3.11). Agora, o apóstolo acrescenta que Deus também escreveu as exigências da sua lei no mesmo lugar!

O homem não-regenerado é duplamente perseguido! Primeiro, ele sente a eternidade, em direção à qual se move – partícula finita que é – como alguém estranhamente destinado. A seguir, descobre gravada em seu próprio coração uma lei que o condena a não atingir o seu destino eterno!

Não é de admirar que Paulo tenha escrito em outro ponto: "Ai de mim se não pregar o evangelho" (1 Co 9.16). Nada mais pode dar fim a esta dupla perseguição do homem!

Aqueles dentre nós que estudaram as jornadas do apóstolo ainda mais profundamente no domínio gentio, descobriram que a sua observação cumpriu-se de maneiras que ele mesmo talvez jamais tivesse julgado possíveis. Por exemplo: Uma das exigências da lei mosaica era um estranho rito anual envolvendo dois bodes machos. Ambos os bodes eram primeiro apresentados ao Senhor (Lv 16.7). A seguir, o sumo sacerdote hebreu tirava sortes para escolher um dos bodes como oferta sacrificial. Depois disso, ele matava o bode escolhido e aspergia seu sangue sobre o "propiciatório" (Lv 16.15).

O que acontecia ao outro bode?

O sumo sacerdote impunha as mãos sobre a cabeça dele, depois confessava os pecados do povo, colocando-os simbolicamente sobre o segundo bode. Uma pessoa indicada para a tarefa levava então o mesmo para longe do povo e o soltava no deserto. Uma vez que o "bode emissário" desaparecia de vista, o povo hebreu começava a louvar a Javé pela remoção de seus pecados.

Quando João Batista apontou para Jesus e disse: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29), ele identificou Jesus Cristo como o cumprimento perfeito e pessoal do simbolismo hebreu do bode expiatório. Eram necessários dois animais para representar o que Cristo iria realizar sozinho quando morresse pelos nossos pecados. Não satisfeito em simplesmente expiar nossos pecados, Ele também removeria a própria presença dos mesmos!

Uma determinada seita tentou desenvolver uma interpretação diferente. Embora concordando que o primeiro animal fosse uma sombra ou tipo de Cristo, eles insistem em que o bode expiatório representa Satanás. O autor do pecado, raciocinam eles, deve ser o

último a levá-lo embora. Esta teoria fica prejudicada por ignorar um detalhe que assoma como uma advertência em seu caminho. Ambos os bodes, e não só o primeiro, tinham de ser apresentados perante o Senhor, implicando em que não deviam ter qualquer defeito, como era costume em todas as ofertas dos hebreus.

De acordo com esse pano-de-fundo, considere a seguinte cerimônia realizada anualmente por certos clãs entre os dyaks, de Bornéu.

Os Dyaks de Bornéu

Os anciãos dyaks ficam agrupados observando os artesãos darem os últimos retoques a um barco em miniatura. Os peritos entregam o barco aos anciãos que o levam cuidadosamente até à margem do rio, perto da aldeia em que moram, chamada Anik. Enquanto toda a população de Anik fica olhando, um dos anciãos escolhe duas galinhas do bando da aldeia. Depois de verificar se ambas são sadias, ele mata uma delas e asperge o seu sangue ao longo da margem. A outra galinha é amarrada viva a uma das extremidades do pequeno barco.

Alguém traz uma pequena lanterna e a prende do outro lado do barco, acendendo-a. Neste ponto, cada residente da aldeia aproxima-se do barquinho e coloca mais alguma coisa, algo invisível, entre a lanterna acesa e a galinha viva.

Pergunte a um dyak o que ele colocou entre a lanterna e a galinha e ele responderá: "Dosaku!" (meu pecado).

Quando todos os habitantes de Anik tiverem colocado o seu *dosa* sobre o pequeno barco, os anciãos da aldeia o levantam cuidadosamente do solo e entram no rio com ele, soltando-o na correnteza.

À medida que é levado por esta, os dyaks que observam da margem ficam tensos. Os anciãos que permaneceram no rio, com água até o peito, prendem a respiração. Se o barquinho voltar para a margem, ou bater em algum obstáculo oculto, à vista da aldeia, o povo de Anik viverá sob uma nuvem de ansiedade até que a cerimônia possa ser repetida no ano seguinte!

Mas se o barquinho desaparecer numa curva do rio, todo o grupo levanta os braços para o céu e grita: *"Selamat! Selamat! Selamat!"* (Estamos salvos! Estamos salvos!)[1]

Mas só até o próximo ano.

Os judeus tinham os seus bodes emissários; os dyaks, os seus barcos emissários.

Qual deles podia realmente remover os pecados? Resposta: nem um nem outro! O apóstolo que escreveu a Epístola aos Hebreus,

disse: "Nesses sacrifícios faz-se (os judeus) recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que sangue de touros e bodes remova pecados... Temos sido santificados mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas" (Hb 10.3-10).

Se até mesmo os sacrifícios judeus, ordenados por Deus, serviam somente como sombra de algo que ainda estava para vir, não é necessário dizer que o barco emissário dos dyaks também não poderia remover verdadeiramente os pecados. Então, será que ele não tem qualquer significado? Tem sim! O barco emissário dos dyaks incorpora vários conceitos válidos. O homem precisa ter seus pecados removidos! A remoção do pecado não exige apenas a morte, mas também a presença viva de algo puro! A iluminação da verdade (simbolizada pela lanterna acesa) é um pré-requisito necessário para essa remoção!

Quem poderia ter sonhado que os dyaks, antes temidos como caçadores de cabeças, iriam se mostrar já pré-sintonizados com conceitos neste comprimento de onda fortemente para-bíblico?

Cuidado, porém: os budistas no Camboja também enviam barquinhos correnteza abaixo pelo rio Mekong, em certas épocas do ano. Dezenas dessas pequenas embarcações levando lanternas, têm sido vistas brilhando nas águas do Mekong à noite. Os barcos cambojanos têm como propósito levar embora os espíritos dos mortos ou transportar ofertas de alimento aos mortos, nada tendo a ver com a remoção de pecados.

É necessário estudar o objetivo por trás de qualquer costume estabelecido, antes de tirar conclusões sobre a sua ligação potencial com conceitos bíblicos. Os barcos cambojanos desse tipo podem, originalmente, ter tido um propósito semelhante ao dos "barcos emissários" de Bornéu. Os adoradores predecessores, com o passar dos séculos, cedendo ao Fator Sodoma, talvez tenham mudado o costume original de forma tão drástica que ele não representa mais uma ligação com a verdade bíblica.

As boas-novas de que Cristo tornou-se o Portador do pecado da humanidade são um dos principais componentes do evangelho, mas não representam todo ele. O mesmo Cristo que remove o nosso pecado também implanta um novo espírito em nós, para que não voltemos a repetir infindavelmente as mesmas ofensas. Jesus disse que todos os que recebem este dom de um novo espírito "nasceram de novo" (Jo 3.3).

O verdadeiro significado do "novo nascimento" é difícil de ser compreendido pela maioria das pessoas. O primeiro indivíduo com quem Jesus falou sobre o novo nascimento foi um judeu conhecedor de teologia, chamado Nicodemos – um membro do conselho judeu

dominante. Se havia alguém em Jerusalém capaz de entender o que Jesus queria dizer com "novo nascimento", essa pessoa era Nicodemos. Todavia...

No momento em que Jesus afirmou "Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus", Nicodemos respondeu com a seguinte objeção literal, ingênua e quase infantil: "Como pode um homem nascer, sendo velho?... Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?" (vv. 3,4).

Se um conhecedor de religião como Nicodemos teve tanta dificuldade em compreender o significado do novo nascimento, segundo a indicação de Jesus, "gentios incultos" em todo globo terão muito maior dificuldade para entendê-lo, não é? Esta não é uma insinuação de que, na verdade, os ensinos de Jesus podem ser complexos demais para quase todos?

De modo algum!

Vamos examinar um dos casos mais complicados da terra...

O Povo Asmat da Nova Guiné

Observe a Nova Guiné num atlas. Sua própria forma já parece advertir: "Cuidado! Perigo!" Pois a Nova Guiné assemelha-se exatamente a um enorme tiranossauro aquecendo-se sobre o equador de nosso mundo, com as mandíbulas abertas.

A advertência tem sua razão de ser. A lista de viajantes, cujas vidas foram devoradas por essa ilha de 2.400km em forma de réptil, tem se tornado enorme! O *tiranossauro* não respeitou sequer um nome importante como o de Rockefeller, como explicarei mais tarde.

Picos de montanhas, salientando-se na espinha dorsal do réptil como plaquetas numa armadura, estendem-se em todo o comprimento da Nova Guiné. Dezenas de cumes ultrapassam, em altura, até o Matterhorn! Mas ao sul encontra-se um pântano tão vasto que reduz a região de Everglades, na Flórida, a uma simples lagoa de patos! Quarenta e oito mil quilômetros quadrados de florestas tropicais! Rios sinuosos, muitos deles atravancados por ilhas flutuantes de detritos vegetais. Tudo isso alimentado por muita chuva!

Quase mil tribos habitam a Nova Guiné. Uma delas – os asmat – escolheu a parte mais úmida, densa, infestada de moléstias desses alagadiços para se estabelecer.

Os antropólogos têm uma regra geral simples e prática. Ela afirma que os caçadores de cabeça, onde quer que você os encontre, não irão praticar também o canibalismo. Os canibais, por sua vez, não se dedicam à caça de cabeças. Esses dois costumes, diz a regra geral, são mutuamente exclusivos. É possível encontrar um ou

outro, mas nunca os dois na mesma cultura.

Os asmat, infelizmente, jamais ouviram falar dessa regra. Não satisfeitos em guardar o crânio das vítimas como troféu, eles devoravam também a sua carne![2]

Os asmat utilizavam também as partes do corpo humano de maneiras bem interessantes. Algumas vezes um crânio servia de travesseiro. As caveiras tomavam o lugar dos brinquedos das crianças e alguns guerreiros asmat usavam como punhal o osso afiado de um fêmur. Os ossos do maxilar eram freqüentemente usados como ornamento e o sangue humano compunha a cola utilizada para grudar as peles do lagarto preto que cobriam os seus tambores!

Ao ler esta descrição dos asmat, tome cuidado para não pensar neles como se não fossem de alguma forma verdadeiramente humanos. Pois, se as pessoas que fazem tais coisas devem ser consideradas sub-produtos da humanidade, o que dizer então dos celtas, das tribos nórdicas e anglo-saxônicas, das quais descendem muitos leitores deste livro?

Segundo o Dr. Ralph Winter, missiólogo, as tribos celtas na Irlanda dedicavam-se à caça de cabeças. E os valentes habitantes anglo-saxônicos das florestas do norte da Europa, diz ele, bebiam em crânios humanos ainda no ano 600 A.D!

Foi o evangelho de Jesus Cristo que fez a diferença para os celtas, noruegueses e anglo-saxões. E é exatamente isso que atuará sobre os canibais e caçadores de cabeça asmat! Tudo o que é preciso é que alguém vá viver entre eles e comunicar o evangelho tão eficazmente como alguém o comunicou aos celtas, anglo-saxões e outras tribos do norte da Europa!

Certamente isso não é pedir demais. Jesus disse: "...de graça recebestes, de graça dai" (Mt 10:8).

Na verdade, isto não é pedir demais. Mas a tarefa também não é fácil. Todavia, parte da dificuldade é apenas aparente. Pense em você mesmo como designado para cumprir justamente esse trabalho...

Você se estabeleceu numa pequena casa coberta de palha, ao lado da aldeia asmat de Ochanep. Em outubro de 1961, Michael, filho do governador de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, desapareceu da face da terra em algum ponto num raio de poucos quilômetros de sua casa. Você ouviu boatos de que os seus vizinhos asmat foram a causa do desaparecimento de Michael. Entretanto, para grande alívio seu, os asmat parecem suficientemente amigáveis.

Eles não só o ajudaram a construir sua casa, como também lhe forneceram diariamente bastante peixe, camarões e porco do mato, em troca de linha de pesca, anzóis, lâminas de barbear, fósforos, sal,

facas, facões de mato ou machados. Outros se dispõem a ensinar-lhe a sua língua. A princípio, o idioma dos asmat parece uma mistura impossível de ser aprendida, mas pouco a pouco o sentido da mesma vai surgindo. Você começa a sentir o entusiasmo de romper as barreiras de uma nova língua!

Depois aparecem os aspectos chocantes. Além de combinar a caça a cabeças com o canibalismo, os homens da tribo asmat algumas vezes desumanizam suas mulheres, forçando-as a colaborar em práticas públicas de troca de mulheres. Outras vezes, eles veneram parentes mortos, manuseando a carne decomposta de seus cadáveres.

A tentativa de persuadir os nativos a mudarem de idéia sobre essas coisas parece quase tão fácil como trocar um pneu num caminhão enorme enquanto ele desce uma ladeira. Querer fixar o evangelho na mente deles seria como tentar grudar gelatina numa árvore.

Finalmente, à medida que a água começa a entrar através de fendas no casco do navio, o desânimo também se insinua e empana o seu entusiasmo inicial. A sua depressão cresce quando você começa a receber cartas de outros missionários em outras partes da Nova Guiné – cartas que dizem: "Alegre-se conosco! Já batizamos 6.000 crentes só neste vale! Outros 2.000 estão matriculados em classes de alfabetização!"

Você resmunga aborrecido: "Parece que precisam de ajuda lá!" Logo escreve uma carta ao administrador de sua missão pedindo transferência para onde haja um povo mais responsivo na Nova Guiné. "Já tentei tudo entre este pessoal e não consegui nada", confessa. "Aparentemente não está na hora designada por Deus para agir entre eles."

Como não existe caixas de correio em Ochanep (nem mesmo agências de correio), você não pode enviar a sua carta até que um piloto missionário desça com seu hidroavião na superfície do rio perto de sua casa, fornecendo seu único elo de ligação com o mundo exterior.

Ao colocar a carta sobre a mesa, você ouve um tumulto em Ochanep. Corre então para a porta da frente e olha para a aldeia. Centenas de asmat, homens, mulheres e crianças descem às pressas de suas casas no alto e enfileiram-se ao longo da praia. Todos olham agitados rio abaixo.

Você também se dirige apressado para a praia e olha na mesma direção. Para seu completo horror, o rio está cheio de canoas do povo Basim - inimigos mortais dos seus vizinhos ochanep! Pode ouvi-los chegando. Raspando os remos contra os lados das canoas. Batendo os pés no fundo das mesmas, como um acompanhamento às

remadas. E gritando a plenos pulmões, em um só ritmo com o bater dos pés e dos remos!

Você estremece. Sabe que os remos podem servir de lanças, e que existem arcos negros, feitos de palmeiras, e centenas de setas de bambu dentro das canoas. Muitos guerreiros entre eles também carregam punhais pontiagudos feitos de ossos humanos tirados da coxa, presos às faixas em seus braços.

"Vai haver um banho de sangue bem em frente à minha casa", você murmura ofegante.

"Nada disso!" replica um alegre menino asmat que está por perto. "Eles não vieram para brigar, mas para fazer paz!"

"Espero que dê certo!" você responde tenso.

Enquanto observa de uma distância que julga segura, as canoas dos basim chegam em frente a Ochanep e dirigem-se para a praia. Elas se alojam nas margens lodosas, mas os homens continuam avançando! Chegam até a praia! Fincando os remos no barro, eles formam uma massa sólida e começam a pular, gritando de alegria exuberante. Este comportamento provoca uma reação correspondente por parte do povo de Ochanep.

De repente, homens representando tanto o grupo de Ochanep como de Basim movem-se, desarmados, em direção uns aos outros e misturam-se sobre um pequeno outeiro relvado. Cada homem leva sob o braço uma esteira. Logo depois, esses inimigos mútuos estendem as esteiras sobre a grama e deitam de bruços em cima delas, lado a lado, como se estivessem tranqüilamente tomando sol numa praia lotada.

As mulheres dos homens deitados começam então a mover-se acanhadamente para o mesmo monte. "Ó, não!" você exclama repugnado. "Não outra orgia de troca de mulheres!"

Mas desta vez você se enganou. Cada esposa asmat, envergonhada, toma posição em pé, ao lado do marido, com os tornozelos separados, colocando um pé sob o peito dele e o outro sob os seus quadris. A seguir, os anciãos de ambos os grupos levam algumas crianças até o outeiro e mandam que se ajoelhem e se contorçam, passando por sobre as costas dos pais, que estão deitados. Durante o processo, as crianças também passam entre os joelhos das mães.

Quando cada criança basim acaba esse ritual, ela é apanhada pelos homens e mulheres de Ochanep e embalada como um recém-nascido. Outros levam água e dão-lhe um banho, como se estivessem limpando as marcas do nascimento. As crianças ochanep, por sua vez, são tratadas da mesma forma pelos basim.

A seguir, enfeitadas com borlas de fibras de palmeira e conchas marinhas, as crianças tornam-se o centro de alegre comemoração

por muitos dias. Todas as noites os adultos as embalam até dormirem. As mulheres cantam canções de ninar em seus ouvidos e, depois, as crianças voltam livremente para suas famílias em suas próprias aldeias!

A partir dessa ocasião reina a paz! Grupos em busca de alimento podem agora atirar-se nos pântanos de sagu sem medo de emboscadas. Os homens e mulheres basim e ochanep não trocam apenas presentes, mas até seus próprios nomes, simbolizando união e confiança mútuas.[3]

Enquanto isso, há uma luta em seu íntimo. Seu preconceito exclama: "Que costume pagão repulsivo! Quem se importa com isso?" A sua curiosidade faz, porém, uma observação vital. Qualquer que seja o significado, o costume transmite um dinamismo capaz de alterar o comportamento do povo asmat – exatamente aquilo que você espera obter com um propósito bíblico!

Vamos esperar que a sua curiosidade vença! Se isso acontecer, você começará a fazer perguntas. Em pouco tempo, vai descobrir que a passagem formada pelas costas dos pais e os tornozelos das mães representam um canal de nascimento comunitário! As crianças que passam através dele são consideradas renascidas no sistema familiar de seus inimigos! Através dessas crianças renascidas, os dois grupos inimigos tornam-se uma família mais ampla, assegurando assim a paz.

A compreensão desce subitamente sobre você. Quem sabe há quanto tempo esta cerimônia de pacificação vem gravando um princípio válido sobre a mente dos asmats – a paz genuína não pode vir através de um simples acordo verbal. Ela requer a experiência de um novo nascimento!

Coçando a cabeça, você se pergunta: *"Onde será que já ouvi isso antes?"*

Com esforço você pesquisa substantivos e verbos asmat que captem os sentidos sutis de que necessita. Você pratica com perseverança até poder conjugar corretamente esses verbos, através de cada tempo do indicativo da língua asmat. A seguir, tremendo de entusiasmo, você coloca os pés nos degraus de uma escada asmat e entra na casa suspensa de um homem chamado Erypeet.

Erypeet está nu, sentado numa esteira, mastigando satisfeito um espeto de larvas de besouro tostadas. Ele convida você para sentar-se numa esteira próxima e oferece-lhe um espetinho igual ao seu! Você o aceita delicadamente e o coloca na esteira a seu lado – para ser comido depois de voltar para casa, naturalmente!

"Erypeet", você começa, "fiquei fascinado quando vi como os

ochanep se reconciliaram com os basim. Eu também já estive em guerra, Erypeet. Não lutei contra simples homens, mas contra o meu próprio Criador. A sombra dessa guerra escureceu minha vida durante muitas luas. Certo dia, então, um mensageiro do Criador aproximou-se de mim. "Meu Senhor preparou um novo nascimento", disse ele. "Você pode renascer nEle e Ele pode nascer em você. Ficará então em paz com o meu Senhor".

Neste ponto Erypeet põe no chão o que resta de seu espetinho de larvas de besouro e exclama: "O quê? Você e seu povo também têm um novo nascimento?" Erypeet fica espantado ao saber que você, um forasteiro ignorante, um estranho, é na verdade inteligente o bastante para pensar em termos de um novo nascimento. Ele estava certo de que só um asmat podia compreender tão profundo conceito.

"Sim, Erypeet", você responde. "Temos um novo nascimento também."

Erypeet pergunta: "O seu novo nascimento é como o nosso?"

"Existem algumas semelhanças, meu amigo; e algumas diferenças. Quero contar-lhes como é!"

Quais são as possibilidades de Erypeet interromper, dizendo: "Espere um pouco! Como pode alguém voltar a nascer sendo velho? Como pode entrar de novo no ventre da mãe e renascer?"

Praticamente não existem. Quando se trata de raciocinar sobre a necessidade humana de experimentar um novo nascimento, Erypeet – nu, analfabeto, um canibal caçador de cabeças – tem uma vantagem que o judeu Nicodemos não tinha!

E a carta que você escreveu ao administrador da missão? E seu pedido de transferência para outra parte de Nova Guiné, onde o potencial de resposta ao evangelho possa ser maior?

"Bem...", ouço você responder. "Veja, mudei de idéia. Não vou deixar os asmat agora! Vou ficar aqui e descobrir o que o Espírito de Deus pode fazer no coração dessas pessoas quando lhes revelar que Jesus Cristo tem um novo nascimento *real* à sua espera, não apenas um ato simbólico!"

De alguma forma, eu sabia que você iria mudar de idéia, depois de compreender tudo o que havia ocorrido.

Os Yali e os Havaianos

O que 35.000 canibais negros yali, na região central da Nova Guiné têm em comum com os judeus? E também com o povo polinésio amulatado, que vive a 8.000km de distância das Ilhas Havaianas?

"Erariek, conte-me uma história", pedi, ficando com a caneta

em posição para anotar. Erariek, um yali de 25 anos, sorriu. Ele se sentia verdadeiramente feliz com meu interesse pelo seu povo. Seus olhos iluminaram-se ao lembrar de um episódio antigo – uma aventura que envolvia seu irmão, Sunahan, e um amigo chamado Kahalek. Erariek pigarreou e descreveu como os dois homens haviam ido à procura de alimento, certa manhã muito cedo.

No momento em que começaram a cavar batatas doces em sua horta, Sunahan e Kahalek ouviram o zumbido de uma seta que passou por eles. Logo em seguida, uma outra seta feriu Kahalek. Olhando por sobre os ombros os dois homens viram um enorme grupo de saqueadores que estavam emboscados. O brilho no olhar de cada um deles revelou a Sunahan e Kahalek que aqueles inimigos do outro lado do rio Heluk estavam certos de que iriam se banquetear com carne humana naquele mesmo dia – a carne de Sunahan e Kahalek!

Deixando cair suas varas de cavar, os dois agarraram seus arcos e flechas e fugiram a toda pressa.

Neste ponto eu esperava que Erariek me dissesse que Sunahan e Kahalek fugiram trilha acima, em busca de segurança em sua aldeia que ficava num alto penhasco bem acima da horta. Em lugar disso, ele me contou que eles se afastaram da trilha e correram através da horta em direção a um muro baixo de pedra. Pouco antes de chegarem ao muro, mais flechas atingiram o já ferido Kahalek. Ele caiu do lado de fora do muro e ficou ali agonizando.

Sunahan, porém, saltou o muro, girou sobre si mesmo, desnudou o peito diante dos inimigos e riu-se deles. Os saqueadores, depois de atirarem mais flechas, acabando com a vida de Kahalek, decidiram não levar seu corpo para ser comido – vingadores da aldeia já desciam a montanha em grande quantidade. O transporte do cadáver de Kahalek iria atrasar a fuga do bando.

Os saqueadores fugiram, deixando Sunahan sem um arranhão sequer.

Eu quase deixei cair a caneta! "Por que eles não mataram Sunahan?" perguntei. "Ele se achava ao alcance deles!"

Erariek sorriu condescendente. "Don, você não compreende. Sunahan estava atrás do muro de pedra."

"Mas que diferença isso fez?" perguntei.

"O solo atrás daquele muro", explicou Erariek, "é o que nós, os yali, chamamos de *Osuwa* – um lugar de refúgio. Se os saqueadores tivessem derramado uma gota do sangue de Sunahan enquanto ele se achava dentro daquele muro, o próprio povo deles os teria castigado com a morte, quando voltassem para casa. Da mesma forma, embora Sunahan estivesse armado, ele não ousou atirar nenhuma flecha no inimigo enquanto se encontrava atrás daquele muro. Pois

quem fica ali está obrigado a não cometer qualquer violência contra homem algum!"

Você poderia ter me derrubado com uma pluma!

Os leitores irão encontrar mais detalhes sobre Erariek e a incrível saga da tribo Yali em meu livro *Senhores da Terra* (publicado pela Editora Betânia)[4]. Devo agora responder à pergunta: O que tudo isto tem a ver com o povo havaiano, que fica a 8.000km de distância dos vales úmidos da Nova Guiné?

Ninguém sabe quando os havaianos dedicaram o recinto sagrado chamado *Pu' uhonua-o honaunau* ao seu propósito especial. Os arqueólogos acreditam que o rei Keawe-ku-i-ke-kàai – por volta do ano 1500 A.D. – construiu um templo no lugar e cercou-o com um muro de pedra de três metros de altura, grande parte do qual continua em pé. Mais dois templos foram acrescentados durante o século seguinte. Pu'uhonua-o-honaunau ainda permanece na costa ocidental do Havaí, cerca de dez quilômetros ao sul do monumento dedicado ao explorador inglês, Capitão James Cook.

Pu'uhonua-o-honaunau não significa apenas um novo templo, mas um lugar de refúgio para os "guerreiros vencidos, os não-combatentes, ou os violadores de tabus", que chegavam às suas portas antes de seus perseguidores (National Park Service Brochure). Alcançar o interior do velho muro do rei Keawe não era uma simples brincadeira; representava a diferença entre a vida e a morte.

Qualquer fugitivo que ali chegasse, encontraria um refúgio já preparado! Um jardim e um bosque de coqueiros forneciam alimento. Uma fonte borbulhava água fresca. Uma faixa de praia convidava o recém-chegado a nadar e a pescar!

O templo de Pu'uhonua-o-honaunau era somente uma "cidade de refúgio" em uma rede com cerca de vinte lugares semelhantes, os quais se espalhavam através de diversas ilhas havaianas!

Os yali, os havaianos. O que isto tem a ver com os judeus e suas tradições?

Depois que os hebreus, os ancestrais do moderno povo judeu, alcançaram a Terra Prometida, Josué, que os chefiava, cumpriu uma instrução recebida anteriormente de Deus, através de Moisés. Ele separou seis cidades judaicas – três de cada lado do rio Jordão – para servirem como "cidades de refúgio".

O propósito dessas cidades? Dar abrigo aos indivíduos que estivessem sob ameaça de morte violenta (veja Js 20 e 21). Os historiadores judeus contam que as estradas que levavam às cidades de refúgio eram geralmente as mais retas da Palestina. As pontes nessas estradas eram mantidas em boas condições. As seis cidades fo-

ram construídas em terreno alto, de modo que o fugitivo pudesse vê-las claramente, mesmo a grande distância.

Uma vez que um fugitivo entrasse numa cidade de refúgio dos judeus, ele se achava em segurança até que um sumo sacerdote decidisse o seu caso. Dependendo do resultado desse julgamento, o fugitivo poderia ser executado ou libertado.

Desde essa época, os poetas e profetas hebreus não deixaram mais de referir-se ao simbolismo pungente e ao significado espiritual do "lugar de refúgio". Por exemplo, o rei Davi escreveu num salmo: "Em ti, Senhor, me refugio, não seja eu jamais envergonhado" (Sl 31.1).

Se o sumo sacerdote decidisse, depois do julgamento, devolver o fugitivo aos seus perseguidores, a fim de ser executado, dizia-se que ele estava sendo "envergonhado". O rei Davi, sentindo que sua própria justiça não bastaria para defender o seu caso diante de Deus, continua suplicando: "Livra-me por *tua* justiça" (Sl 31.1, grifo acrescentado). É isso que Jesus Cristo, mediante o evangelho, promete fazer – salvar os refugiados arrependidos, com base na *sua* bondade e não na deles. Eles precisam, no entanto, buscar esse refúgio nEle, e em nenhum outro lugar! O escritor da Epístola aos Hebreus fixou-se no mesmo princípio eterno de misericórdia quando escreveu: "...corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta" (Hb 6.18).

Note a estratégia aparente de Deus: Ele primeiro introduziu o conceito do "lugar de refúgio" na cultura hebraica. A seguir guiou Davi e outros escritores bíblicos a usarem o simbolismo do "lugar de refúgio" como uma revelação tanto para os hebreus como para os povos como nós. Não é possível que Ele também tivesse feito as tribos yali e havaianas a obedecerem "naturalmente" esta outra exigência da "lei gravada em seus corações"? Caso positivo, com certeza deve ser propósito dEle que nós, por nossa vez, façamos uso do simbolismo recebido como revelação para eles.

Os Chineses e Seu Sistema de Escrita

Os primeiros missionários enviados à China enfrentaram um obstáculo formidável. Eles tiveram de aprender a escrita chinesa. Acostumados a escrever com os alfabetos europeus de aproximadamente 26 letras, eles se assustaram! Eles descobriram que a escrita chinesa usava um sistema baseado em 214 símbolos chamados "radicais".

Espantaram-se de novo quando souberam que esses 214 radicais – suficientemente enigmáticos por si mesmos – combinavam-se

para formar de 30.000 a 50.000 ideogramas.

O santo mais paciente teria dificuldade em controlar-se num caso assim! Como um Deus soberano poderia permitir que um povo desenvolvesse um sistema de escrita tão "radical"? Será que Deus não se importava com o fato de que a escrita chinesa colocava uma barreira praticamente intransponível à comunicação do evangelho a um quarto da humanidade?

Certo dia, porém, um dos missionários deixou de se queixar. Ele estava estudando um determinado ideograma chinês, que significa "justo", notando que possuía uma parte superior e outra inferior. A superior era simplesmente o símbolo chinês para *cordeiro* . Logo em baixo do cordeiro havia um segundo símbolo, o pronome da primeira pessoa, "Eu". De repente percebeu uma mensagem surpreendentemente bem codificada, oculta no ideograma: *Eu, que estou sob o cordeiro, sou justo!*

Ali estava exatamente o centro do evangelho que ele atravessara o oceano para ensinar! Os chineses ficaram surpresos quando ele lhes chamou a atenção para a mensagem oculta. Jamais a tinham notado, mas uma vez alertados, perceberam-na claramente. Quando ele perguntou, "*Sob* qual cordeiro devemos estar para sermos justos?" eles não souberam responder. Com grande alegria, contou-lhes, então, a respeito do "Cordeiro que foi morto, desde a fundação do mundo" (Ap 13.8), o mesmo "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29).

O missionário em questão participou sua descoberta aos colegas e estes, por sua vez, logo começaram a encontrar outras mensagens espirituais codificadas nos ideogramas de 4.000 anos de idade! O estudo da língua chinesa de repente tornou-se a aventura mais emocionante que eles já haviam experimentado.

Outro exemplo: o símbolo chinês para barco mostra uma embarcação com oito pessoas dentro. Oito pessoas? A arca de Noé levou exatamente oito pessoas para um lugar seguro.

O radical que significa "homem" é uma figura desenhada como um *y* de cabeça para baixo. O ideograma significando *árvore* é uma cruz com o símbolo do homem superposto a ela! E o símbolo para *venha* exige dois outros símbolos menores para *homem*, colocados de cada lado da árvore, com o homem maior sobreposto a ela. Alguns estudiosos da escrita chinesa afirmam que as duas figuras humanas menores significam coletivamente a *humanidade*. Caso positivo, o ideograma que significa *venha* parece conter um código que diz: "Humanidade, venha para o homem na árvore".

Para um estudo mais profundo de vários outros ideogramas chineses com sentido espiritual, recomendo aos leitores o livro recente

de C.H. Kang e E.R. Nelson sobre o assunto, citado em nossa bibliografia. Nem todos os pesquisadores concordam sobre a interpretação exata de cada símbolo. Não obstante, os próprios chineses (e muitos japoneses, pois o Japão usa praticamente o mesmo sistema de escrita) ficaram intrigados com as interpretações sugeridas pelos missionários. Mesmo quando as teorias não são conclusivas, a simples discussão sobre elas pode ser suficiente para comunicar a verdade espiritual aos incrédulos.

Descobri em minha pesquisa que muitos pastores chineses e japoneses consideravam o emprego desses vários símbolos como um meio válido de fazer contato com a mente do povo.

Um missionário que voltara da China contou a história de um soldado chinês que se aproximou dele cheio de hostilidade. O missionário desenhou alguns dos símbolos já mencionados em um bloco de papel e apontou seus significados "ocultos". Os olhos do soldado se arregalaram. "Me falaram", exclamou ele, "que o cristianismo era uma religião estrangeira do diabo! Você me mostrou que o sistema de escrita de meu próprio país o prega!"

Os Índios Norte-Americanos

Desde o Alasca até o Panamá e desde a Baixa Califórnia até o Labrador, ele surge de um modo ou de outro:

O Sagrado Número Quatro!

Quase todas as tribos falam sobre as quatro direções e os quatro ventos. Os navajos indicam suas quatro montanhas sagradas. Os sioux celebram sua dança da chuva com quatro grupos de quatro cavalos cada, sendo cada conjunto pintado da mesma cor – quatro cores ao todo. Muitas tribos usam cruzes de quatro braços ou "suásticas", ou um desenho de quatro lados ao qual dão o nome de "Olho de Deus", simbolizando o Sagrado Número Quatro. Alguns índios mais velhos, quando ensinam os costumes tribais às crianças, colocam seus materiais em conjuntos de quatro. As crianças índias, logo acham mais fácil lembrar das coisas ensinadas em grupos de quatro.

Peça a vários "folcloristas" índios para descreverem a essência do Sagrado Quatro e um consenso de suas respostas será mais ou menos assim: Quando o Grande Espírito (*Wakan Tonka* para os sioux, *Saharen-Tyee* para os chehalis, etc.) criou o mundo, ele ordenou ao Sagrado Quatro que mantivesse a ordem. Assim sendo, o Sagrado Quatro não simboliza quatro deuses ou quatro demônios, mas quatro princípios sustentadores da ordem, que impedem que tudo entre em colapso.

Se pedir aos índios que dividam o Sagrado Quatro, não irá conseguir. Se algum dia eles souberam diferenciar um dos outros três, o conhecimento se perdeu há muito. Os índios falam deles coletivamente e não há outro meio.

De um modo significativo, alguns missionários em várias tribos de índios norte-americanos informaram, sem compreender a razão disso, que toda vez que ensinam as *Quatro Leis Espirituais* (Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo), os índios ficam atentos e prestam atenção! Houve até reavivamentos quando esse material foi apresentado em profundidade, especialmente por alguém respeitado por eles.

Ed Malone, pastor na Califórnia, costuma visitar anualmente as regiões dos navajos, a fim de ensinar jovens pastores índios. O pastor Malone comentou: "É surpreendente ver como os navajos se interessam por um sermão de quatro pontos!"

Procure visualizar um professor segurando um livreto contendo as *Quatro Leis Espirituais* em frente a um grupo de índios e dizendo: "Estas são as quatro leis espirituais. Se desobedecerem a elas, a sua vida entrará em colapso. Obedeçam e Deus trará estabilidade e ordem à sua vida, sua família, seu emprego, seu futuro..."

Antigas crenças índias sobre o Sagrado Quatro acham-se suspensas como uma caixa de ressonância invisível por trás do professor, adicionando peso e gravidade especiais a cada palavra.

O conceito do Sagrado Quatro é simples ficção? Ou talvez tenha alguma validade? A Bíblia sugere a existência do Sagrado Quatro ordenado por Deus, que sustenta a ordem do universo?

Acredito que a resposta a todas essas perguntas seja *sim!* Considere as evidências:

1. As doze tribos de Israel, dirigindo-se à Terra Prometida, sempre acamparam em quatro grupos de três tribos cada. Os estandartes não foram designados para cada uma das doze tribos, mas para cada um dos quatro agrupamentos.

2. Os altares judeus foram edificados com quatro "chifres" projetando-se dos quatro cantos. Para serem válidos, o sacrifícios tinham de ser literalmente amarrados nos quatro chifres e não simplesmente colocados sobre o altar.

3. O Novo Testamento tem quatro evangelhos.

4. Jesus morreu sobre uma cruz de quatro braços.

5. O livro de Apocalipse fala de quatro cavalos de quatro cores diferentes, com quatro cavaleiros distintos.

6. Finalmente, a Bíblia parece ensinar implicitamente que toda realidade está dividida em quatro níveis de um escalão cósmico. O nível superior é reservado para Deus, o Soberano de todas as coi-

as. Abaixo de Deus fica o nível dos cidadãos, o lugar legítimo de todos os seres criados à imagem de Deus. Abaixo deste, encontramos o que se pode chamar de nível da natureza – reservado para a flora e fauna. Finalmente no nível mais baixo acham-se a matéria, a energia e as leis da natureza.

Não existe coisa alguma que não se enquadre num desses quatro níveis do escalão cósmico. Além do mais, enquanto cada entidade permanecer em seu nível estabelecido, a ordem prevalecerá! O pecado ocorreu somente quando um ser criado para existir no nível do cidadão tentou sair de sua posição e usurpar o lugar legítimo de Deus como Soberano absoluto de tudo.

É bem provável que haja muito mais verdade no conceito indígena do que parece à primeira vista.

Notas

1. De uma entrevista com Elmer Warkentin e seus filhos, e com Clara Lima, missionários da RBMU International, que trabalham entre o povo dyak de Kalimantan (Bornéu).

2. Don Richardson, *O Totem da Paz* (São Paulo: Ed. Betânia, 1981) cap. 2.

3. *Ibid.*

4. Don Richardson, *Senhores da Terra* (São Paulo: Ed. Betânia, 1978).

4

ERUDITOS COM TEORIAS ESTRANHAS

Nos capítulos anteriores, falei apenas de patriarcas, apóstolos e missionários cristãos que encontraram o fenômeno universal do que talvez poderia ser chamado "monoteísmo nativo". A esta altura, os leitores estarão certamente perguntando: "Os eruditos do mundo acadêmico secular não conhecem o fenômeno em questão? O que pensam dele?"

As respostas a essas perguntas formam um dos capítulos mais interessantes na história da antropologia e etnologia primitivas.

Primeiramente, daremos algumas informações como pano-de-fundo.

O século XIX foi um período caracterizado por uma busca fervorosa das origens de todas as coisas. Grande parte do entusiasmo surgiu da expectativa geral no sentido de uma teoria, incubada há séculos em certas escolas filosóficas, finalmente poder fornecer a chave de todos os mistérios. A teoria recebeu os rótulos de "Transformismo materialista", "desenvolvimento" ou "evolução", prevalecendo finalmente este último termo.

Quando Charles Darwin aplicou e ampliou os princípios evolucionistas, a fim de mostrar como diversas formas biológicas poderiam ter surgido de outras mais simples, a empolgação cresceu. Outros pensadores, trabalhando quase paralelamente com Darwin, achavam que os princípios da evolução iriam capacitá-los a desvendar o mistério de outros fenômenos – as origens da sociedade, cultura e religião humanas. De que maneira este grupo particular de eruditos se propôs explicar a origem de algo tão complexo como a religião, num modelo evolutivo, por exemplo?

Primeiro, eles ignoraram a afirmação bíblica de que a primeira religião a aparecer na terra esposava uma fé monoteísta – uma fé que o Deus verdadeiro confirmou desde a antigüidade com revelações sucessivas.

Eles também não aceitaram outra insistência bíblica, de que o

espiritismo e o politeísmo em todas as suas formas são religiões "falsas", resultantes das tentativas perversas do homem em remoldar a "verdadeira" religião original, de acordo com sua própria preferência mal orientada. Em outras palavras, os evolucionistas anularam as diferenças entre a religião "verdadeira" e a "falsa", como se fossem cientificamente inúteis. Reunindo todas as religiões em um mesmo feixe, eles apresentaram uma hipótese ousada: As próprias religiões que a Bíblia chama de "falsas" surgiram primeiro!

Por exemplo, um inglês de nome Edward B. Tylor teorizou, em uma obra de dois volumes intitulada Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion,Art and Custom ("Culturas Primitivas: Pesquisas sobre o Desenvolvimento da Mitologia, Filosofia, Religião, Artes e Costumes"), que a idéia da "alma" humana deve ter sido o embrião natural do pensamento do qual se desenvolveram todos os demais conceitos religiosos. Os selvagens da antigüidade, sugeriu Tylor, imaginavam que possuiam "alma" enquanto ficavam se perguntando a respeito de dois grupos de problemas biológicos: sono, êxtase, doença e morte, de um lado, e sonhos e visões, de outro. A idéia de "alma" foi reforçada quando os selvagens notaram seu reflexo na água, ou suas próprias sombras — aparentes extensões de suas pessoas. Sonhando, eles se viam em lugares que, depois de acordados, sabiam não conhecer — pelo menos em seus corpos.

Uma vez que os primitivos se acostumaram a pensar em si mesmos como seres que têm almas, continuou Tylor, tornou-se patente para eles que outras entidades — animais, árvores, rios, montanhas, o firmamento, e até as forças da natureza — poderiam ter sido semelhantemente dotadas. Foi assim que o espiritismo (Tylor o chamou de "animismo") veio a nascer — a primeira religião!

Séculos mais tarde, afirmou Tylor, apareceu um novo fenômeno em certas sociedades humanas — a estratificação das classes! As aristocracias humanas, reinando sobre os camponeses, sugeriam aristocracias de "deuses" governando as massas de almas e espíritos. O politeísmo, no modelo de Tylor, emergiu então do espiritismo — mas apenas onde o fenômeno social da estratificação de classes o instigou!

Mais tarde ainda, algumas aristocracias humanas experimentaram uma nova metamorfose: um aristocrata teve a sorte de ser exaltado acima de seus semelhantes, como monarca. Mais uma vez, mentes teologicamente avançadas, projetaram este último desenvolvimento social sobre a sua idéia do mundo sobrenatural. Resultado: um membro do panteão local de deuses começou a elevar-se acima das outras divindades como um "deus supremo" em formação. Des-

se modo, segundo Tylor, o monoteísmo evoluiu gradualmente, a partir do politeísmo – mas somente nas regiões em que o fenômeno social da monarquia o sugeriu!

Pelo menos quatro conceitos achavam-se contidos no modelo evolucionista de Tylor. Primeiro, não havia mais nada de misterioso sobre a religião; a origem natural da mesma e seu desenvolvimento evolucionista subseqüente, agora tinham sido explicados de maneira científica. Segundo, desde que o monoteísmo marcou o estágio final na evolução da religião, esta chegara, agora, a uma rua sem saída. Terceiro, novos desenvolvimentos na sociedade humana já estavam determinando o próximo passo a ser dado por aqueles que desejassem se manter na crista da onda evolucionista: abandonar a religião com o seu Deus, deuses, ou espíritos, agora extintos.

Não seria mais sensato, caso fosse necessário confiar em alguma coisa, dar um voto de confiança ao processo evolutivo propriamente dito? Qualquer coisa que pudesse "criar" espíritos, deuses e até um Deus, e depois tirá-los de circulação deveria ser maior que eles!

Qual era, então, o quarto conceito implícito na teoria de Tylor? Tratava-se de uma idéia que tornaria possível testar a validade da tese de Tylor, mediante a pesquisa de campo. Caso Tylor tivesse razão, as sociedades primitivas não possuiriam pressuposições monoteístas, uma vez que a estratificação de classes e o conceito ulterior de uma monarquia não se desenvolvera ainda, para poder incentivar o conceito monoteísta.

Atraídos pela elegância impressionante da teoria de Tylor, inúmeros eruditos famosos o apoiaram inicialmente. A documentação mais minuciosa do que se seguiu é provavelmente encontrada nos escritos de Fr. Wilhelm Schmidt, um sacerdote austríaco católico, professor da Universidade de Viena e editor da revista científica *Anthropos*, altamente erudita. Por exemplo, em sua obra *Origin and Growth of Religion*, Schmidt escreveu: "(A teoria de Tylor) com o peso esmagador da evidência apresentada, sua série regular e contínua de estágios de desenvolvimento, e o estilo conciso e imparcial de sua explanação, não deixou lugar para argumentos contrários...durante as três décadas seguintes ela permaneceu como a 'teoria clássica',...quase sem qualquer perda de prestígio. Nem mesmo a teoria dos fantasmas de (Herbert) Spencer, que a sucedeu imediatamente, não conseguiu privá-la da dignidade de sua posição".[1]

Na página 77, Schmidt continuou: "Uma prova notável da extensão em que a teoria de Tylor influenciou o mundo é o fato de ter sido aceita por vários estudiosos proeminentes de etnologia e religião, quase sem qualquer mudança. Essa aceitação indiscutível partiu

de..."[2] Schmidt continuou, mencionando 39 estudiosos europeus e americanos que endossaram a teoria de Tylor, citando os vários livros e artigos onde sua aprovação poderia ser encontrada. Incluso na lista achava-se o escocês Andrew Lang, a quem Schmidt descreve como o "discípulo favorito de Tylor".[3] Bem cedo em sua carreira, Lang defendeu a teoria de Tylor em sua luta contra a tese competitiva de Max Muller sobre o "Mito da Natureza". Resultado: "Muller...foi forçado a transigir".[4]

Mesmo no apogeu das teorias evolucionistas como a de Tylor, algumas vozes levantaram-se ocasionalmente, *tentando* pelo menos chamar atenção para os relatórios esparsos, onde se vê que até mesmo as tribos mais primitivas reconheciam a existência de um Criador. Mas os eruditos não lhes deram ouvidos. Schmidt descreve assim o comportamento deles: "A doutrina da evolução progressiva dominou a mente de toda a Europa... todos os autores de teorias relativas a fetichismo, fantasmas, animismo, totemismo e magia, mesmo que não concordassem em qualquer outro ponto, estavam em harmonia neste: a figura do deus dos céus precisava ser eliminada desde os primeiros estágios da religião, como sendo excessivamente elevada e incompreensível (para as mentes selvagens)... a não ser que fosse decidido atribuí-la à influência cristã. A força desta corrente universal de pensamento foi tão grande e o descrédito que conseguiu lançar sobre a idéia da prodigiosa era do deus dos céus foi de tal forma completo, que quase ninguém teve coragem para se opôr a ela e chamar atenção para os exemplos bastante freqüentes deste deus dos céus sublime aparecendo entre povos decididamente primitivos, onde não se podia descobrir o menor traço de influência cristã".[5]

À medida que foram sendo alcançadas vitórias aparentes baseadas numa estrutura evolucionista, alguns defensores do evolucionismo passaram a externar abertamente o triunfo final e definitivo da evolução sobre todos os sistemas concorrentes, especialmente o teísmo. O clérigo e filósofo cristão, E. De Pressense, em seu livro *A Study of Origins* ("Um Estudo das Origens"), publicado pela primeira vez, em francês, no ano de 1882, escreveu sobre o crescente movimento anti-teísta que se avolumava em sua época: "Fiquei surpreso...com a veemência cada vez maior dos ataques feitos, não só contra o teísmo cristão, mas também sobre os próprios fundamentos da religião espiritual. Se tivermos de crer nos homens que se apresentam como os órgãos reconhecidos do mundo científico, devemos concluir que tudo que foi afirmado pelos discípulos do evangelho...não passa de um mero sonho. Nossas aspirações quanto a um mundo superior, usando a de um membro dessa escola, são apenas

folhas mortas girando no ar, que caem de novo na mão de quem as atirou. Tudo deve ser reduzido a energia, sempre em mutação, mas sempre igual".[6]

De Pressense continuou mencionando a "vitória tão anunciada nos campos do materialismo... Os que afirmam ter a ciência têm pronunciado um veredito final sobre o mundo da mente e da consciência...a promoção de um fanatismo materialista pelo menos tão extravagante quanto o teísmo fanático. Ouvimos todas as noites em nossas cidades os Boanerges do ateísmo trovejando o seu credo...o triunfo prematuro que o materialismo reivindica para si em seus manuais populares de ciência...e em artigos jornalísticos bombásticos".[7]

O mesmo autor (De Pressense) passou, então, a apresentar "este conflito entre os pensadores de nossos dias" aos leitores. Ele acrescentou: "Procurei ser ao mesmo tempo imparcial e claro ao estabelecer os pontos de vista mantidos por aqueles de quem discordo...tive sempre em mente a idéia de que o homem geralmente é muito melhor do que as suas teorias".[8]

De Pressense incluiu uma crítica filosófica da teoria de Tylor em seu tratado, mas, como muitos outros que tentaram essa abordagem, ele não teve êxito em sustar a onda do pensamento evolucionista sobre a origem da religião

Onze anos mais tarde, em 1898, ocorreu um fato interessante.

O "discípulo favorito" de Tylor, Andrew Lang, consentiu em ler um relatório de um missionário, enviado de uma região distante às igrejas que o sustentavam em sua pátria. O missionário contou que os habitantes primitivos daquela região remota já reconheciam a existência de um Deus Criador, mesmo antes da chegada dos missionários! Schmidt descreve a reação de Lang: "Ele julgou que o missionário cometera um erro. Mas quanto mais aprofundava seus estudos, mais exemplos descobria desse tipo de coisa e chegou finalmente à conclusão de que o princípio fundamental de Tylor não tinha condições de manter-se. Ele expressou publicamente esta convicção em 1898, no seu livro *The Making of Religion* ...("A Formação da Religião"). Além disso, Lang mostrou-se infatigável em sua busca de novas informações a serem publicadas, erros e mal-entendidos a serem esclarecidos e ataques a serem repelidos...

"Pelo fato de que (as objeções de Lang) encontraram uma viva expressão em periódicos ingleses de renome, que são naturalmente conhecidos em toda parte também no exterior, e que elas representavam os novos conceitos de um estudioso de tal reputação...é difícil entender a razão pela qual a maioria dos especialistas...fora da Grã-Bretanha, recebeu os pronunciamentos de Lang no mais profundo silêncio...Esta atitude de rejeição silenciosa foi mais notável ainda por-

que a teoria das artes mágicas, que apareceu simultaneamente, foi na mesma hora discutida em toda parte e recebeu rapidamente grande aprovação; todavia, segundo seus três primeiros defensores...Marett, Hubert...e Preuss...ela se apoiava em fundamentos inseguros e simplesmente provisórios".[9]

Schmidt fala repetidamente, através de todo o seu trabalho, sobre a tendência constante dos eruditos de ignorarem ou desacreditarem o fenômeno do deus dos céus. Somente muito mais tarde, em 1922, diz ele, surgiu a primeira monografia científica sobre o assunto.[10] Ao que parece, era necessário que fossem esgotadas todas as possibilidades de usar *qualquer* outro aspecto da religião como ponto de partida para o desenvolvimento da mesma, antes que o Deus dos Céus pudesse ser considerado.

Aos olhos de Schmidt pelo menos, as teorias evolucionistas de Tylor pareceram *estranhas* devido a este denominador comum de indiferença entre os estudiosos diante da única linha de pesquisa que eles aparentemente julgavam que não suportaria uma explicação evolutiva.

Praticamente condenado ao ostracismo por seus companheiros de erudição na Inglaterra e ignorado pelos do continente europeu, Andrew Lang escreveu: "Assim como outros mártires da ciência, devo esperar ser considerado inoportuno, enfadonho, escravo de uma idéia, e além de tudo errada. Ressentir-me disto demonstraria grande falta de bom humor e de conhecimento da natureza humana".[11]

Mesmo assim, Lang continuou seu ataque, apoiando-se especialmente nas "descobertas extraordinárias de A.W. Howitt, relativas ao Ser Supremo das tribos do sudeste da Austrália...e nas informações dadas pela Sra. Langloh Parker sobre (outras tribos australianas)...Ele também usou...fatos extraídos de povos bosquímanos, hotentotes, zulus, yao, da África ocidental e da Terra do Fogo, e principalmente dos índios norte-americanos".[12]

Muito antes de Lang chamar a atenção pública para a pesquisa de Howitt, o próprio Tylor lera os artigos dele, logo após sua publicação, em 1884. Qual a sua reação? Schmidt relata: "Seu único recurso..foi...duvidar da origem nativa desses deuses, referindo-se a eles como europeus, e especificamente à influência missionária".[13]

Tylor deu esta resposta oficial seis anos mais tarde em um artigo, sob o título "The Limits of Savage Religion" ("Os Limites da Religião Selvagem"). Mas Howitt, que ainda não compreendera que a sua pesquisa estava destruindo a teoria de Tylor, a quem ele admirava, e que mais tarde criticou Lang por usar sua pesquisa para atacar a teoria de Tylor, já havia indicado a este não existir uma "saída" desse tipo.[14]

Outros eruditos provaram igualmente que a influência dos missionários não poderia explicar o mesmo fenômeno que já se evidenciava em muitas outras partes do mundo, além da Austrália. Foi o começo do fim da teoria de Tylor. Schmidt comenta que, perto do final, "Tylor e Frazer não podiam de forma alguma ser induzidos a falar, apesar dos desafios diretos de Lang a eles".[15]

Em última análise foi o próprio Wilhelm Schmidt que, impressionado com a falta de crédito concedida a Lang, lançou-se num dos projetos de pesquisa mais extensos já empreendidos por um único indivíduo. Schmidt começou a documentar e compilar evidências a favor do "monoteísmo nativo", as quais estava então começando a fluir como uma verdadeira inundação de todas as partes do mundo. Em 1912 (ano da morte de Lang) Schmidt publicou sua obra monumental: *Ursprung Der Gottesidee* ("A Origem do Conceito de Deus"). Mais informes continuaram a chegar e ele publicou um outro volume, e mais outros, até que em 1955 já acumulara mais de 4.000 páginas de evidências, perfazendo um total de 12 grandes volumes!

Todo o capítulo treze do livro de Schmidt, *The Origin and Growth of Religion* (A Origem e Desenvolvimento da Religião), é dedicado a citações de diversos antropólogos, mostrando que a aceitação da sua pesquisa era praticamente universal. A maré havia mudado! Todavia...

Antes de sua queda, a teoria de Tylor inspirara certos estudiosos a aplicarem suas idéias em outros setores. Poder-se-ia pensar que ao desmentir a "teoria-mãe" os conceitos derivados da mesma perderiam também terreno nos demais campos. Mas não foi isso que aconteceu. Alguns dos conceitos gerados pela teoria de Tylor passaram a ter vida própria, por assim dizer, e conseguiram separar-se de sua "mãe". Então, quando ela foi cortada, eles permaneceram e persistiram, embora injustificadamente, *até hoje*!

Mais uma vez somos devedores a Wilhelm Schmidt por destacar uma dessas insidiosas ligações, ou seja, a ligação entre:

A Teoria de Tylor e a Teologia Liberal

Schmidt escreveu: "Uma outra conquista importante para a teoria animista foi no campo da teologia do Antigo Testamento. Aqui, o agente foi J. Lippert, que...declarou a teoria como sendo boa para o desenvolvimento do povo judeu e (sua) religião. Esta aplicação da mesma foi imediatamente aceita por dois teólogos de renome do protestantismo liberal: B. Stade...e F. Schwall...Eles foram seguidos por uma longa lista de outros autores, tais como R. Smend, J. Benzinger, J. Wellhausen, A. Berthold e outros, que buscavam apoio para as

suas idéias, não só nos resultados da crítica textual, empregava por eles, mas nos dados fornecidos pela pesquisa etnológica, como lhes foram transmitidos pela teoria de Tylor".[16]

Nas páginas 192-193, Schmidt cita um certo Professor Brockelmann como afirmando que "Wellhausen...estava mais ou menos conscientemente sob a influência de ...E.B.Tylor...(e)...supunha ser o animismo a única fonte da vida religiosa".

Wellhausen veio a destacar-se ao desenvolver uma teoria famosa, no sentido de que vestígios do politeísmo devem ter precedido o surgimento do monoteísmo bíblico, como exigido pela teoria de Tylor, e podem ser ainda encontrados no Antigo Testamento. Ele declarou que os sacerdotes monoteístas mais tarde tentaram expurgar do Pentateuco afirmações anteriores consistentes com o politeísmo, mas se esqueceram de algumas! A escola da Alta Crítica resultante, não só enfraqueceu a fé possuída por milhares de cristãos e arruinou a vitalidade de centenas de milhares de igrejas em todo o mundo, mas também impediu que um grande número de incrédulos levasse a Bíblia a sério. No entanto, pelo que sei, nenhum erudito liberal jamais elevou a voz, dizendo: "Olhem! Já que não mais adotamos a teoria de Tylor, por que continuamos endossando um produto da mesma?"

Até mesmo os teólogos conservadores freqüentemente concederam um crédito imerecido à teologia liberal de Wellhausen, atacando-a como se fosse um conceito de estrutura independente. Seus ataques poderiam ter sido bem mais eficazes se tivessem exposto publicamente o fato de que a teologia de Wellhausen apóia-se numa teoria antropológica que a maioria dos antropólogos não mais aprova.

A Teoria Evolucionista e o Racismo Nazista

As teorias do século XIX sobre a evolução biológica e cultural deixavam fortemente implícita a probabilidade de um ramo da humanidade, o europeu, ter superado as outras raças no que diz respeito à evolução física e cultural. Um escritor que ousou desenvolver esta idéia até às suas conclusões lógicas foi o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Os conceitos de Nietzsche, e de muitos evolucionistas de sua época, podem ser assim ilustrados: Pense em todas as sociedades humanas como se estivessem participando de uma gigantesca "maratona" cultural. O objetivo é correr da simplicidade cultural da idade da pedra até ao máximo aperfeiçoamento cultural de uma sociedade ideal, onde a tecnologia domina a natureza. É lógico que se todos os corredores começarem juntos na *mesma* linha de partida e fizerem o *mesmo* percurso em diração à *mesma* linha de chegada, sua partici-

paçao na "maratona" tornará possível julgar os pontos positivos e negativos de cada um em uma *única* escala. Se as sociedades de qualquer ramo genético da humanidade tenderem a "assumir a liderança", por assim dizer, ficará provado que essa seção da humanidade também alcançou um nível superior de evolução física.

A conclusão inevitável foi que as sociedades altamente tecnológicas do homem europeu eram "líderes da corrida" – com uma média de dois minutos por quilômetro ou mais que isso. Outras sociedades comparavam-se a corredores fazendo em média três, quatro e cinco minutos por quilômetro. As tribos primitivas ficavam atrás de todas; assemelhando-se a competidores cuja média não fica abaixo de seis, sete ou oito por quilômetro.

Nietzsche concentrou atenção especial sobre o corredor que se achava em primeiro lugar na maratona, dando-lhe o nome de "super-homem". O "super-homem" era um indivíduo qualificado para dominar a humanidade, em vista de sua evolução mais rápida. Ele deve alcançar esse domínio através do puro "desejo de poder"; não havendo necessidade de qualidades morais, já que o super-homem, segundo Nietzsche, estava "acima do bem e do mal".

Indubitavelmente, Nietzsche e seus companheiros evolucionistas jamais imaginaram que outro alemão, Franz Boas, iria em breve destruir o conceito de supremacia racial européia. A obra de Boas, *The Mind of Primitive Man* (1911)(A Mente do Homem Primitivo) iniciou uma revisão do exemplo acima de todas as sociedades humanas participando de uma única maratona. Na verdade, Boas insistiu em que muitas "maratonas" estavam sendo realizadas simultaneamente. Cada sociedade ou grupo de sociedades tinha seu próprio ponto de partida, seu horário estabelecido, assim como seu próprio percurso e linha de chegada. Desse modo, simplesmente não seria possível pesar os pontos "fortes" e "fracos" das sociedades numa só balança! A cultura que estivesse procurando harmonia com a natureza, por exemplo, não poderia ser julgada segundo as normas daquela que quisesse obter o domínio tecnológico sobre a natureza!

Ao aceitar esse critério, não seria então válido usar a cultura como uma base para extrair conclusões a respeito da superioridade inata de um ramo genético da humanidade sobre outros!

Era de se esperar que a rejeição do racismo europeu, por parte de Boas, nos poupasse de quaisquer efeitos negativos em potencial do pensamento racista. Porém, essas idéias não foram expurgadas assim tão facilmente. Cerca de três décadas após a morte de Nietzsche, um austríaco ambicioso chamado Adolf Hitler decidiu que se os europeus eram o povo mais altamente desenvolvido da humanidade, então ele e seus companheiros alemães seriam então naturalmente o

como mais qualificado dentre os mesmos,i.e., "a super-raça".

Desse modo, Hitler, como chefe da super-raça, queria provar ser o super-homem. O restante da história permanece como um dos piores pesadelos da humanidade.

Porém, uma outra aplicação do evolucionismo do século XIX conseguiu sobreviver ao abalo causado pela queda da teoria de Tylor, combinada com a aceitação geral da nova abordagem de Boas. O resultado disso tornou-se um sofrimento incalculável para o ser humano. O simples fato de que os autores de uma teoria a abandonaram mais tarde, não garante que líderes em outros campos também se desfaçam automaticamente dela!

Os nazistas de Hitler naturalmente não gostavam de Boas nem de seus escritos! Nos anos 30, eles anularam um certificado honorário conferido a Boas pela Universidade de Kiel. Ao mesmo tempo, queimaram suas obras em público nas cidades da Alemanha.[17]

O racismo nazista foi então fundado sobre a rejeição deliberada da evidência disponível.

A Teoria de Tylor e o Comunismo

Os movimentos políticos variam drasticamente em sua atitude relativa à religião. Alguns são fortemente favoráveis a ela. Outros a toleram como parte da humanidade e outros ainda exploram a religião com propósitos políticos. Contudo, Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Ilich Lenin, os fundadores do comunismo, adotaram uma política bem mais ambiciosa. O comunismo, decidiram eles, deveria suprimir e, se possível, até mesmo aniquilar a religião da face da terra!

A idéia de aniquilar a religião, perceberam com freqüencia, requer a aniquilação das pessoas religiosas, e remoção forçada dos filhos das famílias religiosas, ou o uso de tortura e prisão. Não obstante, como um sistema político congenitamente anti-religioso, o comunismo avança em direção ao seu alvo.

De maneira irônica, a política anti-religiosa comunista tornou-se um verdadeiro peso pendurado em seu pescoço! Milhares de indonésios, por exemplo, repeliram com vigor e decisão uma tentativa comunista de controlar seu país em 1965. Sua maior objeção ao domínio comunista foi o fato de não tolerarem a supressão de sua religião por parte dos comunistas. Caso não existisse essa política, o comunismo poderia ter dominado a Indonésia, cuja vitória teria sem dúvida ajudado tremendamente a causa do mesmo!

Por que os fundadores do comunismo fizeram pesar sobre o seu movimento político incipiente essa regra tão desvantajosa? Se pelo menos Lenine tivesse previsto o poder notável das pessoas reli-

giosas em manterem e até disseminarem a sua fé, apesar das piores perseguições infligidas pelo inimigo,[18] ele talvez pensasse duas vezes antes de considerar a extinção de uma religião como um objetivo primário do comunismo.

O que levou os fundadores do comunismo a julgarem que aniquilar a religião era um objetivo tanto viável como desejável? Jamais me satisfiz com as suposições de que se tratava simplesmente da preferência pessoal dos envolvidos. A citação seguinte, traduzida por meu amigo Hank Paulson de uma edição alemã de *The Collected Works of Lenin* (Coletânea das Obras de Lenine), mostra que o autor apresentou pelo menos uma base científica racional para tal propósito: "O programa de nosso partido foi inteiramente baseado numa visão mundial científica e, portanto, materialista...Nosso programa...contém o desvendar da explicação histórica e científica da origem do mistério religioso...Assim sendo, nosso programa contém necessariamente a propaganda do ateísmo".[19]

Não é difícil perceber a influência da teoria de Tylor por trás dessa declaração. Conforme Wilhelm Schmidt enfatizou repetidamente, a teoria de Tylor teve um tremendo impacto sobre a mente dos eruditos europeus e americanos, na última parte do século XIX. Lenine, seja em separado ou através de Marx ou outros, deve ter ouvido ou lido que a ciência havia finalmente posto um fim à idéia de que a religião representava os verdadeiros mistérios espirituais. Antes disso, os opositores da religião apoiavam-se principalmente nos argumentos filosóficos. Mas não era muito mais devastador poder afirmar que a origem da religião e seu desenvolvimento subseqüente foram agora explicados *cientificamente* – e tudo sem recorrer a entidades espirituais propriamente ditas?

Uma outra evidência de que a teoria de Tylor continua influenciando as atitudes comunistas sobre a religião manifesta-se no fato de que *o conceito de Tylor sobre a evolução da religião é ainda ensinado como o principal fundamento do ateísmo nas faculdades e universidades de todo o mundo comunista!* Além disso, os governos comunistas enviam constantemente rios de literatura assim como equipes de preletores ou professores, na base de intercâmbio para o terceiro mundo e até para os países ocidentais, a fim de ensinar a teoria de Tylor como um fato comprovado! Vamos considerar alguns exemplos:

I. Meu amigo, o Dr. Wayne Dye, da Associação Wycliffe para Tradução da Bíblia foi convidado há alguns anos atrás para falar em um simpósio científico na cidade de Papua, na Nova Guiné. Vários antropólogos, procedentes de países comunistas também foram con-

vidados. O que os comunistas ensinaram aos jovens alunos da Universidade de Papua que se achavam presentes? A validade da teoria da origem da religião inventada por Tylor! Pareceu *estranho* ao Dr. Dye ouvir eruditos ainda fazendo propaganda de tais conceitos em pleno século XX. Durante os intervalos, o Dr. Dye perguntou aos antropólogos comunistas como eles reconciliavam seu ensino com o fato de teorias como a de Tylor terem sido refutadas nas primeiras décadas deste século. Para grande surpresa sua, eles pareceram desconhecer que tivesse ocorrido tal rejeição!

2. Em princípios de 1983, numa conferência de estudantes realizada em San Diego, um calouro de uma das principais universidades da Califórnia do Sul, contou-me que estava estudando antropologia com um professor da China comunista em visita ao país. "Ele vem nos ensinando toda a teoria de Tylor", queixou-se o rapaz. "Não mencionou sequer uma vez que a mesma já foi rejeitada, de acordo com as pesquisas etnológicas mais recentes. A classe inteira está intensamente interessada. Eu mesmo não teria sabido que era tudo mentira se não tivesse lido antes o livro *O Fator Melquisedeque.*

A queixa do aluno faz surgir uma questão ética. É justo que uma escola exija que os alunos paguem altas taxas para ouvir um comunista ensinar uma teoria superada e transformada em dogma comunista? Os alunos que pagam pelo seu estudo devem ter a certeza de que a escola empregará professores que ensinem antropologia *válida.* A universidade está traindo essa confiança.

Mais tarde, a escola irá cobrar novas taxas para que outros professores ajudem os alunos a desaprenderem o que lhes foi transmitido pelo professor comunista.

Não se pode culpar o mestre comunista por ensinar a única coisa que aprendeu no sistema educacional de seu partido. A falha está na escola, por não examinar o professor, a fim de verificar sua capacidade de lecionar antropologia moderna.

3. Um cristão que visitou recentemente a Iugoslávia, conversou com vários comunistas sobre a fé em Deus. Cada um deles reagiu, defendendo o ateísmo com base em argumentos reconhecidos como contidos na teoria de Tylor. Alguns chegaram até a entregar ao visitante folhetos explicando não ser científico crer em algo que, embora afirmasse representar a realidade espiritual, não passava de um simples produto da evolução. Uma vez que o cristão na época não sabia nada a respeito da base da teoria evolucionista do século XIX, ele não conseguiu abalar ponto algum da posição comunista.

O fato da teoria de Tylor ter sido superada não impediu que os comunistas fizessem uso dela como justificativa para sua crescente supressão da religiosidade. Marx dificilmente pode ser culpado disso,

pois ele morreu em 1883 – um ano antes dos documentos de Howitt sobre o monoteísmo nativo entre os aborígenes australianos terem feito surgir as primeiras dúvidas concretas sobre a teoria de Tylor. Da mesma forma, Engels faleceu em 1895, três anos antes de Lang ter publicado seu trabalho devastador, *The Making of Religion* ("A Formação da Religião"), inicialmente mal recebido. Talvez jamais venhamos a saber o quanto Lenine conhecia dos relatórios a respeito da mudança de opinião no mundo ocidental.

De qualquer modo, o problema de teorias "estranhas" sobre a origem da religião ainda persiste no mundo moderno. É fácil para os eruditos, que vivem de uma certa forma protegidos aqui no ocidente, dizerem: "Hoje, não mantemos essa posição". Mas é muito diferente para os missionários espalhados através do terceiro mundo aprenderem a neutralizar o emprego insidioso que as forças políticas inimigas continuam fazendo dessas idéias.

A questão não é sugerir que alguém deveria ter amordaçado Tylor! Bastaria que suas idéias fossem discutidas num tribunal. Não é também meu propósito sugerir que a ciência da antropologia seja em si indigna de confiança. Acredito que os cristãos devem estudar antropologia e outras ciências sociais, a fim de fazer com que o equilíbrio de um sistema de valores teísta possa influenciar tais ciências.

Caso Wilhelm Schmidt não se dedicasse a um trabalho desse tipo, o reconhecimento da base não-científica da teoria de Tylor poderia ter demorado anos!

Talvez uma crítica possa ser feita quanto aos eruditos liberais que, inicialmente se opuseram ou ignoraram as objeções de Andrew Lang a Tylor; eles aceitaram com grande rapidez a teoria deste, não só por sua elegância, mas também por adequar-se às suas pressuposições sobre a evolução e a suposta supremacia do homem europeu. A evidência oposta de Lang e Schmidt foi recebida com extrema relutância, em vista da evidência *deles* não confirmar tais conjeturas. Se a reação geral a Lang e Schmidt fosse tão estimulante quanto a anterior, conferida a Tylor, é possível (simplesmente possível) que as discussões resultantes tivessem chegado aos ouvidos de Lenine antes que ele começasse a descer a Cortina de Ferro sobre a Rússia, depois da Revolução Comunista de 1917 (que foi também coincidentemente, o ano da morte de Tylor).

No caso de Lenine, caso possamos favorecê-lo com a dúvida, pelo menos ele poderia ter pensado duas vezes sobre a idéia de apoiar tão grande parte das esperanças comunistas sobre a teoria de Tylor. Assim, a posição comunista anti-religiosa poderia ter sido menos rígida.

Esperamos que esta recapitulação do assunto capacite os

cristãos a se tornarem melhor informados e também mais capazes de reagir às forças opostas ao evangelho que atuam hoje no mundo. Ela pode igualmente encorajar muitíssimo os cristãos, que vivem sob a opressão comunista, se ficarem sabendo que até mesmo a ciência rejeitou oficialmente a base usada pelo comunismo para desacreditar a fé religiosa.

Notas

1. Wilhelm Schmidt, *Origin and Growth of Religion*, ed. em inglês (Nova Iorque: Dial Press, 1931), p. 74.

2. *Ibid.*, p. 77.

3. *Ibid.*, p. 78.

4. *Ibid.*

5. *Ibid.*, pp.170-171.

6. E. De Pressense, *A Study of Origins* (Londres: Hodder and Stoughton, 1887), pp. v-vi

7. *Ibid.*, pp. vi-viii.

8. *Ibid.*, p.viii.

9. Schmidt, *Origin and Growth*, pp. 172-174.

10. *Ibid.*, pp. 167-168.

11. *Ibid.*, p. 174.

12. *Ibid.*, p. 175.

13. *Ibid.*, pp. 87-88.

14. *Ibid.*, p. 88.

15. *Ibid.*, p. 183.

16. *Ibid.*, p. 70

17. *Enciclopédia Britânica*, sob "Boas".

18. Veja Hank Paulson e Don Richardson, *Beyond the Wall* (Ventura, CA: Regal Books, 1982).

19. *The Collected Works of Lenin*, trad. alemã de H. Paulson, vol. 12, p. 245.

PARTE II

O EVANGELHO PREPARADO PARA O MUNDO

– O Fator Abraão –

5

A CONEXÃO DE QUATRO MIL ANOS

O Dr. Ralph Winter, diretor do *United States Center for World Mission* (Centro Norte-americano para Missões Mundiais), em Pasadena, estado da Califórnia, nos E.U.A., algumas vezes gosta de surpreender seus ouvintes, ao dizer coisas que absolutamente não podem ser reais – mas são! Por exemplo: "A maioria dos cristãos pensa", o Dr. Winter exclamou certa vez, "que a Bíblia realmente não dá ênfase às missões. Ele as consideram como uma espécie de idéia de última hora que Cristo teve, já no final de seu ministério – como se estalasse os dedos no último minuto antes de sua ascensão ao céu e dissesse: 'Bem, rapazes, só mais uma coisa...'

E então, um balde de água fria. Ele os surpreendeu com este mandamento sem precedentes, praticamente imprevisto, de levar o evangelho ao mundo inteiro.

"Mas, de fato", prosseguiu o Dr. Winter, "a Bíblia realmente *começa* com *missões*, mantém *missões* como seu tema central de ponta a ponta, e depois chega ao seu clímax, no Apocalipse, com explosões espontâneas de alegria porque o mandato missionário foi cumprido!"

O Dr. Winter fez uma pausa para arrumar suas notas, enquanto na audiência à sua frente as fisionomias espelhavam um enorme ponto de interrogação. Alguém levantou a mão e fez a pergunta que estava em todas as mentes: "Dr. Winter, a Bíblia começa declarando que Deus criou os céus e a terra. Como o senhor vê missões nisso?"

Era justamente a oportunidade que o professor esperava!

"O principal tema da Bíblia", respondeu ele, "é a benção de Deus sobre todos os povos da terra, abençoando em primeiro lugar Abraão. E onde Deus promete abençoar todos os povos da terra através de Abraão?"

"Em Gênesis, capítulo 12", alguém respondeu.

"Gênesis, capítulo 12, é então o verdadeiro começo da Bíblia", concluiu o Dr. Winter. "Tudo o que vem antes de Gênesis 12 é a introdução. Claro que essa parte também é naturalmente inspirada!

Mas mesmo assim trata-se de introdução. O tema principal não se inicia até Gênesis 12. Vamos examiná-lo.

Curiosamente, folheei o livro de Gênesis até o capítulo 12 e li os três primeiros versículos. Já os lera muitas vezes antes, mas compreendia agora que subestimara o seu significado. Esses três versículos contêm a articulação inicial de Javé com relação a algo que judeus e cristãos chamam de *aliança abrâmica*. Os autores de outras partes da Bíblia dão por vezes o nome de "promessas" a essa aliança, porque várias delas estão incluídas na mesma. Outros a chamam, às vezes, "a promessa" (no singular), em vista das várias promessas contidas na aliança constituirem, em conjunto, *um* propósito coerente de Deus.

Descobri que as diversas promessas inclusas na aliança podem ser classificadas sob dois títulos principais. Eu os chamo de *linha de cima* e *linha de baixo*. Vejamos, em primeiro lugar, a linha de cima: "De ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma benção: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra".

Os estudiosos membros da Alta Crítica sugeriram falsamente que a aliança abrâmica não passava de outro exemplo de um insignificante deus tribal satisfazendo o egoísmo de um pequeno grupo exclusivo de seguidores com promessas de bençãos especiais. Eles ficam tão acima do texto em seu orgulho intelectual que não conseguem ver o que ele realmente está dizendo. Note que justamente em meio a esta variedade de promessas sobre o enriquecimento político, pessoal e social de Abraão, ocorre uma frase qualificativa: "Sê tu uma benção".

Essa frase é um prenúncio da *linha de baixo:* "...EM TI SERÃO BENDITAS TODAS AS FAMÍLIAS DA TERRA".

Estas palavras fazem calar os leitores atentos. Sentimos imediatamente que o Deus que fala tais coisas não é um deus tribal mesquinho, mas um Deus cujos planos são benignos e universais, e abrangem todas as eras e culturas. Se Ele castiga os inimigos de Abraão, não faz isso apenas para protegê-lo, mas a fim de impedir que eles extingam uma chama acesa com o objetivo de aquecer o mundo inteiro!

A aliança abrâmica não marcou a primeira vez que Deus revelou-se aos homens. Adão, Caim, Abel, Sete, Enoque, Noé, Jó e, sem dúvida, muitos outros até chegar ao contemporâneo de Abraão, Melquisedeque, haviam recebido uma comunicação divina direta. Deus chegou a revelar-se através de um sonho a Abimeleque, um rei filisteu (veja Gn. 20:6). Todas essas revelações anteriores concentram-

se ao redor de: (1) o fato da existência de Deus; (2) a criação; (3) a rebelião e queda do homem; (4) a necessidade de um sacrifício para aplacar a Deus e as tentativas engenhosas dos demônios para fazer com que os homens sacrificassem a eles; (5) o grande Dilúvio; (6) a aparição repentina de muitas línguas e a conseqüente dispersão da humanidade em muitos povos; e finalmente (7) o reconhecimento da necessidade humana de novas revelações que reconduzam o homem a uma comunhão abençoada com Deus.

Esses sete fatos principais, conhecidos antes da época de Abraão, continuam inclusos – numa ordem decrescente de ocorrência estatística – entre os componentes essenciais das religiões populares no mundo inteiro. O grau em que qualquer religião popular manteve a sua ligação com a verdade pode ser medido pelo número desses sete componentes que ela ainda retém, e a clareza dos mesmos. Nesta base, a religião popular dos karen, descoberta por Boardman, Wade, Mason e outros na Birmânia, era talvez a "mais pura" encontrada na terra nos tempos modernos.

Esses elementos sobreviventes encontrados em todo o mundo abrangem o que é, algumas vezes, chamado de *revelação geral*. Uma vez que Melquisedeque foi o principal representante desse tipo de revelação nos dias de Abraão, identifiquei-a como "O Fator Melquisedeque" na história.

A aliança abrâmica, porém, levanta-se como uma ilha em meio ao mar da revelação geral. Essa ilha é chamada de *revelação especial:* o "Fator Abraão" na história. Já aprendemos alguma coisa sobre o fator Melquisedeque nos capítulos anteriores. Vamos estudar agora o fator Abraão.

Como o fator Abraão da revelação especial diferencia-se da revelação geral anterior? Primeiro, a revelação especial está sempre associada a um registro canônico inspirado. Moisés aparentemente colecionou registros anteriores a fim de escrever Gênesis – o início desse cânon. A seguir, ele acrescentou Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Se não fosse a ênfase singular da revelação especial sobre a preservação de um regime escrito, a humanidade ficaria sem qualquer documento oficial da fonte que permitiu à revelação geral difundir-se mais tarde por toda a terra.

O escritor da Epístola aos Hebreus, no Novo Testamento, chama atenção específica para o fato de a revelação geral, nos dias de Melquisedeque, já estar separada da especial, não havendo entre ambas qualquer ligação histórica. Ele salienta o fato incomum de Moisés, embora registrando cuidadosamente a linhagem de cada pessoa importante na era patriarcal, não incluir o nome dos pais de Melquisedeque, nem o contexto histórico de seu nascimento, nem

sua idade ao morrer (veja Hb 7.3). Ele não diz: "Melquisedeque, filho de..."; enfatizando também que o sacerdócio de Melquisedeque – de modo contrário ao sacerdócio levítico posterior, que veio através de Abraão – não se baseava no fato de o indivíduo pertencer à linhagem sacerdotal por descendência física. O sacerdote da linhagem de Melquisedeque estava "sempre presente", por assim dizer. Você jamais poderia prever onde iria encontrar (ou não encontrar) um deles!

Esta sempre foi uma característica da revelação geral – *sua permanência!* O escritor da Epístola aos Hebreus enfatiza igualmente que o Messias, que veio viver entre os homens em cumprimento de toda realidade espiritual, representada simbolicamente pelo sistema sacerdotal levítico, ao mesmo tempo também era "sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 110.4; veja também Hb 5.4-10; 6.20; 7.15-22). Em outras palavras, Cristo é Senhor *tanto* da revelação geral *como* da especial.

A unidade da revelação geral e especial em Cristo é indicada também pelo apóstolo João, que escreveu: "A verdadeira luz [Cristo] que dá luz a *todo* homem [através da revelação geral]" estava vindo ao mundo (i.e, para brilhar sobre os homens de um modo novo e *especial,* João também declara: "A luz resplandece nas trevas [o fator Sodoma], e as trevas não prevaleceram contra ela" (Jo 1.5, interpretação alternativa; veja nota de rodapé na NIV).

Os cientistas descobriram recentemente que até mesmo a luz física ocorre em duas formas – *ambiente* e *coerente.* A luz ambiente, como a luz do dia, a luz elétrica, a luz do fogo, etc., ocorre naturalmente sempre que prevalecem certos fatores. A luz coerente, porém, ocorre apenas num laser e, portanto, requer preparo e desígnio especiais e deliberados. Na luz ambiente, os fótons individuais dispersam-se indiscriminadamente, como transeuntes passeando num parque. Na luz coerente, os fótons individuais organizam-se num raio "sólido", como se os "transeuntes" repentinamente se organizassem e marchassem em fila pelo parque, como um exército! A luz coerente pode realizar prodígios, muito além do alcance da luz ambiente. Ela tem condições, por exemplo, de corroer metais e até mesmo extrair cataratas dos olhos dos cegos!

Então, a revelação geral poderia ser talvez chamada de revelação *ambiente* e a revelação especial, neste paralelismo, tornar-se-ia a revelação *coerente,* pois ela é sistematizada no sentido de produzir, não apenas iluminação, mas "benção"!

Ao traçar a emergência da revelação especial através da aliança abrâmica, a "benção" prometida vem a ser a redenção mediante o Messias. E o alvo dessa benção é "todas as famílias da terra". Não

cada pessoa na terra – de outro modo a aliança abrâmica serviria de base para uma doutrina de salvação universal!

A frase "todas as famílias" constitui um reconhecimento divino das distinções étnicas em nossa raça. O mesmo Deus que provocou a proliferação das culturas humanas pela sua intervenção soberana em Babel, agora dirige sua bênção especial através de Abraão a todas as "famílias" assim formadas. De fato, Moisés menciona 36 povos pagãos pelo nome, durante sua descrição dos tratos de Javé com Abraão.

Além disso, Deus está tão decidido a cumprir sua promessa de abençoar Abraão e fazer dele uma bênção para todos os povos que chega a *ligar-se por um juramento,* a fim de enfatizar a sua decisão (veja Gn 22.15-18). O juramento abrange a linha de cima e a linha de baixo da aliança (veja especificamente Gn 22.18).

Este juramento – assunto muito sério do ponto de vista dos povos semíticos – estimula de novo um extenso comentário por parte do autor da Epístola aos Hebreus. Ele declara que Deus arriscou desse modo sua reputação infinita obrigando-se ao cumprimento da aliança, a fim de que todos saibam que ela representa *"a imutabilidade do seu propósito"* (Hb 6.17).

Qual é, na verdade, esse propósito? Garantir que as linhas de cima e de baixo da aliança abrâmica se confirmem! Abençoar Abraão e seus descendentes (os quais, como veremos em breve, incluem mais do que apenas os judeus) e depois tornar a descendência de Abraão uma benção para todos os povos.

Vamos fazer agora a pergunta inevitável: As Escrituras, a partir do capítulo 12 de Gênesis, mostram Javé empenhado no cumprimento de suas promessas juramentadas a Abraão – incluindo a linha de baixo? Ou elas indicam que Javé, depois de ter-se ligado por esse juramento solene, parece que se desviou do curso, passando a buscar outros alvos? Em primeiro lugar – você já notou como grande parte do Antigo Testamento é dedicado a narrativas de vários filhos e filhas de Abraão que foram uma benção para os povos não-judeus?

Se não chegou a notar este significado especial de suas histórias favoritas no Antigo Testamento, quero incluir como exemplo as seguintes informações:

1. O próprio Abraão deu testemunho aos *cananeus, filisteus, heteus* e apesar de negativamente, aos *egípcios.*

2. José foi um filho de Abraão que compensou a falta de um testemunho claro por parte de seu ancestral à *nação egípcia!* José abençoou os egípcios de maneira verdadeiramente admirável.

3. Os espias que entraram em Jericó antes da sua destruição, tornaram-se uma benção para Raabe, uma prostituta *cananéia* e sua

família.

4. Noemi, filha de Abraão, foi uma bênção para duas mulheres moabitas, Rute e Orfa.

5. Moisés tornou-se uma bênção para Jetro, seu sogro *midianita* (Ex 18.1-12).

6. O rei Davi fez com que até mesmo os seus inimigos, os *filisteus*, reconhecessem a grandeza de Deus.

7. O profeta Elias foi uma bênção para a viúva de Sarepta, em Sidom (Lc 4.26).

8. O profeta Eliseu, também foi uma bênção para Naamã, um *sírio* (veja Lc 4.27).

9. Jonas, embora com relutância, tornou-se uma bênção para a população gentia de *Nínive*.

10. O rei Salomão foi uma bênção para a "Rainha do Sul", procedente de *Sabá* (Lc 11.31).

11. Daniel e seus três companheiros, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, foram uma bênção para os *babilônios*.

12. Ester e seu tio Mordecai foram um bênção para todo o *império persa* (veja Et 8.17).

13. Ezequiel, Jeremias, Esdras, Neemias e outros profetas levaram a Palavra do Senhor a várias nações *gentias*.

Fica claro que o Espírito Santo empregou um princípio de seleção ao decidir quais narrativas biográficas deviam ou não fazer parte do cânon do Antigo Testamento. Dentre dezenas de milhares de outras narrativas dignas de mérito e que, sem dúvida, poderiam ter sido incluídas, Ele favoreceu *aquelas que ilustram as linhas de cima e de baixo da aliança abrâmica operando na vida dos filhos e filhas de Abraão.*

E não apenas isso, mas existem também mais de 300 passagens *afirmativas* no Velho Testamento que ampliam a promessa divina selada com juramento, no sentido de abençoar todas as nações da terra. (Veja por exemplo o Salmo 67 e Isaías 49.6) Numa próxima seqüência a este livro, faço uma lista de todas as passagens para os leitores que desejarem sentir o pleno impacto deste tema unificador, verdadeira espinha dorsal da Bíblia.

Se passarmos agora para o Novo Testamento, encontraremos Deus ainda apegado ao seu antigo compromisso com as linhas de cima e de baixo, ou se afastando delas?

O apóstolo Paulo não deixa qualquer dúvida de que o Novo Testamento na verdade *é* uma continuação do propósito original de Deus revelado na aliança abrâmica. Por exemplo, cinco vezes num único capítulo de uma epístola - Gálatas - Paulo enfatiza a ligação ininterrupta entre a aliança abrâmica e o evangelho do Novo Testamento:

1. "Ora, tendo a Escritura previsto que Deus justificaria pela fé os gentios, preanunciou o evangelho a Abraão: Em ti serão abençoados todos os povos" (Gl 3.8).

Paulo considerou o evangelho do Novo Testamento como se este já mantivesse uma ligação de 2.000 anos com a aliança abrâmica. Mas, isso não é tudo.

2. "Ele (Cristo) nos resgatou...para que a bênção de Abraão (i.e., a bênção da "linha de cima") chegasse aos gentios (cumprindo a promessa da "linha de baixo"), em Jesus Cristo" (Gl 3.14). Paulo continuou:

3. "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo" (Gl 3.16).

Então, num sentido especial e singular, Jesus Cristo era O DESCENDENTE de Abraão, declara Paulo, de novo identificando Cristo como o descendente de Abraão.

4. Versículo 19: "(A lei) foi adicionada...até que viesse o descendente a quem se fez a promessa".

5. Existe, no entanto, um sentido mais geral em que todos os que se identificam com Jesus Cristo pela fé nele são também o "descendente" de Abraão: "E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão, e herdeiros segundo a promessa" (Gl 3.29).

Os cristãos geralmente têm deixado de apreciar o fato de Paulo e os outros apóstolos considerarem a aliança abrâmica como base de tudo que Cristo veio cumprir. Portanto, essa aliança servia de fundamento para seus próprios ministérios e escritos. Através da aliança abrâmica (especialmente a sua "linha de baixo"), eles viam as suas vidas ajustando-se à perspectiva histórica de Deus, a longo prazo. Fizeram também uso da linha de baixo como o principal meio de explicar aos seus companheiros judeus porque lhes era necessário alcançar os povos gentios!

Note, por exemplo, a clara referência de Pedro à "linha de baixo" em Atos 3.25, feita como resultado do mandamento direto de Cristo aos apóstolos para que fossem "suas testemunhas" de Jerusalém até "aos confins da terra". Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra."

Pedro explicou, a seguir, o propósito da "linha de baixo", afirmando: "Tendo Deus ressuscitado ao seu Servo (i.e., quando Ele chamou Jesus para o seu ministério como Messias, ver At 3.22), enviou-o primeiramente a vós outros para vos abençoar (i.e., para cumprir a linha de cima)" (At 3.26). Pedro simplesmente referiu-se às linhas de cima e de baixo na ordem inversa. As suas palavras, "pri-

meiramente a vós outros para vos abençoar" implicam em que Deus também tinha um segundo propósito imediato de abençoar os gentios segundo a promessa que acabamos de citar.

A percepção de Paulo no sentido de a "linha de baixo" prefigurar a entrada do evangelho do Novo Testamento no mundo gentio, não foi apenas uma intuição casual, pois Paulo a chama de "mistério que me foi dado a conhecer segundo uma revelação" (Ef 3.3). Ele também diz "discernimento...o qual em outras gerações não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito" (Ef 3.4-5).

A seguir ele define essa percepção profunda: "(O mistério é) que os gentios (i.e., "todas as nações" da "linha de baixo" são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da *promessa* (a aliança abrâmica) em Cristo Jesus por meio do evangelho" (Ef 3.6, grifo acrescentado). Paulo diz essencialmente a mesma coisa em Romanos 16.25-26 e em Colossenses 1.25-27. Também, em Romanos 15.8-9 ele escreve: "Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, *para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia*" (grifo acrescentado).

O apóstolo expressa em seguida seu desejo de "manifestar qual seja a (sua) dispensação do mistério, desde os séculos oculto em Deus" (Ef 3.9). Este mistério – e a dispensação feita por Paulo do mesmo – está de acordo com "o eterno propósito que (Deus) estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor" (Ef 3.11; veja também Rm 15; 16.25-26).

As palavras de Paulo fazem-nos lembrar da declaração na Epístola aos Hebreus, referente à "natureza imutável do seu propósito", como indicado pelo juramento feito por Deus quanto à aliança abrâmica.

Por que, então, dezenas de milhares de professores e comentaristas bíblicos, em toda a cristandade, deixaram de refletir a centralidade da aliança abrâmica com suas linhas de cima e de baixo, ao ensinarem e fazerem palestras? Os seguidores de Cristo em todo o mundo, através dos séculos, poderiam ter tido cem vezes mais vigor missionário se professores de seminários, pastores e professores da escola dominical tivessem compreendido e comunicado este tema central como a Bíblia o faz.

A aliança abrâmica, em todas as múltiplas manifestações das linhas de cima e de baixo, é a espinha dorsal da Bíblia – a viga-mestra da revelação especial! O ensino que não reconhece isso irá, inevitavelmente, sofrer por falta de firmeza. Faltar-lhe-á, literalmente, a coluna vertebral! Isso fará com que os cristãos se sintam menos mo-

tivados a transmitir as bênçãos recebidas, não apenas a seu próprio povo, mas para *todas* as nações da terra.

É difícil esperar que a igreja manifeste um zelo paulino por todos os povos ainda não-abençoados, se nós mesmos fracassarmos em infundir na igreja as perspectivas históricas que incentivaram o próprio Paulo a esse elevado nível de zelo. Para usar um exemplo correspondente, os físicos que trabalham com as propriedades da energia física nos contam que nenhuma partícula atômica pode ser acelerada até alcançar altas taxas de energia a não ser que: (1) seja uma partícula carregada desde o início; (2) seja envolvida por um campo magnético poderoso; e (3) essa partícula seja movida pelo campo magnético ao longo de um túnel muito comprido, o "acelerador".

Por analogia, primeiro precisamos nos tornar "partículas carregadas" mediante nossa conversão individual a Jesus Cristo. A seguir, é necessário que sejamos envolvidos por um campo magnético circunjacente – o poder do Espírito Santo permeando o Corpo de Cristo. Depois, esse campo magnético deve nos mover ao longo de um túnel bem comprido – o propósito de 4.000 anos de Deus na história – o qual é definido por uma única coisa – a aliança abrâmica. Porém, a importância dessa aliança jamais pode ser enfatizada em excesso. Sentir-se ligado a esse objetivo de 4.000 anos de Deus é tornar-se um indivíduo profundamente "carregado". Não se pode imaginar um estímulo mais forte do que esse, no sentido de motivá-lo a buscar o cumprimento do plano de Deus para o mundo.

Sugerir que Deus não está mais interessado em cumprir suas duas antigas promessas a Abraão seria supor também que a mente divina mudou – Ele de alguma forma esqueceu que estava ligado por juramento, obrigado a cumprir essas duas promessas anteriormente feitas.

Lembre-se da resposta da Epístola aos Hebreus: "É impossível que Deus minta" (ou esqueça 6.18).

É isto então que quero dizer com a "conexão de 4.000 anos". Ver-se como um instrumento no propósito de 4.000 anos de Deus, a fim de conceder bênçãos a todos os povos, é livrar-se imediatamente de todos os sentimentos de insignificância, indecisão e falta de objetivo. Essa imensa perspectiva histórica, mediante o campo magnético espiritual nela infundido, começa na mesma hora a acelerar-nos em direção ao maior destino que qualquer ser finito pode desejar.

Certifique-se primeiro de que você é uma partícula carregada – um crente sincero em Jesus Cristo. Caso contrário, o campo magnético e o acelerador não terão qualquer efeito sobre você. Eles sim-

plesmente o deixarão onde está.

Milhões de cristãos ouviram milhares de pregadores transmitirem inúmeros sermões baseados nos cânticos sublimes do Apocalipse, os quais foram cantados por entes celestiais, a fim de celebrar a grande reunião dos remidos no céu. Você encontrará isso registrado no livro do Apocalipse de João, o último livro da Bíblia. Mas bem poucos desses pregadores ou de seus ouvintes parecem ter compreendido o que João queria realmente nos dizer ao citar , por exemplo, os 24 anciãos entoando um desses cânticos: "Digno és (O Cordeiro de Deus)...porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de *toda tribo, língua, povo e nação,* e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra" (Ap 5.9-10, grifo acrescentado).

O que João estava realmente nos comunicando quando descreveu sua visão esplendorosa de "grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro" (Ap 7.9)?

Do mesmo modo, quando um anjo lhe disse: "É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis" (Ap 10.11), qual o significado que você percebe?

O que vem à sua mente quando, em Apocalipse 11.9, ele declara que "muitos dentre os povos, as tribos, as línguas e as nações" irão contemplar o milagre das duas testemunhas? E quando afirma que a besta (o anticristo) recebeu autoridade temporária para exercer domínio sobre cada tribo, povo, língua e nação (veja Ap 13.7)?

O que se destaca em sua descrição de outro anjo que proclama o "evangelho eterno...a cada nação, e tribo, e língua e povo" (Ap 14.6)?

Certamente, João não está descrevendo apenas a consumação da história, mas o cumprimento final do *propósito específico de Deus na história,* ou seja, abençoar todos os povos da terra através do Descendente de Abraão – Jesus Cristo! João poderia ter descrito com a mesma facilidade as cenas mencionadas mediante um único substantivo grego para designar a *humanidade.* Em vez disso, ele explora todo o vocabulário da língua grega, reunindo todos os substantivos disponíveis, a fim de indicar os tipos de subdivisões étnicas da humanidade que foram os alvos originais da "bênção" abrâmica, ordenados por Deus.

Em outras palavras, João está nos dizendo, mediante tais profecias, que Deus irá manter seu antigo propósito até o fim – quando ficará livre da obrigação que impôs sobre si mesmo com aquele juramento feito no passado. Pois essa é a "imutabilidade do seu propósito"!

Vejamos agora uma pergunta muito discutível. Os apóstolos revelam pleno conhecimento da centralidade da aliança abrâmica em seus escritos – mas, e Jesus Cristo? Os quatro evangelhos revelam que Ele expressou ter notado que a aliança era básica para o seu ministério? E se depois de tudo o que eu disse sobre o assunto, descobrirmos que o próprio Senhor estava completamente alheio à idéia de qualquer obrigação relativa à "linha de baixo", não manifestando portanto uma perspectiva de "todos os povos", o objetivo principal deste livro estará arruinado.

6

UM MESSIAS PARA TODOS OS POVOS

"Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se" (Jo 8.56).

Cada vez que leio essa sentença, quase posso ouvir o riso patriarcal de Abraão ecoando através dos séculos! Mas quem a proferiu? De quem era o "dia" que encheu o pai Abraão de esperança?

O orador foi Jesus de Nazaré, um descendente de Abraão nascido 1.900 anos depois dele. Os judeus incrédulos, surpresos com tal alegação, objetaram: "Ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão?" (v.57).

A sua segunda resposta, mais ousada ainda, deixou-os completamente atônitos: "Em verdade...antes que Abraão existisse, eu sou!" (v.58).

Eu sou era um outro nome judeu para Deus!

Os judeus, atordoados, pegaram em pedras para atirar nele, mas Jesus se ocultou (veja v.59). Alguns meses mais tarde, esse mesmo Jesus, "carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico, onde o crucificaram" (Jo 19.17-18).

Onde ficava o Gólgota – o Calvário? Um pouco adiante dos muros de Jerusalém e cerca de 1.600m do alto do Monte Moriá. Séculos antes, o rei Salomão fizera construir o primeiro templo judeu sobre o Monte Moriá, provavelmente para celebrar o ponto exato onde Abraão colocou Isaque sobre a lenha do sacrifício (veja Gn 22.1-19). Foi ali que Javé fez o juramento de cumprir ambas as linhas da aliança abrâmica.

Note, porém, que o registro de Gênesis não diz que Abraão ofereceu Isaque no Monte Moriá, mas sim na "terra de Moriá". Se Abraão tivesse ido até o cume do Moriá (mais marcante naqueles dias do que agora), seria mais fácil descrever o local desse modo. Espigões ou saliências abaixo do pico principal não poderiam ser descritos com tanta facilidade. Mas se o evento ocorresse a uma distância bem maior do que 1.600 metros do Monte Moriá, com certeza seria associado com outros morros próximos, alguns dos quais mais altos do que ele.

É possível, portanto, que o Gólgota fosse o lugar exato da provação de Isaque. Na realidade, se Javé quisesse que a agonia de Jesus se realizasse justamente nesse lugar, tornar-se-ia essencial não deixar aos historiadores judeus um registro definido de sua localização; de outra forma, santuários comemorativos seriam, sem dúvida, levantados ali, impossibilitando o uso do local pelos soldados romanos para crucificarem Jesus.

Em qualquer caso, um descendente de Abraão chamado Jesus – embora inocente de qualquer crime, foi morto enquanto se achava preso a um pedaço de madeira que Ele mesmo levou até ao local da execução. Isaque, também sem ter cometido qualquer ato criminoso de que pudesse ser acusado, levou lenha para o lugar de sua morte; sendo depois colocado sobre ela. Só a intervenção direta de Deus poupou sua vida. O local, em ambos os casos, foi aproximada ou exatamente o mesmo.

Muitos outros paralelos entre Isaque e Jesus poderiam ser citados; o mais importante, porém, é este: a vida inteira de Jesus, sua morte e ressurreição estavam intimamente ligadas à promessa secular de Javé no sentido de repartir as "bênçãos de Abraão" entre todos os povos da terra.

Como se enfatizando este aspecto, Mateus, um cronista da vida de Jesus, começa seu relato apresentando a genealogia do Senhor através de 42 gerações sucessivas até chegar ao próprio Abraão! No entanto, a linhagem natural (carnal) de Jesus, servia apenas de base. Milhões de judeus através da história poderiam traçar seus ancestrais até Abraão. A mãe de Jesus, Maria, declarou em seu conhecido cântico de louvor, que Deus, mediante a vinda de Jesus, estava dando vida a apenas outro descendente carnal de Abraão. Esse advento era um sinal de que Javé, nas palavras de Maria, "amparou a Israel, seu servo, a fim de lembrar-se da sua misericórdia, a favor de Abraão e de sua descendência, para sempre, como prometera aos nossos pais" (Lc 1.54-55).

Zacarias, tio de Jesus, também mencionou a vinda do sobrinho como uma prova de que o Senhor se lembrara da "sua santa aliança e do juramento que fez ao nosso pai Abraão". Zacarias aumentou ainda mais a expectativa quando comparou a vinda de Jesus ao "sol nascente das alturas, para alumiar *os que jazem nas trevas e na sombra da morte"* (Lc 1.72-73,78-79, grifo acrescentado).

As referências a pessoas "que jazem nas trevas" e "na sombra da morte" eram geralmente compreendidas pelos judeus como designando os gentios (Mt 4.15-16). Estamos nos aproximando da "linha de baixo" da promessa abrâmica! Finalmente...

O idoso Simeão, um judeu devoto que encontrou José, Maria e o

menino Jesus no templo de Jerusalém, verbalizou eloqüentemente e para sempre esse propósito mais amplo da vinda do Messias, declarando diante de Deus: "Porque os meus olhos já viram a tua salvação, *a qual preparaste diante de todos os povos; luz para revelação aos gentios,* e para glória do teu povo de Israel" (Lc 2.30-32, grifo acrescentado).

João Batista, precursor de Jesus, também citava constantemente Isaías 40.3-5 como justificativa para o seu ministério de preparar o "caminho do Senhor", endireitando as suas veredas. Com que propósito? "... e toda carne verá a salvação de Deus" (Lc 3.4,6; grifo acrescentado).

A sugestão implícita nas palavras de João feriu alguns judeus, pois, eles, o povo escolhido de Deus, eram culpados de tornar seus caminhos "tortuosos", impedindo assim que o resto do mundo visse "a salvação de Deus", como exigido pela promessa divina a Abraão.

Aparentemente alguns judeus ficaram bastante ressentidos, sugerindo não ser adequado fazer tais acusações contra "filhos de Abraão". Mas a resposta de João, por se utilizarem do nome de Abraão como desculpa para a sua indolência, foi rápida e severa. "Não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada ao fogo" (Lc 3.8-9).

Com essas palavras João Batista prefigurou a novidade que Javé iria introduzir através de Jesus – a produção de um novo tipo de geração abrâmica, a partir de simples "pedras" do mundo gentio. Os que fossem assim chamados transformar-se-iam em "pedras vivas" no templo espiritual de Deus. Desta vez o método divino de seleção não seria apenas o da descendência física, mas o de arrependimento e fé providencialmente produzidos.

Uma "luz para revelação aos gentios!" Um "sol" que se levantaria sobre "os que jazem nas trevas e na sombra da morte!" Um mensageiro da "salvação, a qual preparaste diante de todos os povos!" Todos os indícios eram indiscutíveis: Jesus não estava destinado a ser apenas um homem para todas as épocas como o Messias judeu, mas também para todos os povos – a Luz até mesmo do mundo gentio!

Era mui adequado, portanto, que Jesus, o Messias judeu, tivesse algum sangue gentio.

Além da mãe de Jesus, Maria, só quatro mulheres são mencionadas nas genealogias de Mateus 1 e Lucas 3, onde predominam os homens. As quatro mulheres são mulheres gentias que pertencem à

linhagem messiânica. Tamar, mulher de Judá, era de uma família de Canaã (veja Gn 38). Raabe, a prostituta de Jericó que escondeu os espias judeus pouco antes da famosa queda dessa cidade antiga, foi casada com um hebreu chamado Salmom e participa com ele da genealogia de Jesus Cristo (veja Mt 1.5). Do mesmo modo, Rute, procedente de uma região gentia desprezada, a terra de Moabe, casou-se com Boaz, filho de Salmom e Raabe, deu à luz um filho chamado Obede e tornou-se também assim "mãe" de Jesus (v.5). Finalmente, Bate-Seba, com quem Davi se casou, é considerada como tendo nascido entre o povo heteu (2 Sm 11.3).

Quão adequado é o uso que Deus fez do decreto de um imperador gentio, César Augusto, para garantir o nascimento de Jesus em Belém, a cidade de Davi, cumprindo uma profecia do Antigo Testamento feita pelo profeta Miquéias (veja Mq 5.2). Igualmente apropriada é a presença de magos eruditos, aparentemente não-judeus, do Oriente Médio, entre os primeiros a celebrarem o nascimento de Jesus (veja Mt 2.1). Também é adequado o fato de Jesus ter encontrado proteção contra a ira de Herodes, um impiedoso rei judeu, no Egito, terra de gentios (veja Mt 2.14).

Em último lugar, quão apropriado foi o fato de que Jesus iniciou seu ministério público num setor da Galiléia que fazia divisa ao norte com o reino gentio da Síria e a leste com a Decápolis, também gentia! A Galiléia, era vizinha da mal afamada terra de Samaria, e sua população mista! A Galiléia não podia ser realmente considerada como uma região nobre! Jesus, porém, honrou esse povo com os seus primeiros sermões públicos!

Mateus, um dos discípulos de Jesus, registrou este fato como um cumprimento do comentário do profeta Isaías sobre a "Galiléia dos gentios": "O povo que andava em trevas, viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte resplandeceu-lhes a luz" (Mt 4.15-16; veja também Is 9.1-2).

"E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam", comenta Mateus (4.25). "E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes...E ele os curou" (v. 24).

A sorte fora lançada! Apesar das pressões e críticas (inclusive por parte de alguns de seus discípulos), Jesus manteria seu ministério de acordo com a característica estabelecida desde o início. Um homem para todos os povos; seus olhos, ouvidos, mãos e coração estariam sempre prontos a atender tanto os gentios e samaritanos como os judeus, seus conterrâneos. E Ele esperava que os seus discípulos aprendessem através do exemplo que lhes dava!

Milhões de cristãos naturalmente sabem que Jesus, no final de

seu ministério, ordenou a seus discípulos: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações" (Mt 28.19). Nós honramos respeitosamente este mandamento final e incrível dado por Ele com um título augusto – a Grande Comissão. Todavia, milhares de nós, bem no fundo do coração acreditam, se nossas obras forem um termômetro exato de nossa fé (e as Escrituras dizem que são), que Jesus realmente pronunciou essa terrível ordem sem advertir amplamente os discípulos.

Quando os quatro evangelhos são lidos rapidamente, a Grande Comissão parece de fato como uma espécie de pensamento tardio anexado ao final dos principais ensinamentos de Jesus. Como indicado pelo Dr. Winter, é quase como se nosso Senhor, depois de ter divulgado tudo que falava mais de perto ao seu coração, estalasse os dedos e dissesse: "Ah! Por falar nisso, meus amigos, há mais uma coisa. Quero que vocês proclamem esta mensagem a cada pessoa no mundo, sem considerar sua linguagem e cultura. Isto, naturalmente, caso vocês tenham tempo e disposição para tanto".

Jesus deu a Grande Comissão aos discípulos inesperadamente? Será que atirou a mesma sobre eles no último momento, sem aviso prévio, e depois subiu aos céus antes que tivessem oportunidade de conversar sobre a possibilidade de colocarem-na em prática? Ele não demonstrou quais os meios para cumpri-la?

Quantas vezes os cristãos lêem os quatro evangelhos sem perceber a abundante evidência fornecida por Deus para uma conclusão justamente oposta! Considere, por exemplo, como Jesus se utilizou compassivamente dos seguintes encontros com gentios e samaritanos, a fim de ajudar seus discípulos a pensarem em termos transculturais.

Certa ocasião (Mt 8.5-13), um centurião romano, um gentio, aproximou-se de Jesus com um pedido a favor de seu servo paralítico. Os judeus, nesse caso, insistiram com Jesus para atendê-lo: "Este homem merece ser atendido, porque gosta de nosso povo e construiu nossa sinagoga", explicaram eles.

De fato, os muros e as colunas de uma sinagoga construída provavelmente por esse mesmo centurião ainda estão de pé dois mil anos mais tarde, junto à costa norte do Mar da Galiléia! Mas note a insinuação do raciocínio dos judeus. Eles estavam dizendo com efeito que se o centurião não os tivesse ajudado, Jesus também não deveria auxiliá-lo ou a seu servo paralítico! Como eram facciosos! Não é de admirar que Jesus suspirasse ocasionalmente, dizendo: "Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?" (Mt 17.17)

Jesus respondeu ao centurião: "Eu irei curá-lo". Nesse mo-

mento o centurião disse algo inesperado: "Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens...Ouvindo isto, admirou-se Jesus", escreve Mateus. O que era tão impressionante assim? Simplesmente isto – a experiência militar do centurião ensinou-lhe algo sobre a autoridade. Assim como a água sempre corre morro abaixo, a autoridade também desce conforme a hierarquia (uma cadeia de comando). Quem se submete à autoridade de um nível mais alto em um esquadrão militar, exerce também autoridade sobre os escalões inferiores. O centurião notou que Jesus andava em perfeita submissão a Deus; portanto, ele devia ter perfeita autoridade sobre tudo que estava abaixo dele no maior esquadrão de todos – o cosmos! Por conseguinte, Jesus deveria possuir capacidade infalível para ordenar aos nervos e músculos do corpo do rapaz doente que voltassem ao normal!

"Em verdade vos afirmo", exclamou Jesus, "que nem mesmo em Israel achei fé como esta"! Da mesma forma que em muitos outros discursos, ele aproveitou a ocasião para ensinar aos discípulos que os gentios têm um potencial tão grande para a fé quanto os judeus! E são igualmente objetos válidos para a graça de Deus!

Decidido a tirar o máximo proveito da questão, Jesus continuou dizendo: "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente (Lucas, um escritor gentio, acrescenta em seu registro paralelo: 'do Norte e do Sul'), e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8.7-12; Lc 7.9; 13.28-29).

O que você acha que Abraão, Isaque e Jacó irão celebrar com esse exército de convivas *gentios?* O cumprimento da promessa da "linha de baixo" de Javé no sentido de abençoar todos os povos, naturalmente!

Os indícios da Grande Comissão que se seguiria, dificilmente poderiam ser mais claros! Espere, ainda há muito mais!

Tempos depois, uma mulher cananéia da região de Tiro e Sidom, pediu ajuda a Jesus a favor de sua filha possessa de demônios. Jesus a princípio aparentou indiferença. Os discípulos, sem dúvida alegres por ver seu Messias rejeitar uma gentia inoportuna, concordaram imediatamente com o que julgavam ser seus verdadeiros sentimentos. "Despede-a", insistiram eles, "pois vem clamando atrás de nós"(veja Mt 15.21-28).

Mal sabiam eles que Jesus queria lhes dar uma lição. "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel", disse Ele à

mulher. Depois de ter manifestado uma insensibilidade aparente em relação a ela, agora Jesus também demonstra uma aparente inconsistência. Ele já havia curado muitos gentios. Com que base rejeitava agora essa súplica? Podemos imaginar os discípulos expressando severa concordância ao movimentarem a cabeça. Eles continuavam sem suspeitar. A mulher cananéia não se deixou convencer e acabou ajoelhada aos pés de Jesus, suplicando: "Senhor, socorre-me!"

"Não é bom tomar o pão dos filhos" – metáfora para as bênçãos divinas sobre os judeus, de conformidade com a "linha de cima". A seguir, ele acrescentou uma sentença esmagadora – "e lançá-lo aos cachorrinhos"! "Cachorros" era um insulto reservado pelos judeus aos gentios, especialmente aqueles que tentavam invadir a privacidade e privilégios religiosos deles. Em outras palavras, Jesus completa agora sua "insensibilidade" e "inconsistência" anteriores com outra coisa ainda pior: "crueldade". Note também que as palavras de Jesus estão em direta contradição com a "linha de baixo" da aliança abrâmica.

Seria realmente o Salvador do mundo falando? Sem dúvida, os discípulos acharam sua referência perfeitamente adequada à ocasião. Mas justamente quando o peito deles estava inflado de orgulho racial, a mulher cananéia deve ter percebido um brilho especial nos olhos de Jesus e compreendeu a verdade!

"Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos" (Mt 15.21-27; veja também Mc 7.26-30).

"Ó mulher, grande é a tua fé!" disse alegremente Jesus. "Faça-se contigo como queres" (o teu pedido será atendido)! Ele não estava sendo caprichoso. Era isso que pretendia fazer o tempo todo. Pouco antes desse acontecimento, Jesus havia ensinado aos discípulos sobre a diferença entre impureza *real* e *figurada.* Através desse fato, Ele gravou a idéia na mente deles.

"E desde aquele momento sua filha ficou sã", registra Mateus (v.28).

Mais tarde, Jesus e seu grupo aproximaram-se de uma certa cidade samaritana e os cidadãos da mesma se recusaram a recebê-lo. Tiago e João, dois dos discípulos de Jesus apelidados "filhos do trovão", por causa de seu gênio violento, ficaram irados. "Senhor", exclamaram indignados (batendo os pés?), "queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir?"

Jesus, porém, voltou-se e repreendeu Tiago e João. Alguns manuscritos antigos acrescentam que Ele disse: "Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las" (Lc 9.51-55, incluindo uma nota).

Com essas palavras, Jesus identificou-se como Salvador dos samaritanos!

Tempos depois, Jesus curou dez leprosos junto à fronteira entre Samaria e a Galiléia. Nove deles apressaram-se a ir embora, alegres com a sua cura. Só o décimo voltou até Jesus, "dando glória a Deus em alta voz". O homem recém-curado "prostrou-se com o rosto em terra aos pés de Jesus, agradecendo-lhe".

Lucas acrescenta, enfaticamente: "E este era samaritano"!

Jesus procurou ter a certeza de que seus discípulos não ignorariam a natureza transcultural da ocasião. Ele perguntou: "Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove? Não houve, porventura, quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?" (veja Lc 17.11-19).

A inclinação de Jesus em usar os não-judeus como exemplos de retidão para os judeus – os quais dentre todos os povos da terra deveriam ser os mais justos – é ainda mais dramaticamente ilustrada em sua história do Bom Samaritano, com a qual respondeu a um intérprete da lei judaica (um perito), cheio de auto-retidão e petulante! A pergunta dele foi: "Quem é o meu próximo?"

"Certo homem descia de Jerusalém para Jericó", começou Jesus, "e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se deixando-o semi-morto. Casualmente descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o passou de largo...Certo samaritano..." (imagine a expressão no rosto do "perito" começando a se tornar amarga) "...certo samaritano", continuou Jesus, "que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhes os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele" (Lc 10.30-34).

Ao contar histórias desse tipo, Jesus dificilmente poderia ser acusado de favorecer seus conterrâneos judeus! De fato, multidões, através dos séculos, consideraram sua recusa constante e absoluta em servir-se de expedientes políticos como uma das evidências mais certas de sua perfeição! Maomé, como veremos num volume posterior, falhou trágica e completamente neste teste.

Eis outra circunstância em que Jesus enfrentou diretamente a onda de preconceito popular em sua época. "E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria", lemos no evangelho de João. "Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar...Estava ali a fonte de Jacó...Assentara-se Jesus junto à fonte...Nisto veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber...Então lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pe

des de beber a mim que sou mulher samaritana?"

A partir desse começo, aparentemente pouco promissor, Jesus prosseguiu, destruindo a resistência da mulher samaritana a tudo quanto era judeu. Ele até chegou a fazer a declaração: "Porque a salvação vem dos judeus", sem rejeição por parte dela! A mulher samaritana acreditou nele. Completamente convicta, ela deixou o seu jarro junto ao poço, foi à cidade, reuniu o povo, e levou-o em massa para conhecer Jesus.

Enquanto isso, os seus discípulos, que tinham ido comprar alimentos em Sicar, ao voltarem ficaram admirados ao ver Jesus conversando com uma mulher, ainda mais por ser ela *samaritana*. Enquanto faziam compras em Sicar, eles tinham tido o cuidado de "manter a devida distância" até dos homens! Pois, como João explica em seu registro, "Os judeus não se dão com os samaritanos".

Eles hesitaram, no entanto, em criticar Jesus. Apenas franziram a testa e disseram: "Mestre, come".

"Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis", respondeu Jesus. Enquanto refletiam sobre o significado dessas palavras, a mulher samaritana voltou acompanhada de vários moradores de Sicar. Talvez fazendo um aceno de cabeça em direção aos samaritanos, Jesus continuou: "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra" (veja Jo 4.4-34).

Qual a vontade e obra de Javé? Cumprir sua promessa a Abraão – incluindo aquela "linha de baixo", a respeito de todos os povos da terra serem abençoados através dos descendentes de Abraão! Ao ver aquela multidão de samaritanos aproximando-se, Ele sabia que a promessa a Abraão estava mais próxima de ser cumprida. Um outro povo iria participar!

Enquanto andavam, balançando como espigas de milho maduras ao vento, os samaritanos fizeram Jesus lembrar-se de um campo de cereais. "Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa" (v.35). Samaritanos? Trigo para a ceifa de Deus? Mas, que trigo! *Mato,* talvez, mas não trigo! Porém, aos olhos de Jesus, o Messias de todos os povos, os samaritanos podiam ser trigo!

Certo dia, Jesus proclamou, como se provocando, que três cidades gentias – Tiro, Sidom e até a mal afamada Sodoma – no dia do juízo iriam ter um destino melhor que três cidades judias, Corazim, Betsaida e Cafarnaum! Por que? Porque as cidades gentias mencionadas, se tivessem testemunhado os milagres dele na Galiléia, teriam "há muito se arrependido, assentadas em pano de saco e cinza" (Lc 10.13).

Ele também advertiu os judeus daquela época, dizendo que os

habitantes de Nínive "se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão!" Em que base? "Porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas."

Na mesma linha de pensamento, Jesus anunciou a seus contemporâneos que a "rainha do Sul" gentia se "levantará no juízo com esta geração, e a condenará"! Em que base? "Porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão" (Mt 12.41-42).

Lucas foi o cronista que registrou como os judeus dos dias de Jesus se ressentiam deste tipo específico de comparação.

O povo de Nazaré, cidade de Jesus, ouvira notícias surpreendentes descrevendo os milagres que Ele operara em outros lugares. Sem dúvida, cada nazareno estava ansioso quando Jesus finalmente voltou a Nazaré pela primeira vez, depois de demonstrar seu talento de operar maravilhas, não suspeitado antes. Se Ele distribuíra tantos milagres a estranhos, imaginem quantas maravilhas poderia conceder aos seus conterrâneos!

O povo dizia que seu poder era tamanho que Ele podia até disperdiçar um pouco dele com os gentios e samaritanos! Mas teria, com certeza, de agir de modo muito especial entre seus conhecidos judeus para compensá-los por isso! Lucas nos conta o ocorrido: "Entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então lhe deram o livro do profeta Isaías e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres".

Podemos imaginar Jesus enfatizando a palavra "pobres" e depois olhando a seu redor para observar os ouvintes, que se consideravam tão merecedores de um privilégio especial. Ele continuou lendo: "Enviou-me para proclamar libertação aos cativos..." Será que pronunciou a palavra "cativos" de maneira a injetar-lhe inesperadamente um significado muito mais profundo do que simples "prisioneiros"? "...e restauração da vista aos *cegos,* para pôr em liberdade os *oprimidos,* e apregoar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.16-19, grifo acrescentado; ver também Is 61.1-2).

Enquanto o peso da profunda declaração de Isaías estava ainda se assentando sobre os nazarenos, Jesus "tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele", acrescenta Lucas, fazendo suspense. "Então passou Jesus a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir" (vv.20-21). Murmúrios de aprovação se levantaram em toda a sinagoga. "Todos lhe davam testemunho", escreveu Lucas, "e se maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios (v.22).

Naturalmente, isso aconteceu porque eles ainda não tinham

compreendido a razão pela qual Ele escolhera aquela passagem especial de Isaías. Isso não importava; eles estavam tão ansiosos para vê-lo operar milagres que não se preocuparam absolutamente em refletir sobre o significado de suas palavras. Elas não passavam de simples prelúdio para os milagres, não é mesmo? Claro! Os milagres seriam o ponto alto do dia.

Disse-lhes Jesus: Sem dúvida citar-me-eis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo; tudo o que ouvimos ter-se dado em Cafarnaum, faze-o também aqui na sua terra...De fato vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra" (vv.23-24).

Esta última sentença, dita provavelmente com um suspiro, não passou de uma transição para o ponto principal de seu texto. Para ilustrar a declaração de Isaías quando prefigurou o Messias ministrando exclusivamente aos pobres, prisioneiros, cegos ou oprimidos, Jesus apoiou-se magistralmente em duas outras narrativas do Antigo Testamento, bem conhecidas. A primeira: "Muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou...reinando grande fome em toda a terra; e a nenhuma delas foi Elias enviado, senão a uma viúva de Sarepta, de *Sidom* (região gentia)" (vv. 25-26, grifo acrescentado).

Se o ar dentro da sinagoga ficou pesado com essa primeira ilustração, ele gelou completamente com a segunda: "Havia também muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, senão Naamã, o *siro*" (v.27).

Houve uma explosão. "Todos na sinagoga, ouvindo estas coisas se encheram de ira", registrou Lucas. "E levantando-se, expulsaram-no da cidade e o levaram até ao cume do monte sobre o qual estava edificada, para de lá o precipitarem abaixo. Jesus, porém, passando por entre eles, retirou-se" (vv. 28-30).

Os judeus mostraram, então, o seu desinteresse pela "linha de baixo" da aliança abrâmica! A simples sugestão que Javé poderia deixar de lado judeus carentes, para cumprir essa cláusula especial relativa aos gentios, era absurda e inaceitável, mesmo se apoiada pelas Escrituras! Como Jesus deve ter-se sentido solitário! Talvez Ele fosse o único em toda a nação judaica que se preocupava com o texto inteiro da antiga aliança de Javé com Abraão! Como deve ter sido também difícil continuar tentando dividir essa visão solitária com pessoas que deveriam interessar-se por ela, mas não o faziam.

Como veremos, até mesmo os seus discípulos levaram décadas para compreender a perspectiva abrangente (todos os povos) de Jesus. Todavia, com quanta paciência Jesus suportou a rejeição aparentemente infindável do seu próprio propósito mais extenso e profundamente compassivo. Ele ainda está a aguardar pacientemente

que cumpramos por completo esse desígnio! Era-lhe necessário continuar trabalhando para esse fim. Tratava-se da sua missão. E ela continua a envolver seu compromisso pessoal de 4.000 anos com Deus e Abraão.

Só Jesus sabia quão ansiosamente povos como os karen, lahu, wa, santal, kachin, mizo, naga, gedeo, inca e milhares de outros se achavam à espera. Ela não iria falhar em relação a eles (nem a nós!), permitindo que essa visão morresse. Mas havia uma razão ainda mais forte que o fez insistir.

Logo após o quase-sacrifício de Isaque, Javé confirmou sua aliança com Abraão, através daquele famoso juramento! Note: "Jurei por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste (Abraão) isso, e não me negaste o teu único filho, que deveras te abençoarei...nela (a tua descendência) serão benditas todas as nações da terra: porquanto obedeceste à minha voz" (Gn 22.15-18).

O escritor da carta aos Hebreus, no Novo Testamento, comenta sobre a passagem de Gênesis acima: "Pois quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo...*Por isso Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento,* para que, mediante duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, forte alento tenhamos nós que já corremos para o refúgio, a fim de lançar mão da esperança proposta; a qual temos por âncora da alma, segura e firme" (Hb 6.13-19).

Não havia possibilidade, portanto, de que o Messias Jesus pudesse ter abandonado o "imperativo de todas as nações"! Deus já arriscara seu nome e caráter sobre o seu cumprimento! Mais ainda, seu nome e caráter continuam empenhados no cumprimento desse imperativo, hoje! Quem não compreender isto, não poderá, de forma alguma, entender o que Deus está fazendo na história.

Não só nas cidadezinhas como Nazaré, mas também na metrópole de Jerusalém, a fidelidade inabalável de Jesus ao "imperativo de todas as nações" o manteve em constante conflito com seus compatriotas judeus. Mateus, Marcos e Lucas registram que Jesus, perto do final do seu ministério, entrou no que era certamente o pátio dos gentios – um dos recintos do famoso templo de Herodes em Jerusalém. Por que tinha esse nome? Só havia uma razão para isso – era a única parte do templo destinada exclusivamente para lembrar aos judeus sua antiga obrigação de honrar a "linha de baixo" da aliança abrâmica! Se não fosse esse pátio, os judeus poderiam se esquecer mais facilmente de que foram abençoados para serem uma benção – para os gentios!

Aquela era também a única parte do templo onde se permitia a entrada de turistas gentios piedosos, "tementes a Deus". Segundo o propósito divino, os gentios que entrassem naquele recinto sagrado ouviriam os judeus orando a seu favor e saberiam indiscutivelmente que o Deus dos judeus era verdadeiramente o Deus de toda a terra, um Deus que desejava abençoar todos os povos.

Para sua profunda indignação, Jesus encontrou o pátio dos gentios dedicado, em vez disso, a empreendimentos comerciais dos judeus. Cercados para bois e ovelhas, gaiolas de pombas, e cambistas com suas balanças e ábacos, lotavam o pátio desde o portão até o muro. Barulho e tumulto, pechinchas e disputas insignificantes dominavam o ambiente – talvez mais nocivos do que o mau cheiro do excremento dos animais.

No princípio, empreendimentos deste tipo, ligados ao templo, caso existissem, ficavam do lado de fora. Aos poucos, porém, os negociantes compreenderam como seus lucros seriam bem maiores se pudessem localizar-se mais próximos do pátio interior onde os animais eram sacrificados. Ocorreu-lhes então que o espaço chamado pátio dos gentios não estava sendo muito usado. Afinal de contas, quem continuava orando pelos gentios? E se alguém quisesse orar por eles, podia fazê-lo em outro lugar qualquer. Seria realmente prático proibir o uso de tão grande área de propriedade potencialmente lucrativa para um fim tão pouco popular como as orações pelos gentios?" "Façamos um novo zoneamento do pátio dos gentios para uso comercial!" Isto tornou-se, então, um assunto de campanha popular. Finalmente, a proposta veio a ser aceita e transformou-se em lei – com talvez um siclo ou dois passando por sob a mesa do sumo sacerdote.

Chegaram então os vendedores de animais, seguidos pelos cambistas, ansiosos para explorar os visitantes gentios que entravam no templo. Os visitantes de lugares distantes, que não conheciam bem as taxas de câmbio na Palestina, talvez não percebessem quando um cambista lhes enganava, para não mencionar o uso de uma balança adulterada.

Jesus viu tudo isso e agiu. Ele "expulsou a todos os que ali vendiam e compravam; também derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas" (Mt 21.12). Para os que gritavam: "Quem você pensa que é para agir assim?" Ele respondeu não só com uma acusação zangada, mas também com ensinamentos baseados nas Escrituras.

O que Ele usou para justificar sua atitude decisiva contra o mau uso do pátio dos gentios por parte dos judeus? Ele escolheu uma combinação magistral de citações de dois profetas do Antigo Testa-

mento. A primeira foi tirada de Isaías: "A minha casa (o templo de Deus) será chamada casa de oração, para todas as nações" (Mc 11.17; veja também Is 56.7). Jesus a seguir colocou uma frase extraída de Jeremias: "...vós, porém, a transformais em covil de salteadores" (veja Jr 7.11).

O contexto da citação de Isaías contém forte relação com o "imperativo de todas as nações" da aliança abrâmica. Nesse contexto, Isaías cita a declaração de Javé: "Não fale o estrangeiro, que se houver chegado ao Senhor, dizendo: O Senhor, com efeito, me separará de seu povo...Aos estrangeiros, que se chegam ao Senhor, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor...também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos" (Is 56.3,6,7).

Todos os gentios devem observar que Jesus não expulsou os cambistas apenas para defender a santidade do templo em si, mas também para proteger nosso direito de ter nossa necessidade espiritual representada nele! Além do mais, esse ato custou-lhe caro, pois "os principais sacerdotes e os escribas (que provavelmente vendiam privilégios aos cambistas, ou pelo menos concordavam com os que faziam isso) ouviam estas coisas e procuravam um modo de lhe tirar a vida; pois o temiam, porque toda a multidão se maravilhava de sua doutrina" (Mc 11.18).

Uma rejeição tão aberta do espírito da aliança abrâmica, em toda a sua profundidade, fez com que Jesus advertisse severamente os líderes judeus. O primeiro presságio desse aviso veio naquele mesmo dia, depois que ele purificou o templo. Tendo passado a noite em Betânia...

"Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente. Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!" (Mt 21.18-20).

Porém, o ponto principal deste incidente não surgiu senão mais tarde, naquele mesmo dia. Quando Jesus ensinava no templo, as autoridades judaicas se achavam observando furiosas, um tanto afastadas, tentando imaginar algo para confundi-lo. Contudo, Jesus tomou a iniciativa contra elas com várias parábolas, incluindo uma sobre um proprietário de terras (Javé) que plantou uma vinha (Israel) e arrendou-a a uns lavradores (os líderes judeus), partindo depois em viagem. Após a colheita, ele enviou os seus servos (os profetas) pa-

ra buscar sua parte da safra (sua obediência às condições da aliança ou trato) como aluguel. Os lavradores espancaram, apedrejaram ou mataram os servos do proprietário da vinha. Finalmente, este usou seu último recurso – enviou seu próprio filho. Mas os lavradores o mataram também!

"O que", perguntou Jesus, "o senhor da vinha fará àqueles lavradores?"

"Fará perecer horrivelmente a estes malvados, e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos."

Jesus replicou: "Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos" (veja Mt 21.33-43). Os discípulos de Jesus devem ter lembrado imediatamente do caso da figueira que secou sob a sua maldição, por não ter frutos quando se aproximou dela! Com certeza adivinharam que a figueira seca prefigurava uma tragédia que logo cairia sobre o próprio Israel!

Nenhuma advertência poderia ser mais clara que essa – Javé estava prestes a cancelar o privilégio espiritual antes concedido a Israel, para iniciar uma nova dispensação entre os povos gentios que estivessem dispostos a honrar o espírito da aliança abrâmica! Mas a fim de que não deixassem de compreender o sentido de suas palavras, Jesus contou imediatamente uma segunda parábola.

Um rei (Javé) preparou um banquete para as bodas de seu filho e convidou seus amigos (os judeus). Estes, porém, ignoraram totalmente o convite, a ponto de maltratar ou matar alguns dos servos enviados pelo rei para entregar os convites! A resposta do rei foi dupla: Primeiro, Ele mandou um exército para castigar os perversos que maltrataram ou mataram seus servos; e, segundo, enviou novos servos para as ruas e caminhos a fim de chamar as massas, antes desprivilegiadas (os gentios), para se banquetearem com Ele. Nosso Senhor prefigurou assim um convite iminente da graça de Deus que em breve seria estendido aos samaritanos e gentios de todas as classes, mediante o ministério de seus apóstolos e dos sucessores destes!

O missiólogo Ralph Winter certa vez surpreendeu os ouvintes ao afirmar: "Jesus não veio para delegar a Grande Comissão! Ele veio para tirá-la – dos judeus que já a possuiam há quase dois mil anos, sem fazer praticamente nada através dela. Já era tempo de o mundo ver o que crentes gentios fariam uma vez que a recebessem na forma imperativa do Novo Testamento.

A idéia de que Javé poderia castigar sua grande desobediência cancelando seus privilégios espirituais por uma ou duas eras, pare-

cia inconcebível aos judeus! Jesus deve ter sido considerado um louco por sugerir tal coisa! Porém, seu próprio legislador, Moisés, já os advertira dessa possibilidade! "A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus", ele cita como sendo palavras do Senhor, "portanto eu os provocarei a zelos com aquele que não é povo" (Dt 32.21, mencionado por Paulo em Rm 10.19).

Qual a reação imediata das autoridades judaicas às advertências de Jesus? "E procuravam prendê-lo, mas temiam o povo; porque compreenderam que contra eles proferia esta parábola" (Mc 12.12). Alguns deles, no entanto, hábeis na discussão, tendo sido treinados pelos rabinos, procuraram confundir Jesus, tentando fazer com que proferisse alguns pronunciamentos políticos negativos contra Roma. Mas, pobres interrogadores! Ele tratou dessa e de outras questões com a mesma facilidade com que um cirurgião hábil usa o bisturi numa operação simples!

Qual foi a pergunta deles? "É lícito pagar tributo a César?" (Mt 22.17). O que Jesus, o homem para todos os povos, aconselharia quanto à questão extremamente delicada de judeus pagarem impostos a um imperador *gentio*?

Ele começou a responder: "Por que me experimentais, hipócritas?" Com que base os chamou de hipócritas? Simplesmente esta – eles afirmavam crer na aliança abrâmica e suas extensões posteriores na Lei de Moisés e dos Profetas, mas ao mesmo tempo burlavam, de todos os modos possíveis, os propósitos dessa aliança.

Jesus continuou: "Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário. Ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César. Então lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (vv.18-21).

Com essas palavras, Jesus, o Messias para todos os povos, reconheceu o direito de reis gentios incrédulos governarem sobre os judeus, provavelmente até ser completado um período posterior, que chamou de "tempos dos gentios" (Lc 21.24).

Seus inimigos "não puderam apanhá-lo", escreveu Lucas. "Admirados da sua resposta, calaram-se" (Lc 20.26).

Enquanto isso, embora ainda concedendo bênçãos aos judeus por toda parte (como exigido pela "linha de cima" da aliança abrâmica), Jesus continuou informando seus discípulos de que eles mesmos deveriam em breve ministrar também aos gentios. Certa vez, por exemplo, Ele os enviou numa missão de treinamento, explicando que, embora os estivesse mandando às "ovelhas perdidas de Israel" e não aos gentios e samaritanos, mais tarde eles seriam "levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles *e aos gentios!*" (Mt 10.5-6,18, grifo acrescentado).

Jesus, com toda probabilidade, colocou esta restrição temporária sobre os discípulos por ainda estarem pouco preparados espiritual e mentalmente para empreender uma missão transcultural, e não com o intuito de incentivar o desprezo pelos gentios e samaritanos.

Mais tarde, explicando aos discípulos as metáforas de sua famosa Parábola do Joio, Jesus identificou o "campo" na parábola como sendo "o mundo" e não apenas Israel (veja Mt 13.24-30,36-43).

No mesmo contexto, Jesus contou uma curta parábola sobre uma mulher que misturou fermento a uma grande quantidade de farinha, "até ficar tudo levedado" (Mt 13.33). Por analogia com a interpretação dada pelo próprio Jesus sobre a Parábola do Joio, a referência à farinha neste caso parece também designar o mundo, e o fermento torna-se então, o testemunho penetrante do evangelho através do mundo inteiro.

Em outras ocasiões, Jesus preveniu os discípulos de que o fim do mundo não poderia ocorrer até que o evangelho tivesse sido "pregado a todas as nações" (Mc 13.10). A frase grega *ta ethne*, segundo diversos eruditos, deveria ser traduzida "todos os povos", e não "todas as nações", que transmite a idéia errônea de que o interesse divino concentra-se em estruturas políticas transitórias, em lugar de comunidades humanas etnicamente distintas. A Índia, por exemplo, é uma "nação", mas abrange 3.500 "povos". Então, seria necessário dizer que existem 3.500 Índias, se *ethne* for traduzida por "nações".

Tempos depois, alguns gregos foram a uma festa em Jerusalém e quiseram se encontrar com Jesus. Filipe e André, dois dos discípulos dele, transmitiram o pedido a Jesus que se aproveitou, como de costume, da ocasião para favorecer novamente a "perspectiva de todos os povos": "E eu, quando for levantado da terra, atrairei *todos* a mim mesmo (Jo 12.32, grifo acrescentado). Esta profecia prefigurou a maneira como Jesus iria morrer – a crucificação! Ela previu igualmente o efeito! Todos os homens – não simplesmente *apesar* da humilhação de Jesus, mas *por causa dela* – seriam atraídos para Ele como o Salvador ungido de Deus. Esta declaração poderia ser superficialmente interpretada como significando que todos no mundo tornar-se-ão cristãos. Desde que sabemos que isto é bastante improvável, a declaração possivelmente indica, em lugar disso, que homens de todos os tipos sentir-se-ão atraídos para Jesus ao entenderem que a sua morte serviu de expiação para os pecados deles. Foi exatamente isto que a aliança abrâmica prometeu – não que todos os povos seriam abençoados, mas que todos os povos iriam ser representados nessa benção. Os discípulos de Jesus tiveram assim um novo prenúncio da Grande Comissão que logo viria!

A preocupação incessante de Jesus com a futura evangelização

dos povos gentios manifestou-se em um outro contexto, através de uma declaração indireta. Quando Maria, uma mulher piedosa, despejou um jarro de perfume caro sobre a cabeça de Jesus, ungindo-o antecipada e simbolicamente para o seu funeral, Judas Iscariotes reprendeu-a por desperdiçar aquele bálsamo de alto preço (veja João 12.4-5). O próprio Jesus defendeu Maria. Explicando o seu motivo, Ele acrescentou um comentário que revelou muita coisa sobre o seu propósito íntimo: "Onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua" (Mc 14.9).

Logo a seguir, Judas Iscariotes saiu às escondidas e planejou secretamente trair Jesus, entregando-o aos seus inimigos. Àquela altura, o egoísta Judas estava completamente decepcionado com o seu Senhor. A indiferença de Jesus quanto à possibilidade de usar seu poder para enriquecer os discípulos política e financeiramente, fizera Judas perder a paciência. E agora, como se acrescentando o insulto à injúria, Jesus embaraçava Judas em público ao defender o gesto de adoração custoso por parte de Maria, depois de Judas tê-lo criticado. Isto provou a Judas – caso ainda duvidasse – que Jesus simplesmente não tinha o talento necessário para administrar as finanças.

Por último, baseado no ponto de vista etnocêntrico de Judas, a enorme ambição de dissipar as bênçãos messiânicas sobre todo o mundo gentio (em lugar de concentrar a bênção entre os judeus, onde teriam realmente valor) mostrou que Jesus absolutamente não era prático. Ao que parece, finalmente Judas viu que Jesus falava sério quando mencionou a idéia de lançar todos os privilégios do banquete judeu aos cães gentios! Se isso aconteceu, Judas deve ter sido o mais inteligente dos 12 discípulos, porque os outros 11, como veremos, levaram muito mais tempo para assumir com responsabilidade a ênfase do ministério de Jesus.

Tanto o conflito de Judas com Jesus sobre o valor do ato de adoração de Maria, como a confirmação da sua "perspectiva de todos os povos" ao defender Maria, parecem ser descritos nas Escrituras como catalizadores que precipitaram a decisão de Judas em trair Jesus! Aparentemente, para Judas esta era a ofensa final que rompia o último vestígio de qualquer obrigação que ainda sentisse em relação a Jesus.

De repente, Judas começou alistar suas queixas. Ele investira três anos de sua vida esperando ajudar Jesus a estabelecer e administrar a nova "Companhia Messiânica". Todavia, além de alguns "adiantamentos" que ele tomara como "empréstimo" do tesouro da empresa, nada melhorara no aspecto financeiro, apesar de todos os seus esforços! Nesse sentido, as regras administrativas de Jesus,

que visavam incorporar os povos gentios em seus planos, também não prometiam absolutamente nada em termos de recompensa financeira futura!

Judas começou a sentir pena de si mesmo. Não haveria um meio de ressarcir-se de pelo menos parte dos ganhos que perdera ao seguir Jesus durante esse período de três anos financeiramente decepcionante?

Uma idéia surgiu de repente, um modo hábil para recuperar pelo menos uma parte de suas perdas. Seria necessário trair um amigo, mas esse amigo já demonstrara uma habilidade notável em viver perigosamente e resistir. Não havia possibilidade, pensou Judas, de que um pequeno trato secreto com os principais sacerdotes viesse a resultar na morte de Jesus! Sua esperteza o livraria de seus acusadores no tribunal (pois tinha grande facilidade em falar), ou a mesma multidão que O acolheu em Sua entrada triunfal exigiria sua liberdade, sob ameaça de motim (sua popularidade era enorme na ocasião!). Se tudo isso falhasse, Jesus conseguiria escapar da morte sem dificuldade e de modo milagroso. É verdade que predissera várias vezes que seu fim seria trágico; mas certamente não agora. Ele ainda se achava no apogeu da vida adulta, seu ministério estava no auge. Os principais sacerdotes o prenderiam, naturalmente, mas logo seriam forçados pela opinião popular a libertá-lo.

Judas, enquanto isso, fugiria para qualquer outra parte da Palestina com 30 peças de prata para investir num futuro novo e brilhante! Entretanto, aguardaria em Jerusalém o suficiente para ver como Jesus seria libertado!

Para o absoluto terror de Judas, as coisas não aconteceram dessa maneira!

Desde o momento da prisão tudo saiu errado! Jesus inexplicavelmente deixou de exercer seus maravilhosos poderes de argumentação, vencendo os inimigos. O homem que silenciara os mais poderosos oradores do judaísmo ficou espantosamente calado diante de Anás, Caifás, Pilatos e Herodes, não dizendo praticamente nada em sua defesa. Judas também esperou em vão por notícias de que, afinal, Jesus empregara seus dons especiais, a fim de escapar das mãos dos inimigos. E quando a sentença de morte foi pronunciada, nem mesmo as multidões se levantaram em sua defesa! Pessoas incrivelmente crédulas, que poucos dias antes haviam recebido Jesus como o Messias, agora permitiam que agitadores profissionais as persuadissem a clamar pela crucificação!

Crucificação? Judas deve ter-se espantado! Jesus? Traspassado com pregos? Morrendo em agonia numa cruz *gentia*? Esse era um método de tortura reservado somente aos piores criminosos! Tal coi-

sa não deveria acontecer! Ou deveria? Naquela hora, o traidor talvez tivesse lembrado as palavras de Jesus: "E eu, quando for levantado da terra..." (Jo 12.32). Naquele dia, a frase parecera referir-se a um estado de exaltação futura. Mas agora, tarde demais, o verdadeiro significado começava a surgir. E Judas sabia que ele – um dos 12 primeiros discípulos de Jesus – contribuíra para esse crime hediondo e injusto! O apóstolo Mateus descreve a reação de Judas a essa reviravolta inesperada dos acontecimentos:

"Então Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém responderam: Que nos importa? Isso é contigo. Então Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se" (Mt 27.3-5).

O que aconteceu finalmente com aquelas 30 moedas de prata? O interessante é que os principais sacerdotes as recolheram e usaram para comprar o campo de um oleiro que transformaram em cemitério para, adivinhem quem? Gentios! A lei judaica proibia o sepultamento de gentios em cemitérios judeus, mas Jesus, mesmo através do dinheiro pago para a sua traição, ainda assim os favoreceu (veja Mt 27.6-10).

Enquanto isso, a crucificação teve lugar naquela mesma "região de Moriá", onde Abraão, 1.900 anos antes, preparou-se para oferecer seu único filho, o inocente Isaque, em sacrifício obediente a Deus. Desta vez, porém, não apareceu um "carneiro preso pelos chifres entre os arbustos", a fim de tomar o lugar do Filho inocente. Em vez disso, a antiga profecia – "No monte do Senhor se proverá" (Gn 22.14) – foi cumprida.

Jesus Cristo foi essa provisão. João, um de seus discípulos, compreendeu mais tarde a importância do que acontecera naquele dia, e escreveu: "Jesus Cristo, o justo...é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro" (I Jo 2.1-2).

Esta foi então a primeira das bênçãos que o Descendente singular de Abraão compartilhou, não apenas com os judeus como João, mas com "o mundo inteiro"!

Quando Jesus se achava pendurado na cruz, pregaram acima de sua cabeça uma inscrição em aramaico, a língua mais usada pelos judeus palestinos da época: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus". No entanto, a frase foi escrita também em duas outras línguas gentias, o latim e o grego!

No exato momento em que Jesus clamou em alta voz, "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito", um soldado gentio, que estava

junto à cruz, viu Jesus dar seu último suspiro. O comentário dele? "Verdadeiramente este homem era justo."

Da mesma forma que os discípulos ainda não acreditavam nas insinuações de Jesus sobre a evangelização dos gentios, eles também não creram quando Ele disse que ressuscitaria. Jesus os surpreendeu em ambos os casos! Três dias depois de sepultado, Ele ressuscitou! E um de seus primeiros encontros após a ressurreição começou de maneira incógnita com dois discípulos na estrada de Emaús (veja Lc 24.13-49). Durante a primeira fase da conversa, os dois discípulos, que ainda não haviam reconhecido Jesus, se queixaram: "Ora, nós esperávamos que fosse ele (Jesus) quem havia de redimir a Israel" (v.21); mas não acrescentaram, "e fazer de Israel uma bênção para todos os povos". A cegueira de seus corações ainda obscurecia eficazmente essa parte da aliança abrâmica.

"Ó néscios e tardos de coração", respondeu Jesus, "para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?" (vv. 25-26).

A seguir, começando com os cinco livros de "Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras". Ele já havia falado sobre tudo isso, mas repetiu novamente o assunto com paciência (veja o v.27). E desta vez o coração deles "ardeu" em seu íntimo enquanto ele explicava as Escrituras (veja o v.32). Uma perspectiva maior começava finalmente a abrir caminho em seus corações?

Mais tarde, eles reconheceram Jesus, mas no mesmo instante Ele desapareceu da sua presença! Os dois voltaram imediatamente a Jerusalém, encontraram os Onze (como os discípulos passaram a ser chamados por algum tempo depois da deserção de Judas) e contaram sua experiência. Mas antes de terminarem de falar, o próprio Jesus apareceu no meio deles e os Onze participaram também do final da história!

Da mesma maneira que uma andorinha volta a seu ninho sem errar, Jesus voltou às Escrituras e seu tema central: "Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome *se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações* (i.e., *ethne* – povos), começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas" (Lc. 24.45-48, grifo acrescentado).

Note, porém, que Ele ainda não lhes ordenara que fossem, a fim de pregar. Isso aconteceria alguns dias mais tarde, num monte da Galiléia, onde – no tocante aos discípulos – tudo começou. Estas são as palavras de ordem que a aliança abrâmica já havia prefigura-

do durante 2.000 anos, e para as quais Jesus estivera preparando os discípulos por três longos anos: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. *Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações*, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar (note a limitação que se segue) todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século" (Mt 28.18-20, grifo acrescentado).

Não se tratava de uma ordem injusta. O Antigo Testamento a anunciara. Os ensinamentos diários de Jesus a previram. Seu ministério livre de preconceitos entre samaritanos e gentios tinha dado aos discípulos uma demonstração real de como levá-la a efeito. Ele agora acrescentava a promessa de legar-lhes sua própria autoridade e sua presença junto deles – se obedecessem!

Mais tarde ainda, momentos antes de sua ascensão aos céus no Monte das Oliveiras (perto de Betânia), Ele fez uma outra promessa: "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas..." Seguiu-se então a conhecida fórmula de Jesus para o progresso abrangente do evangelho: "...tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, *e até aos confins da terra*" (At 1.8, grifo acrescentado).

Essa foi a última ordem de Jesus. Sem quaisquer outras palavras, e sem aguardar uma discussão de sua proposta, Ele subiu aos céus a fim de esperar a completa obediência de seus seguidores à mesma!

Certamente, Jesus sabia que não havia esperança de salvar a maioria dos judeus de sua época a tempo, afastando-os do egocentrismo cego, assim como não se pode esperar a salvação da maior parte das pessoas, devido à essa mesma dificuldade! Através de toda a história, quase todos os judeus focalizaram de tal forma a "linha de cima" da aliança abrâmica" que a "de baixo" tornou-se-lhes praticamente invisível. Provavelmente, não é exagero descrever a mente deles como estando hermeticamente fechada a qualquer consideração mais séria da "linha de baixo". Esse foi o motivo que levou tantos judeus a decidirem aproveitar-se dos poderes miraculosos de Jesus exclusivamente em seu próprio benefício. Mas a aliança dEle, baseada numa perspectiva de todos os povos, entrava em constante conflito com a estreita mentalidade judaica de "nosso povo". Até mesmo um de seus discípulos, como já vimos, o traiu no contexto deste aspecto! A única esperança achava-se nos outros 11. Se Jesus conseguisse conquistá-los para a perspectiva de todos os povos, a promessa completa feita a Abraão, e não apenas uma versão truncada, seria cumprida.

Pergunta: Poderia o Filho do Homem – sem negar a livre esco-

lha humana – transformar 11 homens, cujos padrões de pensamento tinham sido programados desde a infância a um *etnocentrismo* extremo? A pergunta pode parecer tola. O Filho do Homem, que é também o Filho de Deus onipotente, não pode fazer tudo? A resposta é sim, mas o livre arbítrio humano implica na decisão anterior de Deus no sentido de não interferir na base metafísica dessa vontade livre. Ela também envolve a capacidade do homem de rejeitar a persuasão empregada por Deus para influenciar o livre arbítrio, embora mantendo intacta a sua base metafísica!

Até Ele precisa se apoiar na persuasão em lugar da compulsão. E esta, pela sua própria definição, deve ser resistível! Todavia, Deus, que se torna assim resistível, é de tal modo inteligente que pode facilmente superar todas as conseqüências de sua própria autolimitação! Operando ao redor e até mesmo através da resistência humana com tanta facilidade quanto através da resposta, ele alcança igualmente os seus propósitos eternos!

Um clima de suspense final, portanto, não paira sobre a probabilidade de sucesso do desígnio de Deus, pois esse êxito já está assegurado. O suspense final paira sobre outras perguntas como, *Quem* entre os filhos e filhas dos homens reconhecerá o dia do privilégio divino quando se aproximar deles? E quais homens e mulheres, entre os que perceberem esse privilégio, irão desprezá-lo como Esaú desprezou seu direito de primogenitura? Finalmente, de que forma Deus irá realizar seu objetivo quando até mesmo os homens e mulheres que O amam e se apropriam do seu propósito, mostram ser espiritualmente vulneráveis, fisicamente fracos e tão limitados de entendimento?

Será que outras perguntas poderão gerar mais suspense do que essas?

Com esta indagação pendente sobre nós, veremos agora, quais os resultados do esforço supremo de Jesus para transformar 11 judeus com espírito tribal em apóstolos para todos os povos. De maneira incrível, este que foi o seu melhor e mais estratégico plano de treinamento, pareceu ficar completamente malogrado até que...Ah! não vamos nos adiantar na história!

7

A MENSAGEM OCULTA DE "ATOS"

Milhões de cristãos julgam que o livro "Atos dos Apóstolos", de Lucas, registra a obediência dos 12 apóstolos à Grande Comissão. Mas ele, na verdade relata, a relutância dos mesmos em obedecê-la.

Quando os Onze estavam no alto daquele monte, contemplando Jesus desaparecer numa nuvem, será que tiveram realmente uma reação positiva àquela última ordem? O exemplo de compaixão de Jesus pelo centurião romano, a mãe siro-fenícia, o leproso samaritano, o endemoninhado gadareno, o general sírio Naamã, a viúva de Sarepta, os homens de Nínive que se arrependeram e os povos de Sodoma e Gomorra que pereceram sem um chamado claro ao arrependimento – sem dúvida, àquela altura deveria ter sido suficiente para anular o preconceito no coração deles, substituindo-os pela "sensibilidade à idéia de 'povos' " e motivá-los a ir até aos confins da terra!

O resumo abrangente das Escrituras feito por Ele, seguido de seu mandamento direto, desvendando o plano de Deus para o mundo inteiro, deveria fornecer aos discípulos a motivação necessária! E, finalmente, a concessão do poder do Espírito Santo, já prometido, não os transformaria em tropas transculturais dinâmicas?

Mas, espere um pouco – com respeito a essa concessão do poder do Espírito Santo – suponhamos que Deus tivesse empregado você como um perito em relações públicas, a fim de planejar esse evento para Ele. Imaginemos que Ele lhe desse apenas uma especificação – tudo deveria acontecer de modo a deixar absolutamente claro, até para o discípulo mais obtuso, que o poder prestes a ser concedido não seria apenas para bênção pessoal ou exaltação dos receptores, mas sim para capacitá-los a levar o evangelho por todo o mundo e para todos os povos!

Mesmo que você fosse o relações-públicas mais inteligente de todos os tempos, provavelmente não teria inventado um meio mais claro para atingir esse alvo do que o seguinte.

Quando o poder do Espírito Santo finalmente desceu sobre os

discípulos de Jesus, não poderia ter sido num momento mais apropriado! Judeus piedosos de pelo menos 15 regiões diferentes do Oriente Próximo e Médio, haviam-se reunido em Jerusalém para uma festa chamada Pentecoste. Além de seu conhecimento comum do hebraico e/ou aramaico, esses forasteiros – com freqüência chamados de judeus da Diáspora, os "dispersos" – provavelmente falavam várias dezenas de línguas gentias.

O poder do Espírito Santo, ao descer sobre os apóstolos e outros seguidores fiéis de Jesus, fez com que eles falassem milagrosamente em muitas línguas gentias, representadas pela multidão de judeus da Diáspora e gentios convertidos que se encontravam em Jerusalém. Por que?

Não apenas para abençoar os que falavam. A concessão da capacidade milagrosa para falar em línguas *não-judaicas* seria supérflua se o propósito fosse conceder bênção apenas a eles!

Além disso, não se tratava de abençoar simplesmente os judeus da Diáspora que entendiam essas línguas. Se a intenção fosse unicamente edificá-los, a língua hebraica ou aramaica teria servido muito bem.

O objetivo também não era demonstrar o poder do Espírito Santo para realizar milagres surpreendentes.

Vista no contexto do ministério de Jesus e seus planos perfeitamente articulados para o mundo inteiro, a concessão dessa explosão milagrosa de línguas *gentias* só poderia ter um único alvo principal: destacar nitidamente que o poder do Espírito Santo era e é concedido com o propósito específico da evangelização de todos os povos! Qualquer tentativa de tirar proveito do poder do Espírito Santo para o prazer ou engrandecimento pessoal do indivíduo, ou buscar milagres como fins em si mesmos, deve parecer a Deus como uma interpretação errada do seu objetivo.

Todavia, algumas vezes ainda vemos cristãos procurando poder e sinais sem pensar em dedicar-se à evangelização de todos os povos!

Vejamos porém se aquela primeira geração de cristãos compreendeu um pouco melhor a importância dos dons do Espírito Santo.

Com o poder do Espírito Santo ainda vibrando através de seu testemunho, os apóstolos cruzaram rapidamente o primeiro dos quatro limites mencionados por Jesus – eles evangelizaram Jerusalém – sem problemas! Os críticos logo se queixaram: "Enchestes Jerusalém de vossa doutrina" (At 5.28). O comentário, "...em Jerusalém se multiplicava o número dos discípulos" (At 6.7), foi logo registrado. Contudo, no final do sétimo capítulo do livro de Atos lemos que todos

os apóstolos e seus milhares de convertidos continuavam aglomerados em Jerusalém. Vinte e cinco por cento do livro de Atos já fazia parte da história e, até onde mostra o registro, eles sequer estavam fazendo planos para obedecer ao restante da última ordem de Jesus!

Até Deus começava a impacientar-se, se compreendemos corretamente o que veio a seguir. Deus, ao que parece, dispunha-se a empregar medidas extremas para impedir que o dom de seu Filho à toda humanidade acabasse como propriedade exclusiva de um único povo – os judeus. A solução divina foi muito simples, embora penosa: Ele dispersou os cristãos mediante uma perseguição. Os inimigos que atacaram os seguidores de Jesus jamais sonharam estar cumprindo a vontade de Deus: "Levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, *exceto os apóstolos*, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria" (At 8.1; grifo acrescentado).

De acordo com o último mandamento de Jesus, pelo menos alguns dos apóstolos não deveriam indicar o caminho? Ao que parece, nem mesmo a perseguição conseguiu desalojá-los de casa. "Entrementes os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra. Filipe (não o apóstolo Filipe, mas um dos sete leigos nomeados para servir às mesas para os milhares de crentes em Jerusalém; veja At 6.5), descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes o Cristo...E houve grande alegria naquela cidade" (At 8.4-8).

Depois que Filipe, um "leigo" em férias de seu serviço em Jerusalém (veja At 6.1-5), abrira a porta para eles, Pedro e João foram enviados pelos demais apóstolos, a fim de acrescentar mais bênçãos ao reavivamento que já se achava em progresso.

Essa missão não deve ter sido fácil para Pedro e João, e talvez nem mesmo para Filipe. Sua cultura os treinara a evitar ao máximo os samaritanos, "porque os judeus não se dão com os samaritanos" (Jo 4.9). Os samaritanos, veja bem, baseavam-se num conjunto bem diferente de pressuposições. Eles nem sequer concordavam que Jerusalém – a Cidade Santa dos judeus – fosse o centro do mundo! E seu sangue estava misturado com sangue gentio! Um gentio completo seria, provavelmente, mais aceitável aos olhos de um judeu, mas uma mistura...quão detestável!

A Suméria, ou quem sabe a Sibéria, poderia ser considerada uma missão mais fácil para os da descendência judaica do que a desagradável Samaria.

Não obstante, Pedro e João começaram a se sentir entusiasmados com o ministério transcultural naquela cidade samaritana. Animaram-se tanto que, logo depois, "evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos", mas somente a caminho de casa – adivinhe onde – Jerusalém! (Veja At 8.25).

Enquanto isso, o mesmo leigo corajoso chamado Filipe, avançava como um soldado em batalha, a serviço do Espírito Santo, em uma nova missão transcultural! "Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para a banda do sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto. Ele se levantou e foi. Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém..." (vv.26-27).

Este é outro exemplo bíblico de um gentio que adorava o Deus verdadeiro. O registro não diz que se tratava de um convertido ao judaísmo, como faz antes no caso de "Nicolau, prosélito de Antioquia" (At 6.5).

Filipe, viajando pelo "caminho deserto" – o exemplo mais adequado de uma rodovia naqueles tempos – notou que o etíope "assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías". Isaías, incidentalmente, contém a menção a Cuxe – o vale superior do Nilo – exatamente onde o eunuco etíope trabalhava para a rainha Candace: "Ide, mensageiros velozes, a uma nação de homens altos e de pele brunida" (O povo dinka dessa região está entre os mais altos do mundo e os watusi de elevada estatura na África Central são tidos como procedentes de Cuxe), a um povo terrível ao perto e ao longe; a uma nação poderosa e esmagadora, cuja terra os rios dividem" (Is 18.2,7).

Filipe, tanto quanto sabemos, foi o primeiro "mensageiro veloz" a cumprir essa orientação fortemente transcultural encontrada no próprio livro que o etíope estava lendo.

A atenção deste, porém, se fixara numa passagem diferente, no versículo 7 de Isaías 53: "Como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha, muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca" (At 8.32).

O etíope perguntou a Filipe: "Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro?" Filipe passou então a falar-lhe das boas novas de Jesus (At 8.34-35). O etíope aceitou a Palavra e pediu para ser batizado naquele mesmo dia, seguindo depois "o seu caminho cheio de júbilo" (v.39). A história indica que ele também pode ter tido êxito em preparar o caminho para o estabelecimento de milhares de igrejas cristãs tempos depois, no distante vale do Nilo.

Bom trabalho, Filipe! Ao despedir-se do eunuco, ele se dirigiu para o norte pela "estrada do deserto", pregando ao longo da costa marítima, desde Azoto até Cesaréia.

Porém, pelo que se sabe, nem mesmo Filipe passou desse ponto. Mas do mesmo modo que abrira antes as portas para Pedro e João em Samaria, suas viagens rumo ao norte, ao longo da costa,

através de Lida, Jope e Cesaréia, parecem ter igualmente facilitado as coisas para Pedro. Pois em Atos 9.32 a 11.18, vemos este apóstolo seguindo outra vez nas pegadas de Filipe. Sem dúvida, a obra realizada por Pedro foi importante; no entanto, mesmo assim, só pregou Cristo onde Ele já fora pregado antes – com uma única exceção!

Enquanto se achava em Cesaréia, Filipe parece que não teve oportunidade de encontrar um centurião romano chamado Cornélio, que buscava a Deus. Então, a missão de ganhar Cornélio para a fé em Cristo coube a Pedro. Que grande trauma a conversão de um romano representou para Pedro, mesmo estando ele cheio do Espírito! Uma visão com o propósito de livrar Pedro de seus preconceitos anti-gentílicos teve de ser repetida três vezes, mas ele finalmente compreendeu o seu sentido (veja 10.9-23). Seu encontro subseqüente com Cornélio é um estudo profundo do preconceito humano esvaindo-se gradualmente através da maravilha do evangelho de Jesus Cristo.

Pedro resumiu seus preparativos para o encontro com um romano que desejava conhecer Deus com as seguintes palavras: "Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável" (10.34-35).

Todavia, quando ele começou a pregar a Cornélio, um gentio, e sua casa, Pedro descreveu o evangelho como "a palavra que Deus enviou aos filhos de Israel, anunciando-lhes o evangelho da paz, por meio de Jesus Cristo" (v. 36). Ele nem sequer prosseguiu mencionando o que Jesus especificara tão claramente – que ela também era uma mensagem de boas notícias para todos os povos. Depois disso, entretanto, talvez por ver a decepção estampada na face dos ouvintes gentios, Pedro reconheceu que Jesus Cristo tem alguma ligação com os gentios. Ele é, admitiu Pedro, "Senhor de todos" (v. 36).

Ainda mais tarde, Pedro verbalizou o último mandamento de Jesus aos ouvintes gentios; mas que versão tão resumida da Grande Comissão foi a dele! "(Ele) nos mandou pregar ao povo" (v.42). Não é difícil adivinhar a que "povo" Pedro queria referir-se instintivamente.

Desse modo, apesar dos tropeços de Pedro, o Espírito Santo fê-lo dizer finalmente: "Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, *todo* (não qualificado) o que nele crê recebe a remissão de pecados" (v.43, grifo acrescentado).

Nesse justo momento, o Espírito Santo desceu sobre os ouvintes ansiosos de Pedro, da mesma forma como descera sobre os judeus crentes no dia de Pentecoste e os rejeitados de Samaria, que foram despertados pela primeira vez através do ministério do diácono Filipe.

Mas, ah! Como a lição do imperativo transcultural e universal de Jesus foi difícil de aprender, até por parte dos apóstolos especialmente escolhidos por Ele! Ela ainda continua difícil para nós, hoje.

Quando Pedro voltou a Jerusalém, seus companheiros cristãos de descendência judaica o criticaram (ele já esperava por isso), dizendo: "Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles" (At 11.3).

Depois de Pedro explicar como Deus praticamente o obrigara a entrar naquela casa romana, os críticos mudaram de atitude e disseram: *"Logo também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida"* (v. 18, grifo acrescentado). Aparentemente, este foi um pensamento completamente novo a passar pela mente deles.

Ficamos imaginando qual seria, até aquele momento, a idéia que faziam do propósito do último mandamento de Jesus! Ou como supunham que pudesse ser obedecido até "aos confins da terra", sem que um judeu viesse a comer com um gentio!

Outros cristãos judeus, expulsos de Jerusalém por causa da perseguição, viajaram para o norte, chegando até a Fenícia, Chipre e Antioquia. Eles também proclamaram o evangelho, mas o registro diz que tiveram o cuidado de transmiti-lo "senão somente aos judeus" (At 11.19).

Alguns deles, porém, enviados de Chipre e Cirene, decidiram tentar transmitir a mesma mensagem aos gentios. Finalmente! Você exclama, uma luz iluminou as suas mentes! Mas, espere um minuto. Eles não resolveram divulgar o evangelho em sua própria região de Chipre e Cirene, onde eram conhecidos. Fizeram isso em Antioquia, onde possivelmente ninguém os conhecia muito bem. Por que? Será que pretendiam preservar – no caso de serem criticados como ocorreu com Pedro – a opção de fugir de volta para casa, deixando a confusão atrás deles?

Mais uma vez, o Espírito do Senhor se fez presente. Quando se lê o livro de Atos, tem-se a impressão de que Ele se achava constantemente à espera disso, onde quer que encontrasse cristãos e sempre que estes estivessem dispostos a apresentar o evangelho aos gentios. Lemos então: "A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor" (v.21).

Quase se pode sentir uma nota de leve sarcasmo na sentença seguinte: "A notícia a respeito deles chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém" (v.22).

O escritor inspirado poderia muito bem ter escrito: "Notícias sobre eles chegaram à igreja de Jerusalém". A metáfora "aos ouvidos da igreja" pode ser uma branda insinuação da impaciência de

Lucas (e do Espírito Santo) por causa da visão ainda mais estreita da igreja de Jerusalém. Portanto, a frase "ouvidos da igreja" poderia ter sido perfeitamente interpretada "ouvidos dos apóstolos" – exceto pela amável diplomacia de Lucas.

Também, nenhum dos apóstolos se aventurou a ir até Antioquia, a fim de verificar as grandes coisas que ocorriam entre os gentios convertidos naquela cidade. Mas enviaram um homem chamado Barnabé.

Por que um delegado para Antioquia?

Será que Pedro, João e o resto deles estariam sofrendo de uma enfermidade humana muito comum, chamada "febre do quartel-general"?

Eles sempre serão apóstolos de Cristo. Seus nomes estão escritos eternamente sobre as 12 pedras fundamentais da Nova Jerusalém (veja Ap 21.14). No entanto, assim como os quatro evangelhos expõem deliberadamente suas várias falhas humanas – discussões sobre hierarquia, impetuosidade, tentativa de afastar Jesus da cruz, etc., o livro de Atos revela outro erro igualmente grave – sua relutância em aceitar com seriedade a última ordem de Cristo, pelo menos durante os primeiros anos depois do Pentecoste.

Por que eles permaneceram em Jerusalém ano após ano, em lugar de avançar pelo poder concedido a eles por Deus, em incursões transculturais ousadas a povos mais distantes?

A melhor justificativa para a sua demora, talvez tenha sido a necessidade de se manterem juntos – enquanto as palavras e obras de Jesus ainda estavam frescas em suas mentes – a fim de compilar os dados que serviram de base para Mateus, Marcos, Lucas (o gentio) e João escreverem posteriormente os quatro evangelhos. Isto pode ter mantido todos os apóstolos ocupados entre cinco a dez anos, e alguns deles até mais tempo. A evidência indica, porém, que vinte ou mais anos se passaram antes que eles começassem a sair de Jerusalém.

Teriam pensado, também, que sua presença contínua na cidade era necessária para garantir que a Cidade Santa fosse sempre o centro da nova fé, assim como era do judaísmo? Caso positivo, haviam esquecido completamente o que Jesus dissera, certa vez, à mulher samaritana junto ao velho poço de Sicar: "Mulher, podes crer-me, que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai" (Jo 4.21).

Ou seria porque eles teriam se casado (veja 1 Co 9.5) e suas esposas não podiam acompanhá-los em viagens longas?

Quem sabe a velha discussão sobre qual o maior entre eles fosse a razão de se conservarem reunidos em Jerusalém? Deixar

a igreja grande e bem estabelecida na Cidade Santa e sujar as mãos em trabalho missionário pioneiro pesado e potencialmente perigoso, talvez fosse considerado um demérito, não é mesmo? É possível que cada apóstolo não saísse de Jerusalém, com medo de que algum outro conspirasse durante a sua ausência, assumindo uma posição como a de bispo de Jerusalém?

Qualquer que seja a resposta, ou respostas, fica evidente que um novo grupo apostólico tornava-se urgentemente necessário para livrar do esquecimento o último mandamento de Jesus. Quem poderia qualificar-se para realizar o que os apóstolos, escolhidos pessoalmente por Jesus e cheios do Espírito, estavam em grande parte deixando de fazer?

"Saulo, Saulo...por que me persegues?"

Era a voz de Jesus, que acabara de subir aos céus, falando através de uma luz que brilhava mais que o sol. Cegado repentinamente por aquela luminosidade, Saulo de Tarso caiu ao solo.

"Quem és tu, Senhor?" perguntou ele.

"Eu sou Jesus, a quem tu persegues", foi a resposta, que não insinuava qualquer ameaça de castigo por essa perseguição. Saulo estremeceu. Pouco tempo antes, ele guardara as roupas dos que apedrejaram Estevão, uma das testemunhas mais ardentes de Jesus, e sua consciência o atormentava desde então. Pois consentira pessoalmente na morte de Estevão e lançara na prisão muitos outros que tinham a mesma fé – e tudo para descobrir agora, para sua própria vergonha e medo – que tudo o que eles haviam dito sobre o seu Senhor era verdade! Jesus deveria ser realmente o Senhor!

"Mas, levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer", continuou a voz. (Veja At 9.4-6.)

Enquanto Saulo, ainda cego, aguardava durante três dias em Damasco, Jesus apareceu a um crente humilde, chamado Ananias, e enviou-o para curar os olhos do mais notório perseguidor dos cristãos daquela década. Quando Ananias hesitou, temendo pela sua própria segurança, Jesus lhe disse – note as palavras – "Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome" (At 9.15).

O novo grupo apostólico começou desta forma. Inegavelmente, Saulo tinha certas vantagens sobre os apóstolos nascidos na Palestina para a missão transcultural no império romano. Ele crescera em Tarso, uma cidade predominantemente gentia. Não falava apenas hebraico e aramaico, mas também grego e talvez latim. Nascera cidadão romano e sua educação formal nas Escrituras do Antigo Testamento, sob a liderança do rabino Gamaliel, o capacitou a discernir

as ligações entre a fé cristã e o Antigo Testamento com clareza e precisão perfeitas.

Mais tarde, Saulo ajudou Barnabé a ensinar inúmeros convertidos gentios em Antioquia, durante um ano. No final desse período, Saulo havia aparentemente planejado um novo regulamento bem definido para divulgar o evangelho aos gentios, num esforço transcultural. Os convertidos gentios, decidiu ele orientado por Deus, não precisavam ser circuncidados como exigido dos judeus pela lei de Moisés. Eles também não tinham qualquer necessidade de identificar-se com as sinagogas judaicas, podendo formar suas próprias *ecclesia* – igrejas – onde adorar a Deus através de Jesus Cristo, sem ficarem sujeitos às carrancas desaprovadoras e estruturas cerimoniais dos judaizantes rigorosos. A partir desse momento, o importante era seguir o conteúdo moral da lei e não a estrutura cerimonial!

Este foi um passo relevante. Até então, Pedro e os outros apóstolos haviam lutado com o problema de obrigar os gentios convertidos a se conformarem aos requisitos de admissão às sinagogas "nazarenas", como as chamavam. Afinal de contas, pensavam eles, onde mais poderiam se reunir os gentios convertidos? Desde que as sinagogas oficiais não haviam sido planejadas para acomodar grande número de convertidos gentios, seria embaraçoso se muitos deles solicitassem admissão. Se um número excessivamente grande fosse admitido, poderiam até tornar-se maioria! Seria muito mais fácil não convertê-los, eliminando assim a dificuldade!

A idéia de Saulo, aparentemente aceita por Barnabé, no sentido de os gentios convertidos formarem sua *ecclesia* com vida própria – igrejas com líderes não obrigatoriamente judeus, mas crentes gentios – abriu caminho para um vasto contingente de gentios aproximar-se de Cristo. Depois de um ano de ministério conjunto em Antioquia, Saulo e Barnabé viajaram para Jerusalém, a fim de apresentar aos apóstolos o novo plano de evangelização dos gentios. Cautelosamente, escolheram apenas Pedro, Tiago e João, que "pareciam ser os "líderes", como seus primeiros ouvintes. Os outros apóstolos, ao que tudo indica, talvez fossem considerados por Saulo e Barnabé como defensores de idéias estreitas.

Saulo levou Tito em sua companhia – um crente grego que não fora circuncidado – como prova. Pedro, Tiago e João, de acordo com o que Paulo esperava deles, não insistiram na circuncisão de Tito (Gl 2.1-5). Aos poucos, a atitude deles começou a se transformar. Saulo escreveu, tempos depois : "(Pedro, Tiago e João) nada me acrescentaram (à minha mensagem); antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão...me estenderam, a mim e a Barnabé, a des-

tra da comunhão (concordaram), a fim de que nós fôssemos para os gentios e eles para a circuncisão (os judeus)" (Gl 2.6-7,9).

Note a insinuação de que nenhum dos outros apóstolos já se aventurara além das fronteiras judaicas. Se qualquer deles tivesse feito isso, Pedro, Tiago e João dificilmente teriam falado de Saulo e Barnabé como sendo os únicos mensageiros de Cristo aos gentios!

Como isso era curioso! Havia agora pelo menos 15 homens geralmente reconhecidos como apóstolos, desde que Matias, Tiago (o irmão do Senhor) e Saulo e Barnabé se juntaram aos 11 primeiros. Todavia, desses 15, apenas dois foram "comissionados" para evangelizar cerca de 900 milhões de gentios existentes no mundo daquela época. Os outros 13 estavam convencidos de que todos deviam dedicar-se à evangelização de aproximadamente três milhões de judeus, entre os quais já se encontravam dezenas de milhares de crentes dando o seu testemunho! Sua entusiasmada disposição ao permitirem que Paulo e Barnabé se encarregassem de todo o mundo gentio confunde a mente!

Seria esta a intenção do Senhor?

Saulo, que a esta altura começara a usar seu nome romano, Paulo, também não se mostrava muito bem impressionado com os outros apóstolos. E não é de admirar! Ele escreveu: "E, quanto àqueles que pareciam ser de maior influência [Pedro, Tiago e João] (quais tenham sido outrora não me interessa, Deus não aceita a aparência do homem)" (Gl 2.6).

Mais tarde, Paulo teve até um conflito com Pedro, em Antioquia. Apesar da experiência deste último com Cornélio, o centurião romano, através do qual o Senhor cuidadosamente mostrou a Pedro que não havia mal em comer com os gentios – ele ainda não digerira completamente a lição do Espírito Santo, embora tivesse conseguido digerir a comida de Cornélio. Paulo descreve o problema: "Com efeito, antes de chegarem alguns da parte de Tiago (o irmão do Senhor!), comia com os gentios; quando, porém, chegaram afastou-se e, por fim, veio a apartar-se, temendo os da circuncisão...ao ponto de *o próprio* Barnabé ter-se deixado levar" (vv.12-13, grifo acrescentado). O esforço para manter a "perspectiva de todos os povos" foi realmente penoso!

Paulo tomou uma atitude decisiva: "Quando, porém, vi que não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho, disse a Cefas (Pedro) na presença de todos: Se, sendo tu judeu, vives como gentio, e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?" (v.14). Ele explicou a sua lógica: "Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão"(v.21).

Ao serem forjados esses novos conceitos na bigorna das experiências de Paulo em Antioquia, Jerusalém e Tarso, a estrada estava agora aberta. Finalmente livre dos obstáculos da exclusividade judaica, o evangelho podia ser agora divulgado entre milhares de povos, como uma força espiritual transcultural. De fato, tratava-se de uma mensagem por demais esplêndida e sincera para permanecer durante muito tempo como aliada da escravidão do judaísmo farisaico!

Com o caminho assim aberto, "disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando (os anciãos da igreja de Antioquia e não os apóstolos originais), e impondo sobre eles as mãos, os despediram" para o mundo gentio (At 13.2-3).

Paulo e Barnabé tinham plena segurança de que os gentios que cressem tornar-se-iam "co-herdeiros (com Israel), membros do mesmo corpo e co-participantes *da promessa* em Cristo Jesus...não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus...para habitação de Deus no Espírito" (Ef 3.6; 2.19,22, grifo acrescentado).

Paulo ousou afirmar, conforme carta escrita posteriormente, que em Cristo "não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher...porque todos vós (que crêem) sois um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Pois Cristo "derrubou a parede da separação que estava no meio, a inimizade" (Ef 2.14).

Ele e Barnabé declararam mais tarde, corajosamente: "Eis aí que nos volvemos para os gentios, porque o Senhor assim no-lo determinou: Eu te constituí para *luz dos gentios*, a fim de que sejas para salvação *até aos confins da terra*" (At 13.46-47, grifo acrescentado).

A divisão tinha sido feita. O cristianismo e o judaísmo eram agora religiões separadas! Pedro, Tiago e João haviam feito o máximo para mantê-las unidas, mas a pressão do último mandamento de Jesus foi excessiva. Estender a bênção de Abraão a todos os povos da terra continuava sendo "a imutabilidade do seu propósito". Uma vez que o Senhor colocou-se sob juramento, Ele não pode e não quer mudar a sua vontade.

Depois, Paulo e Barnabé voltaram para as igrejas de Antioquia e contaram que Deus "abrira aos gentios a porta da fé" (At 14.27).

Essas igrejas, por sua vez, enviaram novamente Paulo e Barnabé a Jerusalém, a fim de conversarem com Pedro, Tiago e João, tentando resolver de uma vez por todas uma questão que ainda embaraçava muitos crentes judeus – os gentios convertidos, para serem salvos, precisavam submeter-se ao rito da circuncisão e obedecer todos os pontos da Lei de Moisés em todos os seus minuciosos

detalhes?

Pedro, reconciliado agora ao inevitável, lembrou ao conselho consultivo sua experiência na casa de Cornélio, anos antes: "(Deus) não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós? Mas cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram" (At 15.9-11).

Tiago, o irmão do Senhor, deu a seguir, a última palavra: "Expôs Simão (Pedro) como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome" (v.14).

Tiago colocara o dedo no ponto principal – era do interesse de Deus: tinha de ser, porque eles mesmos não pareciam se importar absolutamente! Ele continuou: "Conferem isto as palavras dos profetas, como está escrito: "Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi...Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome" (vv.15-17).

É possível que alguns dos apóstolos originais, presos à Palestina – pelo menos até essa conferência, finalmente começassem a abrir os olhos neste ponto para as possibilidades do ministério entre os gentios de longe. Ao ouvirem Paulo e Barnabé contarem a respeito da reação em larga escala entre os povos asiáticos, talvez fossem forçados a compreender que Jerusalém e Samaria não eram os únicos lugares onde havia ação!

Existe até mesmo uma teoria de que Lucas pode ter escrito o seu livro "Atos dos Apóstolos" como um manual disfarçado para encorajar os outros apóstolos e seus convertidos judeus a seguirem o exemplo de Paulo em evangelizar os gentios.

Em qualquer caso, a destruição de Jerusalém no ano 70 A.D. pelos homens de Tito, deve ter espalhado os apóstolos, pois quase nada restou de Jerusalém para que pudessem permanecer nela depois desse acontecimento.

Várias tradições citadas pelos primeiros pais da igreja e outras fontes indicam que: Tiago o Justo – irmão de Jesus na carne – jamais deixou a Palestina, mas foi martirizado em Jerusalém. Todavia, o apóstolo João estendeu o ministério de Paulo até a Ásia Menor e morreu na região de Esmirna e Éfeso.

O apóstolo Pedro ampliou seu ministério ao mundo gentio, chegando à distante Roma, e foi crucificado de cabeça para baixo pelos pagãos romanos nessa cidade.

Tomé, diz a tradição, permitiu que a última linha da Grande Comissão o levasse à "Índia". Naqueles dias, a palavra "Índia" signifi-

leva tudo o que estava a leste da Síria; porém a evidência indica que Tomé pode ter penetrado até a região de Madras, que fica na extremidade sul da Índia propriamente dita. Várias igrejas muito antigas nessa região se dão o nome de Mar Toma. O nome *Toma* talvez seja derivado de Tomé.

Conta-se que André viajou para o norte do Mar Negro, entre as tribos bárbaras da Cítia – antepassados de diversos povos modernos ao norte da Europa. Outros apóstolos aparentemente chegaram à Etiópia, África do Norte, Síria e possivelmente sul da Arábia. Os pesquisadores talvez venham a descobrir, algum dia, documentos antigos que esclareçam com mais exatidão o que realmente aconteceu nos últimos anos de vida de cada apóstolo.

O que por fim os convenceu de colocar realmente em prática a última linha da Grande Comissão do Senhor? Teria sido a leitura do livro de Lucas, "Os Atos dos Apóstolos", que explicava como realizá-la, que finalmente os levou a crer que podiam alcançar outros povos com o evangelho, como Paulo e Barnabé já faziam?

Ou teria sido a destruição de Jerusalém por Tito, em 70 A.D., a persuasão final que os forçou a sair de seu ninho de uma vez por todas? Qualquer que tenha sido essa força, a maioria deles colocou-se em movimento! E, desde então, pelo menos alguns cristãos têm continuado a mover-se em obediência à última ordem de Jesus. Mas nem todos, fique sabendo. Apenas uma pequena minoria tem obedecido à grande comissão em cada geração.

Porém, essa pequena minoria de cristãos vem sendo há dois mil anos o fator mais poderoso em toda a história! Os pontos altos de sua incrível história - deliberadamente subestimada ou até ignorada pelos historiadores seculares – será tema de um próximo livro.

Descreverei em detalhe alguns dos pontos negativos, tais como o holocausto muçulmano, os sacrifícios dos vikings e a praga.

Em último lugar, vou mostrar que nós, como cristãos modernos, nos apoiamos sobre os ombros dessa pequena minoria de precursores que compreenderam que a "linha de baixo" da aliança definia a "imutabilidade do propósito de Deus". Eles nos transmitiram esse entusiasmo que pode nos levar a abençoar todos os povos ainda não-abençoados na terra – caso não percamos esse impulso vital!

Portanto, temos em nossas mãos a possibilidade de, finalmente, fazer frutificar a promessa de 4.000 anos feita por Deus.

Se representarmos o fator Abraão, recusarmos qualquer pacto com o fator Sodoma e reconhecermos o fator Melquisedeque com o dízimo de crédito por ele merecido –

PODEREMOS CUMPRIR ESTA MISSÃO!

PERGUNTAS PARA ESTUDO

Capítulo 1

1. Quem era Epimênides? Quais as três teorias envolvidas em seu sacrifício incomum?

2. Compare a "porção de lã" de Gideão (Jz 6.36-40) com o "rebanho inteiro" de Epimênides. Este método geral de descobrir a vontade de Deus continua válido nos dias de hoje? Você já usou uma abordagem desse tipo? Quais foram os resultados?

3. Como Paulo reagiu diante da idolatria em Atenas? Com que base ele adotou uma atitude muito diferente em relação a um certo altar na cidade? De que modo a idolatria possui um "fator inflacionário embutido"?

4. O que é a Septuaginta? Qual o problema principal enfrentado pelos tradutores? Qual a solução encontrada por eles? Os apóstolos concordaram com essa solução?

5. Qual evidência indica que o apóstolo Paulo tinha conhecimento da história de Epimênides e, na verdade, o respeitava?

6. Além de *theos*, que outro termo grego familiar tornou-se aceito para designar a divindade, e em que base? Qual o apóstolo que popularizou o uso do mesmo entre os cristãos?

7. Quem eram Inti e Pachacuti? Com que base o último questionou as credenciais do primeiro?

8. Qual o principal fator político que prejudicou a reforma de Pachacuti? Ele poderia ter encontrado uma solução melhor para o problema?

9. De que modo os cristãos europeus traíram os astecas, os maias e os incas mais seriamente do que Cortez, Pizarro e outros

conquistadores?

10. Compare o discernimento espiritual do Faraó Akenaton com o do inca Pachacuti. Por que julga que os eruditos seculares praticamente ignoraram um, enquanto aclamaram o outro?

11. Trace paralelos entre o Antigo Testamento e as narrativas santal das origens do homem.

12. Que precedente bíblico, mencionado antes, justifica a aceitação de Thakur Jiu por Skrefsrud como um nome válido para o Todo-poderoso entre os santal?

13. De modo geral, como os teólogos reagiram às notícias de um fenômeno mundial do "deus dos céus"?

14. Como a religião popular do povo gedeo, na Etiópia, preparou o caminho para o evangelho?

15. O que fez o missionário Eugene Rosenau exclamar que o povo mbaka estava mais perto da verdade do que seus próprios ancestrais ao norte da Europa?

16. O que significam tradições *redentoras?* Por que não chamá-las *remidoras?*

17. De que forma principal a Grande Comissão contraria o orgulho humano?

18. Que grande erro, no modo de pensar dos primeiros teólogos chineses, abriu a porta e permitiu que o confucionismo, o taoísmo e o budismo suplantassem a adoração original de Shang Ti/Hananim?

19. Como o cristianismo tentou corrigir esse antigo erro?

20. Por que os missionários protestantes na Coréia fizeram um progresso inicial maior que o dos católicos e o que estes finalmente resolveram fazer para alcançar os primeiros?

Capítulo 2

1. Trace paralelos entre a Bíblia e as surpreendentes religiões populares dos povos karen, kachin, lahu, wa, lisu, naga e mizo. Quais as ênfases bíblicas principais que faltavam nessas religiões?

2. De que maneira essas várias religiões populares previram que Deus enviaria uma nova revelação para completar o que estava faltando?

3. Que desvantagens Ko Thah-byu teve de vencer mediante a graça de Deus, e o que ele realizou, fazendo com que viesse a ser chamado de "apóstolo dos karen"? O que o povo karen em seu todo fez para ajudar os outros povos ao seu redor?

4. De que forma errou o professor Hugo Bernatzik ao interpretar a verdadeira situação dos povos kachin e lahu?

5. Qual a nossa base bíblica para aceitarmos a existência de pagãos extraordinariamente esclarecidos como Epimênides, Pachacuti, Kolean, Pu Chan, Worassa, etc., como evidência de uma espécie de mensageiros *iluminados* de Deus, a fim de dar testemunho e preparar o caminho para o evangelho?

Capítulo 3

1. Qual o aspecto fascinante das culturas gentias que atraiu Paulo e como ele explicou o fato?

2. Como a observação de Paulo nos ajuda a compreender melhor a cultura dos dyak em Bornéu, as culturas asmat e yali de Irian Jaya (Nova Guiné), e a cultura havaiana da antigüidade?

3. De que forma os canibais-caçadores de cabeça asmat, de Irian Jaya, levam vantagem sobre o judeu Nicodemos?

4. Dê dois exemplos de conceitos bíblicos aparentemente codificados em ideogramas chineses.

5. Explique o conceito do *sagrado quatro*. Como as tribos de ín-

dios norte-americanos simbolizam o sagrado quatro?

6. Como a Bíblia destaca o número quatro? Quais os paralelos teológicos que oferecem melhor acesso ao evangelho para a mente do índio?

Capítulo 4

1. Como Edward Tylor aplicou a teoria da evolução de Darwin, a fim de explicar o surgimento da religião? Que evidência colhida ao redor do mundo refuta a teoria de Tylor? Como os primeiros evolucionistas reagiram a essa evidência? Cite dois etnólogos dos princípios do século XX que procuraram divulgar a evidência contraditória.

2. Mencione duas das principais implicações da teoria de Tylor e mostre como cada uma delas, levada até suas conclusões lógicas por certos indivíduos, resultou em desastre.

3. Qual a advertência dada pelo estudo do caso acima aos inovadores ideológicos?

4. Que desenvolvimentos históricos recentes estão tendendo a corrigir os efeitos desastrosos da teoria de Tylor?

Capítulo 5

1. Explique como as "linhas de cima e de baixo" da aliança abrâmica se completam.

2. Em que direção Deus "apontou" a bênção mencionada na "linha de baixo"? Mencione algumas narrativas do Antigo Testamento que mostram os filhos e filhas de Abraão executando a "linha de baixo" da aliança.

3. Que passagens indicam que os apóstolos Paulo e Pedro e o escritor da Epístola aos Hebreus consideraram a aliança abrâmica (incluindo a sua "linha de baixo") como fundamental para a era do Novo Testamento?

Capítulo 6

1. Cite alguns dos meios pelos quais Jesus revelou sua dedicação total à "linha de baixo" da aliança abrâmica através de todo o seu ministério, e não apenas no último minuto antes de sua ascensão.

2. Com base em Mateus 10.5-6 e 15.24, alguns dizem que Jesus veio oferecer aos judeus um reino físico, literal, dando-lhes domínio exclusivo sobre os gentios, e que Ele recorreu à Grande Comissão apenas como uma espécie de "plano B" – depois de os judeus terem rejeitado o plano preferido por Ele. Discuta esta teoria de acordo com Mateus 10.18 e outras passagens afins.

3. Descreva exemplos em que Jesus fez uso dos encontros com pessoas não-judias para ensinar uma perspectiva de todos os povos.

Capítulo 7

1. De que forma o ministério do diácono Filipe foi tão essencial?

2. Cite passagens em Atos que mostrem os 12 apóstolos disfarçadamente relutantes (se não declaradamente) em obedecerem à última linha da Grande Comissão.

3. Qual foi provavelmente o motivo mal disfarçado de Lucas ao escrever Atos?

4. Quais as duas novas idéias de Paulo? Qual a diferença entre uma igreja e uma sinagoga? E entre um grupo missionário e uma igreja?

5. O que havia de tremendamente injusto a respeito do acordo descrito em Gálatas 2.9?

6. Que "persuasões finais" Deus pode ter usado a fim de remover os apóstolos de seu ninho em Jerusalém?

BIBLIOGRAFIA

Bavinck, J.H. *An Introduction to the Science of Missions.* Traduzido por David H. Freeman. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1977. Bavinck, inclinado a desmerecer a importância dos paralelos bíblicos nas culturas pagãs, representa o que pode ser chamada de "abordagem da velha escola" à comunicação missionária.

Bennett, Wendall, e Bird, Junius. *Andean Culture History.* Lancaster, Press, Inc., 1949 e 1960.

Bernatzik, Hugo Adolf, com a colaboração de Emmy Bernatzik. *The Spirits of the Yellow Leaves.* Traduzido por E. W. Dickes. Londres Robert Hale Limited, 1951.

Bruce, F.F. *The Spreading Flame: The Rise and Progress of Christianity.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1958.

Brundage, B.C. *Empire of the Inca.* Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1963.
————. *Lords of the Cuzco.* Norman, OK: University of Oklahoma Press, 1967.

Bunker, Alonzo. *Soo-Thah – A Tale of the Karens.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1902.

Cottrell, Leonard. *The Horizon Book of Lost Worlds.* Nova Iorque: American Heritage Publishing Co., 1962.

Frazer, Gordon. *Symposium on Creation V.* Editado por Donald W. Patten. Grand Rapids: Baker Book House, 1975.

Fuller, Harold W. *Run While the Sun Is Hot.* Cedar Grove: Sudan Interior Mission, 1967.

Howard, Randolph L. *Baptists in Burma.* Filadélfia: The Judson Press, 1931.
————. *It Began in Burma.* Filadélfia: The Judson Press, 1942.

Jacobson, Daniel. *Great Indian Tribes.* Maplewood, NJ: Hammond, Inc., 1970.

Kang, C.H., e.Nelson, Ethyl R. *The Discovery of Genesis.* St. Louis: Concordia Publishing House, 1979.

Laertius, Diogenes. *Lives of Eminent Philosophers.* 2 vols. Traduzido por R.D. Hicks para a Loeb Classical Library. Londres: Harvard University Press, 1925.

Latourette, Kenneth Scott. *A History of Christianity, Beginnings to 1500, Volume 1.* Nova Iorque: Harper and Row Publishers, 1953.

——————. *A History of Christianity, Reformation to the Present, Volume 2.* Nova Iorque: Harper and Row Publishers, 1953.

Lutz, Larry. *The Mizos – God's Hidden People.* San José, CA: Christian Nationals Evangelism Commision, Inc., 1980.

McBirnie, William Stuart. *The Search for the Twelve Apostles.* Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1973

MacLeish, Alexander. *Christian Progress in Burma.* Londres: World Dominion Press, 1929.

Mason, Francis. *The Karen Apostle.* Boston: Gould and Lincoln, 1861.

Mayers, Marvin K. *Christianity Confronts Culture.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

Murphree, Marshall W. *Christianity and the Shona.* Londres: The Athlone Press, University of London, 1969.

Olson, Bruce E. *Por Esta Cruz Te Matarei.* Miami, FL: Editora Vida, 1979.

Palmer, Spencer J. *Korea and Christianity.* Korea: Hollym Corporation, 1967.

Purser, William Charles Bertrand. *Christian Missions in Burma.* Westminster, Inglaterra: Society of the Propagation of the Gospel in Foreign Parts, 1913.

Ray, Verne F. *Primitive Pragmatists: The Modoc Indians of Northern California.* Seattle e Londres: University of Washington Press, 1963.

Richardson, Don. *Senhores da Terra.* Venda Nova, MG: Ed.Betânia, 1978, 308p.
————. *O Totem da Paz.* Venda Nova, MG: Ed.Betânia, 1981, 236p.

Schmidt, Wilhelm. *Primitive Revelation*. Traduzido por Joseph Abierl. St. Louis: R. Herder, 1939.

Stickley, Caroline. *Broken Snare*. Londres: Overseas Missionary Fellowship, 1975.

Tegenfeldt, Herman G. *A Century of Growth – The Kachin Baptist Church of Burma.* Pasadena do Sul, CA: William Carey Library, 1974.

Thompson, Phyllis. *James Fraser and the King of the Lisu.* Chicago: Moody Press, 1962.

Tylor, Edward Burnett. *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization.* 1865.

————. *Primitive Culture,* 1871.

Smith, Alex G. *Strategy to Multiply Rural Churches – A Central Thailand Case Study.* Bangkok: O.M.F. Publishers, 1977.

Von Hagen, Victor W. *The Ancient Sun Kingdoms of the Americas.* Cleveland e Nova Iorque: World Publishing Co., 1957.

Weiss, G. Christian. *The Heart of Missionary Theology*. Chicago: Moody Press, 1976, 1977.

Wylie, Mrs. Macleod. *The Gospel in Burma.* Londres: W.H. Dalton, Bookseller to the Queen, 1859.

O Fator Melquisedeque

Deus preparou o mundo para o evangelho.

Uma vez por ano, os artesãos de uma tribo da Indonésia constróem um barco de madeira em miniatura e o levam à beira do rio. O chefe religioso da tribo amarra uma galinha num lado do barquinho e coloca uma lanterna acesa no outro lado. Logo em seguida, cada membro da tribo passa perto do barquinho e coloca um objeto invisível entre a galinha e a lanterna. Quando se pergunta às pessoas o que deixaram no barquinho, elas respondem: "Meu pecado". Depois, o chefe deixa o barquinho ser levado pela correnteza do rio, enquanto os espectadores gritam: "Estamos salvos!"

Embora esta cerimônia religiosa não salve ninguém do seu pecado, Don Richardson a vê como exemplo de uma ponte para o conhecimento do evangelho. Neste livro, Richardson conta mais 25 histórias fascinantes, que mostram a semente do evangelho deixada por Deus em cada cultura do mundo. Ele chama este tipo de revelação geral de Deus "O Fator Melquisedeque", usando o nome do sacerdote a quem Abraão prestou homenagem no livro de Gênesis.

Este livro mudará as idéias de muitos cristãos sobre os povos pagãos e sobre a soberania de Deus.

ISBN 85-275-0081-7
9 788527 500814